

O Grande
Livro das
Pessoas
sem
Nome

Leandro Soriano Marcolino

1^a Edição

Copyright © 2013
Leandro Soriano Marcolino
Todos os direitos reservados

Capa: Eloisa Lima Soriano Marcolino e
Leandro Soriano Marcolino

Visite a página do autor

www.leandromarcolino.com.br

Agradecimentos

Agradeço aos leitores que tiveram a paciência de ler e comentar meus primeiros rascunhos: Armando Alves Neto, Erickson Nascimento e Eloisa Lima Soriano Marcolino. Em especial, gostaria de destacar o trabalho de Armando Alves Neto, que fez uma rigorosa correção na ortografia e gramática do texto.

*Para minha esposa,
meus pais e
minhas irmãs*

Índice

<i>Identidade</i>	<i>1</i>
<i>Bondade</i>	<i>5</i>
<i>Beleza</i>	<i>9</i>
<i>Cultura</i>	<i>29</i>
<i>Desejo</i>	<i>35</i>
<i>Espaço</i>	<i>43</i>
<i>Linguagem</i>	<i>50</i>
<i>Emprego</i>	<i>59</i>
<i>Posses</i>	<i>79</i>
<i>Razão</i>	<i>100</i>
<i>Religião</i>	<i>108</i>
<i>Anor</i>	<i>116</i>
<i>Tempo</i>	<i>119</i>
<i>Sociedade</i>	<i>127</i>

Quem você é?

Vagueio
Pela rua escura.
Pergunto às sombras
Quem sou.
Mas elas me respondem apenas
Com o seu silêncio sarcástico.
Atiro-me no prazer
Buscando um sentido
Mas encontro apenas um precipício
De dor.
Sou carregado por mil vampiros
Às portas de uma igreja
Onde imploro por meu nome.
O mesmo silêncio sarcástico,
A mesma angústia,
O mesmo vazio.
Viro as costas
E volto às ruas e sarjetas gélidas
Da cidade.
Lindas prostitutas passam por mim
Mas nenhuma que saiba o meu nome.
Mesmo que soubessem,
Que saberiam?
Um nome não serve para nada.
Arrastando-me na escuridão
Vejo a placa da rua onde me encontro.
E leio, desesperado,
À procura de minha identidade.
Porém, descubro pasmo,
Que a rua possuía o meu nome.
Sentei-me na calçada,
E chorei.

Identidade

– Não, você não pode entrar.

– Como assim, não posso entrar? Eu trabalho aqui!

– Sinto muito, senhor, seu nome não está na portaria.

– Meu nome tem que estar na portaria, meu senhor, eu trabalho nesse prédio.

– Sinto muito. São as regras.

– Não. Não, não é possível. Estou nessa empresa há anos, trabalhei aqui ontem, droga, até me despedi de você quando ia embora, comentei sobre o tempo ruim que estava fazendo, a chuva.

– Não me lembro...

– Não se lembra? Caiu um toró danado, um pé d'água horroroso.

– Lembro da chuva, senhor, mas não me lembro de você.

Ficou em silêncio. A declaração, abrupta, sincera, ecoou em seu ouvido como uma ameaça.

– Não se lembra de mim? Como assim, não se lembra de mim? Trabalho aqui há anos, como pode não se lembrar de mim? Está certo que não conversamos, não somos amigos, nem sei seu nome, mas sempre te cumprimento quando chego, sempre me despeço ao sair, acho que merecia ao menos uma lembrança, uma vaga lembrança que seja, pelo menos um “acho que já vi esse sujeito em algum lugar”.

– Eu... sinto muito, senhor. Não tenho uma boa memória.

– Estou vendo! Estou vendo...

Pegou o celular, indignado, e ligou para o chefe.

– Olá! A droga do porteiro não está me deixando entrar.

– Desculpe... Quem fala?

– Sou eu!

– Desculpe, senhor, você poderia dizer o seu nome?

– Sou eu! Não está reconhecendo minha voz?

– Desculpe...

– Sou eu, chefe! Seu assistente!

– Que tipo de brincadeira é essa?

– Como?

– Não tenho assistente nenhum! Vai dar trote em outro, seu imbecil.

A linha foi desligada. Olhava pasmo para o telefone mudo em suas mãos. O porteiro o observava com um leve sorriso sarcástico nos lábios.

– Eu... Eu... acho que vou embora.

Saiu do prédio, segurando a mala com tanta força que fazia os seus dedos doerem. Não sabia o que fazer, para onde ir, em plena terça-feira de manhã. Será

que havia sido despedido? Mas não fazia sentido, sem nenhum aviso prévio nem nada. Não, não era possível, tinha que haver outra explicação. Mas qual?

Voltou para seu apartamento. Sentou na sala de visitas, a cabeça doendo de preocupação. Pelo menos, a atmosfera familiar o ajudava a relaxar. Sentia-se seguro, sentado confortavelmente no sofá conhecido, quente e macio. Fechou os olhos. Meu Deus, o quealaria para a esposa? Como iriam se sustentar agora, sem aquele emprego? Logo agora que as contas estavam mais equilibradas, logo agora que finalmente haviam decidido ter um filho... Ela estava tão feliz... Meu Deus, o quealaria para a esposa?

Ela entrou na sala. Seu olhar ferino o assustou.

– Querida, eu...

– Saia já daqui! - Gritou.

– Como?

– Saia daqui agora, senão eu vou ligar para a polícia!

– Calma, querida, apenas fui demitido, não precisa falar comigo desse jeito.

– Eu não estou brincando. Saia agora!

– Meu amor, vamos conseguir achar uma solução para isso, posso fazer uns bicos...

A mulher pegou o telefone. Ele sabia para onde estava ligando, fugiu desesperado de seu próprio lar. Sentia o coração ainda batendo forte, enquanto andava ofegando pela rua. Já haviam brigado antes, mas nunca daquela forma. Não depois que parou de beber. Ainda olhou uma última vez para seu apartamento, na esperança de ver o rosto conhecido aparecer na janela. Mas nada...

Andou sem rumo pelas ruas da cidade. Tudo parecia cinza e triste, naquele dia nublado de outono. As pessoas passavam apressadas ao seu redor como se não tivessem rosto, apenas manchas escuras em sua visão periférica. Atravessava as ruas como se não tivessem nome, cruzava avenidas que com certeza existiam no infinito de sua memória, mas não se dava ao trabalho de reconhecê-las.

Sentiu fome. Almoçou em um restaurante que jamais vira antes. A comida era deliciosa, apesar da aparência simples do local. Entrou no final de uma longa fila para pagar a conta, irritado e impaciente, como se estivesse atrasado para milhares de compromissos. Enquanto esperava, abriu a carteira para pegar o cartão... que não estava lá. Suava. O cartão não estava lá. Revirou a carteira, procurou dentro da maleta, olhou os bolsos. Nada. Pelo menos, encontrou uma nota de dez reais. Mas como faria sem seu cartão? Onde dormiria, como se alimentaria, sem a droga do cartão?

Entregou com tristeza sua única nota para a jovem que trabalhava no caixa. Ela ostentava um crachá no peito, mas não se deu ao trabalho de ler seu nome. A jovem devolveu dois reais, tudo o que lhe restava. Guardou o dinheiro no bolso, voltou para a rua, voltou para a multidão que o atravessava como se não existisse, como se fosse um fantasma empoeirado de tempos imemoriais que somente soltava gemidos para ninguém ouvir. Sentia-se só.

Resolveu andar até a casa dos pais. Era um caminho longo, demorou mais de uma hora para chegar. Parou em frente à casa, aquela construção alta e antiga de dois andares. De repente não queria mais tocar a campainha, não queria mais dizer quem era no interfone. Aproximou-se da porta alta de madeira, que o olhava com imponência. Suava, sentia-se nervoso em encontrar seus próprios progenitores, quase como se já soubesse o que iria acontecer. Seu dedo tremia tanto que teve dificuldade para tocar o interruptor. Quando finalmente acertou a mira, escutou o som que ecoava pelas paredes indiferentes da casa. Aguardou, apreensivo. Desejava nunca ter estado ali.

– Quem é? – A voz rouca e velha de sua mãe.

– Sou eu, mamãe.

Silêncio.

– Quem está aí? – A voz dura e forte de seu pai.

– Sou eu, papai.

– Saia daqui! Nunca tivemos filhos, seu vagabundo! Vai enganar outro! Cafajeste.

Abriu a boca para responder, mas as palavras não conseguiram sair. Não chorava há muitos anos, mas dessa vez não aguentou. As lágrimas caíam de seus olhos, fechando a sua garganta, dominando seu corpo e sua mente. Virou-se, tinha que sair dali, tinha que caminhar para longe, para algum lugar que não fosse aquele onde não o queriam. Andou com dificuldade, os pés pareciam sangrar a cada passo, apesar de não sair uma única gota de sua pele suada. As imagens estavam turvas pelas lágrimas, chovia, suas roupas estavam encharcadas, mas percebia isso tudo apenas levemente, como a brisa que toca nossa pele com seus dedos de seda. Adormeceu em um parque qualquer, em algum lugar qualquer da cidade.

Acordou no meio da noite. Não sabia as horas. O parque estava escuro e frio. Perdeu o sono. Levantou-se, mendigos roncavam a seu redor. Olhou para o céu estrelado, as estrelas sem nome o encaravam com fúria. Procurou o cruzeiro do sul, mas não o encontrou. Não existia nenhuma constelação naquele céu, apenas milhares de estrelas sem nome e sem rosto a percorrer os vazios de um universo infinito. Uma estrela cadente atravessou o espaço, vindo não se sabe de onde, indo para algum lugar qualquer.

Um vira-lata aproximou-se. O cão encarou-o por um longo instante, antes de inspirar profundamente, procurando fixar seu cheiro em sua mente canina. Afastou-se, então, rumo à escuridão do parque, talvez o único ser capaz de o reconhecer. Viu-se novamente só. Fechou os olhos e, num instante de desespero, tentou se lembrar de toda a sua vida, temendo tê-la esquecido.

Não havia esquecido. Talvez isso fosse o pior. Suas memórias a partir do terceiro ano em que caminhou por este mundo mantinham-se intactas em sua mente, dando-lhe todo o sentido de identidade que pode ter alguém que sabe seu nome, sua profissão, suas preferências, que conhece seus amigos, sua esposa, lembra algumas datas de nascimento e alguns telefones. Estava tudo ali, nas in-

terconexões de seus neurônios, tudo o que o fazia ser quem acreditava que era. O que estava errado, então?

Andou até a fonte, olhou o seu rosto na água, iluminado pela luz anônima da lua. Os olhos, as bochechas, os lábios, o nariz, as sobrancelhas, as orelhas, o cabelo, o queixo, tudo igual àquela velha imagem que tinha de si mesmo, com exceção das movimentações suaves provocadas pelo eterno deslizar das águas, com exceção do despenteado de seus cabelos que seria sempre diferente do de qualquer outra imagem que já vira de si. Viu as lágrimas de seus olhos encontrando-se com as águas da fonte, misturando com as outras milhares de gotas e perdendo o sal que as caracteriza.

Sentou-se na grama, encostou a nuca no mármore frio. Fechou os olhos, tentando sentir o suave caminhar da noite, mas o barulho dos mendigos sem nome o incomodava. Levantou-se, olhou ao redor, viu vários mendigos iluminados pela luz da lua, adivinhou mais centenas perdidos na escuridão. Todos compondo aquela sinfonia da inconsciência, talvez a primeira música que jamais foi tocada pela humanidade. Caminhou lentamente pelo parque, mais bancos e mais mendigos entravam em seu campo de visão, enquanto os outros perdiam-se em sua memória. Mendigos gordos, exalando sons graves, mendigos magros, soltando agudos sons no ar. Mendigos pequenos, acompanhados de sons altos, mendigos grandes, mas cujo corpo deixava escapar o mais baixo dos sons. Caminhava e caminhava, sempre vendo aquela imensidão de mendigos ao seu redor, homens e mulheres, adultos e crianças, todos abandonados no parque, compondo-o como as árvores sem nome que os viam nas centenas de seus pacientes anos.

A perna começou a doer. O corpo apresentava seus sinais de cansaço. Sentia vontade de parar, de deitar-se, de abandonar-se na doce bruma da inconsciência. Mas todos os bancos estavam ocupados, todos os bancos por onde passava continham mendigos anônimos. Arrastava-se, carregava o seu próprio corpo a cada passo. Finalmente, próximo ao vira-lata que novamente dava o ar de sua presença, avistou um banco vazio. Havia uma palavra pichada no encosto do banco, mas não conseguiu ler. Talvez fosse o seu nome. Talvez não. Mas deitou-se naquele banco, vencido pela tristeza, vencido pelo cansaço. Fechou os olhos. Deixou os músculos relaxarem.

A lua iluminava o parque, onde ele era mais um entre os mendigos sem nome que compunham a mais antiga das sinfonias. Podemos vê-los todos, em toda a sua diversidade, em toda a sua homogeneidade, como se fossem estrelas, sem nome e sem rosto a percorrer os vazios de um universo infinito. O vira-lata ainda atravessa o parque, vindo não se sabe de onde, indo para algum lugar qualquer.

Bondade

– É um assalto.

As palavras atravessaram o ouvido do motorista como se fossem armas. Era um assalto. Parecia inacreditável, mas as exclamações de medo e surpresa dos passageiros confirmavam que era real. Sabia que todos os dias corria o risco de ser assaltado, mas essa possibilidade de alguma forma sempre soara distante, algo que poderia acontecer com qualquer um, mas que por algum motivo inexplicável jamais aconteceria com ele. Mas se enganara. Claro que esse sentimento de segurança não foi fruto de nenhuma reflexão racional, era apenas aquele falso sentimento que todos precisamos ter para que consigamos sobreviver neste mundo onde a cada instante a morte está pronta para mostrar seus sedentos e afiados dentes caninos.

Um dos assaltantes exibia a arma, símbolo de sua força e poder. O metal frio parecia colado em sua mão, como se fizesse parte de seu próprio corpo aquele objeto que não tinha outra finalidade além de subjugar e destruir. Chegava a ser difícil dizer se era o homem que empunhava o revólver, ferramenta de seu assalto, ou se era o revólver que controlava o homem, como um parasita controlando um estúpido hospedeiro. Mas, independente de quem venciasse aquele jogo de poder, era o assaltante que abria a boca e requisitava relógios, tênis, dinheiro, celulares, colares e brincos que poderiam ter algum valor que não fosse meramente estético; além de qualquer objeto, enfim, que pudesse valer algum dinheiro, objetivo único e final de todo o seu trabalho e esforço. Enquanto isso, o outro assaltante mantinha uma arma colada à pele do motorista. O local coçava, como se reagisse a um corpo estranho, mas nada poderia fazer para eliminá-lo. Só restava assistir passivamente à conquista de seu corpo e de suas vontades por aquela ameaça muda de morte.

O assaltante mandou que continuasse dirigindo, sem parar em nenhum ponto. Engraçado como era fácil prosseguir, parar no sinal vermelho, acelerar no verde, observar quando havia uma parada obrigatória, dar a preferência quando a sinalização assim o requisitava, frear quando o carro da frente subitamente acendia suas perigosas luzes vermelhas. Era difícil apenas impedir o pé direito de pressionar o freio, quando uma pessoa levantava o braço e esticava o indicador, sinalizando o seu desejo de entrar, tão difícil que algumas vezes seu pé chegava a deixar o acelerador e tocar levemente o pedal ao lado, parando apenas ao se lembrar do metal frio que estava colado ao seu pescoço. Como era triste ver o rosto de um possível passageiro metamorfosear-se do alívio de quem finalmente via a longa espera aproximar-se do fim, para a profunda decepção de quem está prestes a enfrentar uma nova interrupção em sua vida, que poderá ser ainda maior do que a espera que julgara ter acabado. Mas o cano de metal e suas ameaças silenciosas impediam-no de fazer o que o seu corpo executaria com toda a naturalidade, dispensando qualquer intenção de buscar aqueles que pediam para que realizasse o simples ato de deixar o pesado ônibus perder a velocidade e abrir às

portas para quem quer que desejasse entrar e prosseguir com seu destino.

Pelo espelho seus olhos viam as pessoas entregando seus bens valiosos, seus ouvidos não podiam deixar de escutar o choro das mulheres e das crianças, algumas percebendo pela primeira vez como o fio que nos prende à vida é tênue e frágil. Tantas pessoas, que desejavam apenas se locomover, sair de um ponto e ir para outro, desejo tão normal a nós que já fomos nômades, que já tivemos que caçar para provar as delícias de um tenro alimento, e agora viam-se atacadas no caminho de suas rotinas, naquele ônibus que se recusava a parar, avançando incansavelmente pelas ruas e avenidas de uma cidade que não se importava nem um pouco com o que acontecia lá dentro. Sua boca desejava gritar, gritar para que parassem, gritar pela polícia, seus pulmões chegavam a preparar o ar para uma comunicação que jamais existiria, pois a sensatez segurava os seus lábios com força, machucando-os. Que polícia o escutaria atrás dos vidros fechados do ônibus? Que bandido pararia e desistiria de suas recompensas pelo simples pedidos desesperados de um pobre motorista? De que adiantaria sacrificar sua própria vida, arriscar o sangue que deslizava por seu corpo, em uma vã tentativa de impedir que seus passageiros fossem atacados? Nada podia fazer além de continuar os movimentos naturais de seu corpo, que controlavam a grande caixa de metal como se fizesse parte de si, fazendo curvas como se girasse o seu próprio tronco, acelerando como se aumentasse a velocidade de suas próprias pernas, freando como se protegesse o seu próprio organismo.

Parou em um sinal vermelho. Um policial fez sinal para entrar. A mão esquerda chegou a deixar o volante, desejando ir até o botão que abriria a porta. Mas o assaltante pressionou o metal com mais força em sua pele, lembrando das consequências imediatas de qualquer ato desagradável. A mão esquerda voltou ao volante, obediente, volátil, dócil, enquanto o policial era deixado para trás, sem compreender o que acontecia. Enquanto isso, o outro bandido pegava toda a mísera aposentadoria de uma senhora, que se indagava como faria sem aquele dinheiro. O motorista não conhecia sua história, mas adivinhava outras mil muito piores, outras cem muito mais tristes, outras dez muito mais assustadoras.

Via o senhor de óculos fundos e bengala abrindo uma geladeira sem uma única comida para apaziguar-lhe a fome, via a linda rapariga loira sendo espancada pelo pai furioso por ter perdido o dinheiro da bebida, recebendo golpes tão fortes no rosto que chegavam a quebrar-lhe os óculos, via o garoto tendo o resto de sua vida marcada por aquele dia, tendo que tratar-se durante anos para superar o trauma que o impedia de sair de casa e ter a vida despreocupada que apenas as crianças merecem ter.

Por trás dos vidros do ônibus, todos que entravam em seu campo visual pareciam ser bandidos, os mendigos prontos para atacar qualquer um para finalmente ter algo para comer, os ricos prontos para fraudar e enganar apenas para acrescentar mais números à louca matemática em que viviam, os homens prontos para estuprar e as mulheres prontas para seduzir e destruir. Viu nas mãos de um homem alto, vestido de preto, a própria foice da morte que um dia há de

nos levar a todos, como se andasse pelas ruas sujas da cidade escolhendo arbitrariamente quem seria o próximo a ser ceifado. A noite já subia no horizonte, trazendo toda uma série de visões comuns a seus pesadelos. Todo o mundo parecia ameaçá-lo, todo o universo parecia pronto para atacar a qualquer instante, preparando os seus milhões de cometas para cair em um único momento em quem quer que estivesse no fim da linha vermelha de seu destino. A segurança com que vivera por toda a sua vida parecia ser os inacreditáveis delírios de um louco; os planos que traçara para o seu futuro pareciam meras utopias impossíveis, prontas para serem destruídas com o simples apertar de um gatilho, o simples cortar de uma faca, o simples movimento de uma velha foice enferrujada.

Lembrou-se, naquele momento, do dia em que pegara o lápis de um colega, nos inocentes anos de sua infância, quando a posse e a propriedade ainda estavam sendo impostas a seu super ego. Jamais pensara naquele dia novamente, a lembrança estava apagada como algo sujo que não desejava voltar a ver, mas não poderia ser removida com a mesma facilidade com que apagamos um palavrão com uma borracha. Estava ainda tão viva em sua memória, tão presente aquele passado, que podia ver em sua frente o belo lápis azul, com círculos pretos de mesmo raio por toda a sua extensão, e uma borracha rosada na ponta. Podia sentir novamente aquele profundo e insuportável desejo de posse que tomara conta de seu espírito. Via o menino levantando-se, (como ele chamava mesmo?), dirigindo-se para fora da sala ao término das aulas, pronto para receber os doces carinhos de sua amorosa mãe, enquanto o lápis paciente mantinha-se deitado ao lado da carteira, esperando ser apanhado por quem o desejasse. Como foi doce aquele toque com a madeira polida, que fizera vibrar cada batida de seu coração. Aquele sentimento viciante de posse, de conquista, que com certeza devia ser o mesmo sentido pelos maiores generais ao admirar o campo sujo de sangue. Podia sentir novamente o contato da madeira em seus dedos, deslizar na superfície lisa até encontrar o contato da borracha, enquanto a outra mão espetava-se no grafite afiado, até sair um fino filete de sangue. Naquela noite dormira segurando o lápis, enquanto sua mente sonhava com toda a série de conquistas que lhe preparava a vida. Jamais pensaria que aquele ato logo se tornaria em um motivo de vergonha e arrependimento que tentaria esconder de si mesmo por quase quarenta anos de sua existência.

O tiro o trouxe de volta à realidade que se gritava presente. Controlou o impulso de virar-se subitamente para trás, pois temia a reação do bandido que o ameaçava. Levou os olhos ao espelho, em um movimento incredivelmente tão calmo que perturbava o seu espírito ansioso. Felizmente, a imagem mostrou-lhe que ninguém estava ferido. Uma jovem, pálida, no fundo do ônibus, entregava ao assaltante um colar que o motorista subitamente teve a certeza de que era uma joia. Talvez pela relutância e desespero que via, ou adivinhava, nos olhos da mulher. Talvez pelo esboço de satisfação que podia quase enxergar nos lábios do assaltante. De alguma maneira, sabia que aquele colar não poderia ser apenas uma bijuteria. Poderia ter sido resultado do árduo trabalho e esforço da jovem, que durante meses economizara para poder exibir um falso status social

que tanto sonhava em possuir; poderia ter sido um presente de um rico jovem apaixonado, que provavelmente a deixaria depois da primeira noite de amor; poderia ser fruto das arriscadas fraudes e especulações de seu pai. Mas agora se perdia, retornando ao vazio de onde viera.

Os assaltantes mandaram abrir a porta frontal, o que fez com um sentimento que se aproximava do alívio, ao ver o espaço por onde finalmente iriam sair, deixando sua vida para sempre. Por um instante, um desses loucos instantes em que pensamos as coisas mais inverossímeis, chegou a acreditar que seria capaz de esquecer tudo aquilo. Mas um dos bandidos, talvez o que o ameaçara o tempo todo com o revólver, talvez o que atacara seus passageiros, retirou um pacote da sacola e estendeu a mão que o segurava, como se oferecesse um presente.

– Cê é gente boa, motô. Toma esse perfume que peguei antes de entrar no balaio.

O motorista olhava incrédulo para o belo pacote da Água de Cheiro, exibindo toda a delicadeza de flores e folhas, que remetiam a uma tranquilidade e beleza quase bucólica. Segurou o volante com força, como se quisesse impedir suas mãos de se condenarem ao pegar o pacote oferecido. Mas não sentiu a borracha dura do volante. Sentiu aquela delicada borracha rosa, em seguida o contato doce da madeira lisa. Lembrou-se daquele sentimento viciante de posse, de conquista, do lindo campo sujo de sangue. Como desejava espetar a ponta do dedo no grafite afiado, e ver novamente aquele filete fino vermelho. O outro assaltante puxou o colega, ansioso.

– Vão logo. Tá chamanu atenção dos neguim.

– Pega logo aí, motô. Num tomei esse aqui no balaio não.

Pegou o pacote. Foi inacreditável ver suas mãos irem em direção à caixa, enquanto sua boca quase murmurava um obrigado, como se seu corpo subitamente tivesse assumido uma outra vida, como se um alter ego houvesse se revelado. Ou, então, (e isso que mais o assustava) como se uma máscara de moral e ética tivesse sido violentamente arrancada, exibindo aquele monstro que sempre tentara esconder. O contato da caixa em seus dedos parecia ser o contato liso da madeira de um lápis, o que ao mesmo tempo agradava imensamente os seus sentidos, mas o machucava, como se arrancasse um filete fino de sangue de seu dedo. Justificou mais tarde que pegara o perfume por medo, que temia a reação do bandido, que queria proteger seus passageiros, que temia a afiada foice da morte, mas sabia que não era verdade. Pegou o perfume por algum motivo que estava além da sua capacidade de compreender a si mesmo. Ou por um motivo tão simples que jamais teria a coragem de admitir.

Ao chegar em casa, no amanhecer do dia seguinte, trancou-se no banheiro e chorou, chorou como um bebê. Felizmente a esposa já havia saído para o trabalho. Quando ela retornou (a noite já caía no horizonte), ele entregou-lhe o pacote com um sorriso nos lábios. Os olhos da mulher brilharam de satisfação ao ver o vidro caro e elegante, tão além do que sabia que seu marido poderia ousar gastar. Agradeceu com um beijo delicioso, enquanto começava a desabotoar-lhe a camisa.

Beleza

“Ave Maria
Gratia plena
Dominus tecum
Benedicta tu
In mulieribus”

I

Quando ela acordou, após uma tumultuada noite de sono, percebeu que havia se transformado em uma mulher muito gorda. Deitada, com as largas costas apoiadas sobre a cama, levantou um pouco a cabeça, de forma a ver a grande barriga arredondada, podia quase imaginar os arcos que dividiriam as secções de um inseto gigante. O lençol não conseguia cobri-la toda e parecia prestes a deslizar para fora da cama. Suas pernas, antes tão finas e delgadas, agora em desespero balançavam grossas no ar.

Levantou-se com dificuldade. Suava, não sabia se devido ao esforço gasto para se levantar ou ao medo que a dominava. Sentia-se pesada, o caminho antes tão curto até a porta parecia ser longo devido à lenta movimentação de seus membros. À medida que sua mente despertava, a imensidão do problema que deveria enfrentar se tornava mais clara em seus olhos. Ontem dormira magra, hoje acordara gorda. Como algo assim pudera acontecer? Era tão cuidadosa, está certo que uma vez ou outra comia doces escondida, uma vez ou outra passava um pouco dos limites, principalmente durante as festas, semana passada tomara um copo de refrigerante que não era diet, mas... Poxa, era tão pouco que ficaria surpresa se no último mês tivesse engordado dois ou três quilos. Essa metamorfose, da noite para o dia, era assustadora.

Queria continuar no quarto. Sentia-se segura na solidão da penumbra, podia até mesmo dizer a si mesma que estava sonhando. Era necessário que outra pessoa a visse e a declarasse gorda para que realmente acreditasse, ou até mesmo para que realmente o fosse, e enquanto permanecesse no quarto a chance disso acontecer era menor. Mas sabia que não poderia continuar ali para sempre, tinha uma família, um emprego, um noivo, objetivos enfim, e deveria continuar o longo caminho que trilhava em sua vida. Olhou angustiada para o despertador, eram nove e meia. Nove e meia! Devia ter chegado na loja às oito horas da manhã. Suspirou. Como sairia do jeito que estava? Que roupa vestiria? Como poderia encarar os olhos das outras pessoas, que com certeza não deixariam de julgá-la? Como poderia encarar novamente o seu noivo?..

Sentou-se no chão, suas mãos cobriam o rosto, como se tentassem impedi-la de chorar. Notou, assustada, como estavam grossas, largas, pesadas e carnudas. Chegava a ser difícil movimentá-las. Afastou-as e as observou por um longo momento. Mexia os dedos, como se tentasse certificar-se, incrédula, de que eram realmente seus.

– Filha? – A voz de sua mãe invadia a segura penumbra do quarto. – Minha filha, já não deveria ter ido para o trabalho? Acorde!

Os passos indicavam que estava se aproximando. Milhões de ideias cruzaram sua mente, procurando uma forma de se esconder. Todas inúteis. De que adiantaria enfiar-se debaixo da cama, onde provavelmente nem conseguiria mais entrar; de que adiantaria ficar atrás da porta, que não poderia ser suficientemente aberta por alguém antes que esbarrasse nos limites de sua carne; para que trancar-se no banheiro, de onde teria que sair um dia para viver e alimentar-se? A realidade estava ali, além daquela segurança delimitada pelas quatro paredes de seu quarto, e não poderia ignorá-la. Abriu a porta.

Sua mãe a olhou como se visse um fantasma: os olhos, gordos, incrédulos, piscaram várias vezes por trás dos óculos de aro fino. Sentindo a vergonha subir vermelha ao seu rosto, percebeu, pela primeira vez em sua vida, que sua mãe poderia ser bela. Os cabelos eram curtos e encaracolados, ao invés de longos e lisos, os olhos castanhos, e não azuis, a pele já mostrava os inevitáveis sinais da idade. Mas havia algo, que não conseguia definir muito bem, que jamais saberia explicar, que poderia ser belo.

– Filha? O que aconteceu?

Não respondeu. Continuou parada, no limiar da porta, ainda do lado de dentro do quarto. Olhava para baixo. A possibilidade de beleza de sua mãe aumentava ainda mais a sua vergonha.

– Fale comigo, minha filha, por favor...

Não aguentou. Bateu a porta e se atirou na cama. A madeira rangeu, reclamando da violência e do peso. Lágrimas grossas tentavam sair de seus olhos, mas as sufocava com o travesseiro.

Seu pai, após chegar do trabalho, já no cair da tarde, bateu de leve na porta. Ignorou, tudo o que queria era a solidão. Era impossível estar feia sem um par de olhos a julgá-la. Não seria gorda dentro da segurança das quatro paredes cegas daquele quarto, desde que não tivesse a audácia de se encarar em um espelho. Escutou a voz fina de sua mãe pedindo-o para que a deixasse em paz. Assim, passou todo o dia e toda a noite que se seguiu fechada naquele quarto, sem comer e sem beber nada.

Acordou tarde no dia seguinte, novamente atrasada para o trabalho. Abriu os olhos na esperança de encontrar-se novamente magra. Mas nosso sistema visual é cruel. Em milésimos de segundo, os raios luminosos que entraram por sua retina queimaram todas as suas esperanças. Estava gorda. Estava feia. Cruel realidade, aproximada nua e crua da melhor forma possível por nossa percepção fria e impassível.

Iria perder o emprego, tinha certeza. E nem seria por causa do atraso, ou por ter faltado no dia anterior, mas simplesmente porque perdera a beleza. Tinha agora gordura demais para a vaga que ocupava. Demissão por justa causa. Sem direito a seguro social. E ainda tinha que arrumar alguma desculpa para dar ao seu noivo...

Abriu o armário, determinada a escolher a roupa mais bonita para sair para o trabalho. Chegou mesmo a olhar algumas blusas, analisar as estampas, tentar lembrar-se das cores que emagrecem, por alguma forma mágica que só as cores sabem fazer. Lembrou-se, porém, de duas coisas importantes. Assim é a nossa mente, parece esquecer o mais relevante, perdida em uma longa série de divagações, especialmente enquanto se diverte fazendo algo que sempre fora um grande prazer. Esquecera que suas roupas não mais caberiam, apesar da camisola e das roupas de baixo que vestia ainda servirem perfeitamente, por algum milagre que não saberia explicar. Também se esquecera de que estava faminta. Já tinha peso demais, mas a carne não se cansa de seu desejo insaciável. Precisava comer, acrescentar mais massa e gordura ao seu corpo, que por alguma maldade da natureza se recusava a gerar energia somente com o que já estava armazenado. Afinal, nem só de pão vive o homem, também há vitaminas e proteínas, o que nos leva a um desejar sem fim. Isso sem falar do ferro e outros sais minerais. Esse impulso animalesco pela sobrevivência era mais forte do que a sua determinação para voltar a ser quem era. Permitiu suas gordas pernas levarem-na até a cozinha, para que o seu gordo estômago pudesse se alimentar.

Sua mãe, em pé ao lado da mesa, ainda de camisola, olhou-a com toda a ternura que seus cansados olhos conseguiam expressar. Como invejou o seu corpo fino, tão bonito por trás da camisola branca, que parecia reforçar todas as curvas que escondia.

– Liguei para o doutor, filha. Ele disse que pode ser alguma disfunção da tireoide, apesar de nunca ter visto um caso clínico tão agudo. Marquei uma consulta para semana que vem.

Custou para fazer a pergunta que machucava a sua garganta:

– Tem cura?

– Ele disse que talvez possa ser feito um tratamento hormonal.

Ah!, o doce toque da esperança. Nada como ter um nome para o seu problema e uma possibilidade de solução!.. Isso já a fez sentir-se um pouco melhor.

– Ontem comprei umas... roupinhas, filha. Estão em cima da mesa da sala. Espero que estejam no número correto, se não estiver posso trocar hoje.

– Obrigada – uma palavra parecia tão pouco para a gratidão que sentia. Mas não conseguiu mais nada além daquela que escapou seca de seus gordos lábios sem batom.

Estava faminta. Foi necessário imenso auto-controle para comer apenas um pão com manteiga light e tomar um copo de leite desnatado. Quando deixou a cozinha, seu estômago ainda reclamava de fome, reclamava do dia anterior. Como era difícil lidar com os desejos e necessidades do próprio corpo, quando se voltavam contra a razão que possuía a ilusão de dominá-los.

Olhou para as roupas largas em cima da mesa. Teve vontade de chorar. Apesar de belas, eram a representação concreta de seu infortúnio, os novos objetos que passariam a fazer parte de seu novo dia-a-dia, compondo a sua nova identidade. Levou-as até o quarto e escolheu a que lhe parecia mais agradável para sair

para o trabalho: uma azul-marinha. Dizem que roupas escuras emagrecem, por alguma forma mágica que só as cores escuras sabem fazer. Não sabia se era ou não verdade, mas tentaria qualquer coisa para pelo menos parecer um pouco menos gorda.

Retirou a camisola. Olhou-se no espelho. Tornou-se gorda, pelos olhos que a encaravam. Quem era aquela mulher que a olhava por trás do vidro? Reconheceu a cor dos olhos, o corte de cabelo, o nariz e as orelhas. Mas era a primeira vez que encarava aquele rosto cheio, redondo, o pescoço grosso. Encostou a mão no rosto, quase que para certificar-se de que era realmente o seu. Sentiu o toque daquela mão gorda, denunciando que era realmente o seu corpo que a julgava por trás do espelho. Onde estava o seu rosto fino e delicado, suas mãos esbeltas, seu pescoço magro? Onde ela estava? Por que se perdera? Quem era agora? Uma fina lágrima escapou de seus olhos redondos.

Desviou o olhar do espelho, não queria mais encarar aquela mulher tão feia. Colocou a roupa nova. Pelo menos, era bom finalmente vestir algo diferente da camisola. Respirou fundo, juntando coragem, e encarou novamente a realidade que fingia se refletir no vidro. Já estava com uma aparência um pouco melhor, a roupa era bonita, apesar de ser tão larga, e escondia seu corpo. Lavou o rosto, caprichou na maquiagem, penteou os cabelos. Analisou o seu rosto novamente, com uma frieza que a surpreendeu. Estava um pouco menos feia. Mas jamais conseguiria disfarçar o rosto redondo com a maquiagem, e o azul marinho quase não havia feito diferença. Talvez as cores não sejam tão mágicas assim... Pensou em desistir. Por que encarar um mundo que com certeza faria de tudo para humilhá-la? Por que fingir que continuava a ser quem era, quando na verdade jamais poderia voltar a ser? E, afinal, quem era agora? E quem já fora um dia?

Sempre se irritara com os olhares que os homens lhe dedicavam quando andava pela rua. Mas agora que não mais os recebia, sentia uma certa falta, uma certa angústia, que não conseguia explicar. Apesar do ônibus lotado, ninguém sentou ao seu lado. Todos pareciam fazer questão de ignorá-la, o que só reforçava o quanto a julgavam. Jamais havia imaginado que pessoas desconhecidas pudessem provocar tamanha solidão. A beleza das outras mulheres a feria, como um sorriso sarcástico. As jovens com seus vestidinhos curtos e corpos esbeltos, usando aquelas cores mágicas que fazem emagrecer e algumas... Algumas eram tão magras que faziam questão de usar as cores que fazem engordar, apenas para exibir sua magreza arrogante. Ah, e aquela bela garota magra, jovem, exibindo um colar de pérolas redondas no pescoço... Tinha certeza de que era o presente de algum rico jovem apaixonado, que com certeza a deixaria depois de usá-la na primeira noite de amor.

Entrou na loja. Teve a impressão de que vários clientes olharam-na imediatamente, virando os rostos concentrados em roupas e estampas para subitamente a encarar com desprezo. Uma de suas colegas aproximou-se, com um ar mecânico e indiferente, tentando disfarçar o ar de superioridade, apesar do sorriso fino estampado na cara:

– Boa tarde, senhora, em que posso ajudá-la?

Não respondeu. Não podia compreender o que estava acontecendo. Não havia sido reconhecida!? Era tão irracional quanto perder a própria identidade. Tão irracional quanto perder o próprio nome. Sentia um forte desconforto, que crescia e crescia a cada instante do silêncio que se seguiu, enquanto sua colega a encarava com firmeza. Finalmente, o olhar redondo, espantado, deu seus ares de reconhecimento:

– Meu Deus!

Não respondeu. Não sabia como reagir, para onde olhar, nem ao menos como deveria se movimentar, enquanto o desconforto e a vergonha cresciam em sua mente.

– O que aconteceu? Ficou doente?

– Não, não, estou bem...

– Estávamos preocupadas por não ter vindo trabalhar ontem... – um instante de silêncio, enquanto a encarava – Você... você... está grávida?

– Não, não, eu estou bem...

Virou as costas bruscamente, e caminhou até a seção onde deveria trabalhar, ao lado dos vestidos esporte fino. Estava consciente de que era a única vendedora sem uniforme, o que a fazia sentir-se extremamente desconfortável, mas afixou o crachá que a identificava. Era estranho, ver seu nome e sua foto naquele pedaço branco de papel, tudo parecia ser tão arbitrário, aquele rosto magro tão irreal. Já havia existido um dia? Aquela mulher esteve viva um dia, vendendo vestidos esporte fino neste mesmo local? Como poderiam ser a mesma pessoa, afastadas apenas por um curto período de tempo, e muitos e muitos quilos de massa?

Os clientes a olhavam com estranheza. Mexia-se com desconforto. Alguns chegavam a encará-la fixamente, como se vissem algo nojento, perigoso, uma barata que tivesse invadido a loja e que ameaçava roer as roupas. Suava. Chegava quase a sentir a vontade deles de pisarem em cima dela, aniquilando-a, sujando o chão com o seu sangue de verme.

Sua chefe aproximou-se. Observou invejosa o lindo corpo que possuía, no esplendor de seus trinta anos, que balançava com suavidade enquanto se movimentava, adornado por roupas da mais alta fineza e elegância.

– Querida, o que está acontecendo?

– Nada, nada, estou bem.

– Sei que não está bem. Quantos vestidos você vendeu hoje?

Calou-se. Suava frio. Tinha preparado uma desculpa por ter faltado no dia anterior, mas não esperava por aquela pergunta. Não sabia para onde olhar, não sabia o que fazer com seus olhos, sua cabeça, suas mãos, seus pés. Sempre aquele imenso desconforto.

– Não vendemos um único vestido, querida, não é verdade?

Não respondeu. Era verdade, não vendera nem um único vestido. Não que

fosse a primeira vez que isso acontecera, já tivera azar duas ou três vezes, mas era a primeira vez que esse acontecimento fora causado exclusivamente por sua culpa e não havia sorte ou azar que poderia usar como uma vã tentativa de explicação.

– Você tem um mês, minha querida. Faça regime, vá para um SPA, para de comer, o que seja, sei lá, se vira! Se vira! Se em um mês não voltar do jeitinho que era, vou contratar outra vendedora.

Caminhou, cabisbaixa, até o seu posto. Um mês... Tão pouco tempo. Que regime poderia fazer?.. Haveria um SPA que poderia ajudá-la? Conseguiria simplesmente parar de comer?.. Seria possível recuperar o seu corpo, resgatar a sua identidade? Haveria uma forma de voltar atrás, e resgatar a vida que construía com tanto esforço, ao longo de toda a sua existência? Olhava triste para os elegantes vestidos, consciente de que estava alienada daquele mundo de onde vivera, alienada daquela linda mulher que costumava ocupar este mesmo local, aquela linda mulher que vendia vestidos esporte fino neste mesmo posto e usava este mesmo crachá. Sentia-se tão vazia e tão desconfortável...

– O que está fazendo aí? Vá para casa, minha querida, agora!

– Mas ainda não terminou meu turno...

– Não quero saber. Para casa, minha linda, agora! Só quero te ver de novo daqui a um mês, se você conseguir terminar com este... com este... absurdo!

Saiu da loja. Sentia-se como um cachorro expulso de seu próprio lar, como um homem que não é reconhecido por sua própria esposa. Ela era um absurdo... Tudo o que foi, todos os seus sonhos, convertidos em uma única palavra: se tornara um absurdo. Um gordo absurdo. Um absurdo gordo. Olhou incrédula para o sol redondo que se mostrava alto no horizonte, denunciando que ainda era de tarde, ainda era cedo para que estivesse exposta do lado de fora, com o tempo livre para fazer o que quisesse; irônico esse mundo, agora o que mais queria era voltar ao trabalho e ter o que fazer. Não há satisfação alguma em não fazer nada.

Começou a chover. Retirou a sombrinha de dentro da bolsa. Era pequena demais, não conseguia mais do que proteger uma pequena parte de seu corpo. Enquanto caminhava, tentava imaginar uma forma de perder tanto peso em apenas um mês. Teria que praticamente parar de comer. Suas experiências anteriores sempre foram com dietas para perder dois ou três quilos, no máximo cinco. Mas talvez fosse possível, já que conseguira ganhar tanto em apenas uma noite... Talvez um mês seria suficiente para perder tudo. Rezava para que o médico tivesse alguma solução milagrosa, um remédio que resolveria todos os seus problemas. Ah, como gostaria de tomar uma pílula rosa e redonda e acordar no dia seguinte como ela mesma, ser exatamente quem foi. Sentia-se agora sem personalidade, uma sombra, uma não existência condenada que podia apenas buscar retornar a ser o que já foi. E aquele desconforto horrível, aquela sensação eterna de estar sendo olhada, avaliada, julgada, apontada, em cada um de seus movimentos. Sentia-se suja.

Passou em frente a uma loja de quadros e molduras. Olhou a vitrine, distraí-

da, tentando imaginar por que aquelas imagens borradas, feias e sem sentido eram chamadas de arte. Figuras geométricas distorcidas, cores jogadas em uma tela, um homem careca a gritar durante o pôr-do-sol. Qual é o valor de algo que não é belo, afinal? Como podiam colocar um preço naquelas cópias de quadros que não lhe excitavam a menor sensação de realidade, muito menos de beleza? Por que suportavam imagens tão feias, e, muito mais além, as vendiam como algo que deveria ser buscado ou desejado? Quem desejaria o feio? Enquanto passeavam pelos quadros, seus olhos encontraram um que a fez arrepiar: uma mulher gorda, vestida de azul, segurando uma sombrinha. Parou de andar subitamente. Lágrimas redondas queriam brotar de seus olhos, enquanto o contemplava. Com dificuldade, leu o título da obra: Mulher com Sombrinha, de Fernando Botero. Como ela parecia infeliz!.. Um conjunto de sensações se misturavam em sua mente, não conseguia desgrudar os olhos daquela mulher de cabelos castanhos presos com arco azul, brincos e unhas pintadas de vermelho. Como ela poderia ser bela!.. O quadro, em si, provocava-lhe uma sensação de beleza, mas todo aquele peso da mulher, toda aquela gordura, a chocava, como uma afronta, e ao mesmo tempo a atraía, quase como se fosse uma erótica pintura pornográfica, apesar de todas as suas roupas.

Voltou a caminhar, tentando esquecer a imagem que se fixara em sua mente. O rosto triste da mulher a incomodava. Parecia anunciar um destino que se revelava com uma força cada vez maior. Chegou ao ponto de ônibus. Havia uma farmácia em frente; a balança, do lado de fora, a convidava a medir o seu infortúnio: estava com tantos quilos de massa, tantos quilos de depressão, tantos quilos de tristeza, alguns gramas de esperança. Queria saber o seu peso e ao mesmo tempo não queria, como se pudesse disfarçar a sua própria realidade ocultando aquela simples informação de si mesma. Nervosa, subiu na balança, via com desespero os números aumentando e aumentando, até atingirem exatos cem quilos. Cem quilos!.. E pensar que há dois dias pesava cinquenta e nove!..

O celular tocou, assustando-a. Olhou o nome no visor. Era o seu noivo. Meu Deus, tinham um encontro marcado essa noite! O que faria? Que desculpa poderia inventar? Nunca fora uma boa mentirosa... Sua vontade era de não atender o telefone, sumir, desaparecer da sociedade, não ser julgada, olhada, condenada. Não seria gorda sem dois olhos para encará-la. Era estranho como o celular parecia tão pequeno e inofensivo em sua mão grande, redonda e grossa...

- Olá, querida.
- Olá.
- Você não conversa comigo há muito tempo. Aconteceu alguma coisa?
- Não, não, nada.
- Sério, eu não queria ter te magoado aquele dia. Desculpe...
- Não, não, não se preocupe. Está tudo bem...
- Vou passar na sua casa às oito, ok?
- Não.

– Como assim? Sério, me desculpe, eu... não fiz por mal. Você sabe que eu te amo muito...

– Sim, sim, não se preocupe.

– Quer que eu vá mais tarde?

– Não, eu... não vou sair hoje.

– Nós podemos ver um filme na sua casa, então.

– Não.

– Querida, por favor... O que aconteceu? Converse comigo... Você ainda está magoada por causa daquele dia?

– Não, não, eu... eu... estou muito gorda para sair.

Desligou o telefone. As lágrimas escorriam pelo seu rosto. “Estou muito gorda para sair”. Era uma idiota. Por que não inventara uma desculpa qualquer? Falasse que a mãe estava doente, fingisse que ainda estava chateada, sei lá, qualquer coisa seria melhor do que aquele estúpido “estou muito gorda para sair”. Era uma idiota.

O telefone, pequeno e inofensivo em sua mão, tocou novamente. Não queria atender. Não deveria atender. Mas atendeu.

– Querida, – um sorriso mudo do outro lado da linha, um tom irônico na voz, como um adulto que fala a uma garotinha que não há nenhum monstro dentro do armário. – você não está gorda, meu amor. Você é linda. E se tiver engordado alguns quilinhos a mais, qual é o problema? É normal. Não vai me incomodar, prometo. Eu te amo, querida. Não se preocupe. Posso ir na sua casa hoje à noite?

“Mas, querido, eu não engordei uns quilinhos a mais. Engordei quarenta e um quilos em uma noite.”

– Venha daqui a um mês.

– Daqui a um mês?

– Sim, eu... Preciso de um tempo.

– Um tempo para quê?

“Um tempo para emagrecer” – gostaria de ter dito, mas não a levaria a sério. Falou a primeira frase diferente que surgiu em sua mente:

– Um tempo para redescobrir quem sou – arrependeu-se imediatamente das palavras que escaparam de sua boca.

II

Sentia fome.

Tentava distrair-se vendo um filme, mas não conseguia se concentrar na história. A segunda metade da maçã, que se obrigara a guardar na geladeira, voltava incessantemente em seus pensamentos. Era tão redonda, tão vermelha, tão doce... pelo menos, supunha que a segunda metade seria igual à primeira que já consumira, e a sua fome apagava todas aquelas pequenas imperfeições de sua

memória. Mas não poderia cravar seus dentes na carne doce daquela fruta vermelha, que um dia causara a queda do homem por sua tentação, obrigando-o a trabalhar e a lutar pela sobrevivência. Tinha que se controlar... Será que no Éden todas as mulheres seriam magras? Andariam nuas exibindo toda a sua beleza livre de pecado?

O filme terminou, trazendo uma sensação de vazio. Sabia que havia uma linda mocinha que estava apaixonada por um lindo mocinho, ambos magros. Eles brigam por algum motivo, havia um vilão, magro, e no final não sabia se terminavam juntos, ou não, mas desconfiava que terminavam juntos. Terminar juntos... Era uma expressão tão estranha.

Sentia-se pesada no sofá. Queria fechar os olhos e mergulhar na inconsciência, deixar de existir por algumas horas, já que o filme falhara em transportá-la para uma outra realidade. Foi necessária imensa força de vontade para se levantar. Havia um longo dia pela frente... Maldita maçã, que nos obriga a trabalhar e a lutar pela sobrevivência.

Andou até a academia. Sentia-se nervosa, sabia que havia uma balança logo na entrada, e teria que medir seu peso. Não havia se pesado desde o segundo dia de sua metamorfose, por medo do que a balança poderia lhe dizer. Agora era o momento da avaliação, o momento de saber o que conseguira depois daqueles sete dias de tanto sofrimento e esforço.

Lá estava a balança, parada, fria e cruel, esperando-a como um animal. Não poderia ignorá-la. Como um homem atraído pelo fundo do oceano pela cruel sensualidade da sereia, caminhava quase cega em direção à balança irresistível. Subiu. Os números cresciam em alta velocidade, dando a impressão de que não iriam jamais parar. Finalmente, pararam em três algarismos, exibindo com toda a frieza aquela medida fatal: cem quilos. Exatos cem quilos. Olhou incrédula para o visor. Não era possível. Não havia emagrecido um único grama? Talvez a diferença entre as balanças tenha compensado a diferença de peso ao longo da semana. Suava frio, suas mãos tremiam. Não era possível, não era possível, depois de ter feito tantos exercícios, depois de ter passado tanta fome, nem comera a segunda metade da maçã, academia horas e horas todos os dias, correndo horas e horas todas as noites, tanto esforço, tanto sofrimento. Não era possível. Não era possível. Decidiu que voltaria à farmácia para se pesar, só podia ser a diferença entre as duas balanças, uma devia estar quebrada, só podia ser, só podia ser... Aquele “100” vermelho, digital, frio, insensível e indiferente, exibindo todos os seus três algarismos, a machucava como uma punhalada.

Entrou na academia. Todos aqueles aparelhos, tantos pesos e engrenagens. Alguns eram simples como uma esteira, outros grotescos e incompreensíveis, quase iguais às antigas máquinas de tortura. Estava triste, desanimada... Ainda mais depois daquela sensação de que não adiantaria nada fazer os exercícios, aquela sensação de que semana que vem, depois de tanto esforço, tanto sofrimento, ainda estaria carregando os mesmos três algarismos, como um fardo. E sempre aquele desconforto, a certeza de estar sendo julgada, observada, comen-

tada...

O instrutor aproximou-se, sorrindo, simpático, talvez percebendo a sua hesitação e desconforto. Perguntou se estava tudo bem, lembrou-a da ficha de exercícios que deveria fazer naquele dia, indagou se tinha dúvidas em relação à algum dos aparelhos. Era tão bonito e tratava-a tão bem, que quase lembrou-se do tempo em que era magra, e todos os homens davam-lhe atenção. Mas sabia que estava sendo simplesmente um bom profissional, e se não era a beleza que o fazia dedicar tão bom tratamento, só poderia ser o dinheiro que sustentava o seu trabalho, e que, enfim, o ajudaria a conquistar as belas e magras mulheres.

Afastou-se imediatamente, depois que ela começou a fazer os exercícios. Após alguns minutos sentiu-se um pouco zozna. Pensou em chamá-lo, mas o viu cheio de sorrisos atendendo duas mulheres (magras e bonitas), e sentiu vergonha de perturbá-lo. Continuou seguindo a ficha de exercícios. Esteira, abdominal, bicicleta... Mas à medida em que o tempo passava, ficava mais e mais zozna. Escutava um zumbido fino no ouvido direito, manchas vermelhas e redondas desfocavam a visão. Decidiu parar após cerca de meia hora, teve dificuldades para entrar no banheiro feminino. Esbarrou na porta, abrindo um leve corte em seu braço, profundo o suficiente para sair um filete de sangue.

Olhou-se no espelho, o rosto estava pálido, os olhos fundos. Estava horrível, e não era só por causa de seu peso. Estava horrível por causa de todo o seu esforço, todo o seu sofrimento, e não perdera um único grama... Por que tinha que passar por aquilo, por quê? Sempre fora uma boa pessoa, trabalhadora, responsável, sempre cuidara bem de si mesma e de sua família e de seu noivo. Fazia doações, desejava a paz mundial, fez pequenos protestos políticos quando era mais jovem. Ia na igreja quase todos os domingos, fazia suas orações... Que pecado estava pagando? Por que tinha de ser condenada? Por quê?

Andou com dificuldade até o chuveiro. As manchas vermelhas e redondas não deixavam a sua visão. Tomou um banho morno, como era gostosa a água quentinha escorrendo por sua pele, aquele contato suave que não a julgava, não a criticava, não a condenava. A água simplesmente a acariciava. Sentia as rápidas batidas de seu coração se acalmando, a respiração ficando mais tranquila. Pouco a pouco a tonteira passava. Mas ainda estava fraca, quando desligou a água do chuveiro e enxugou-se com a toalha.

Não contou nada à sua mãe quando chegou em casa. Foi direto para o quarto e deitou-se, esperando recuperar as energias. Sentia fome, muita fome. E um cansaço extremo, que não saberia explicar.

Mas não é necessário que duas pessoas troquem palavras para que haja comunicação, ainda mais para uma mãe, que às vezes parece adivinhar todos os pensamentos e sentimentos de seus filhos, quase como se ainda fossem somente uma simples extensão de seu próprio corpo. Mais tarde, sentiu um aroma delicioso de chocolate. Sua mãe a chamava. Virou-se na cama, não queria se levantar, mas sua boca enchia-se de água, sua carne enchia-se de desejo, sua alma, cansada, não conseguia mais resistir aos seus próprios impulsos. Escutou os passos dela se

aproximando, o aroma se tornava mais forte e mais tentador. Sua barriga roncava, reclamando do mal tratamento que recebia.

– Minha filha, querida, você precisa se alimentar. Fiz o seu bolo predileto: chocolate com morango. Não adianta ficar sem comer, olhe como está fraca. Amanhã nós vamos no médico, para ver como resolver seu... problema.

– Obrigada, mamãe. Mas não posso comer... Não posso, não posso, não posso comer... – sua boca estava cheia d'água enquanto proferia as palavras, sua carne cheia de desejo.

– Você vai adoecer desse jeito, minha querida. Coma o pedaço que eu trouxe. É uma ordem.

Sentou-se na cama e pegou o prato. Cheia de remorsos, colocou um pedaço de bolo em sua boca. Ah!, como era gostoso sentir o chocolate dissolvendo na língua, o gosto doce se espalhando em sua boca, misturando-se com o leve sabor azedo do morango. E aquele aroma gostoso, convidativo... Fechou os olhos, contemplando aquela esquecida sensação maravilhosa de comer algo delicioso. Por alguns instantes, pouco importava seu peso, pouco importava o que os outros pensavam, pouco importava seu noivo e seu emprego. Por alguns instantes, a vida se resumia no chocolate, no morango e no bolo que tornavam-se parte de seu corpo, vivificando-a. Mas por apenas alguns instantes.

III

– Não, eu não sei o que está acontecendo.

Ficou estática, olhando para o médico. Como assim, não sabia o que estava acontecendo? Não havia falado que poderia ser um problema na tireoide? Não iria anotar na receita o nome da pílula rosa e redonda que restauraria a sua identidade? Não seria ele quem a recolocaria de volta no paraíso perdido? Quem a faria reencontrar a si mesma?

– Mas... doutor!... Como posso voltar a ser quem era?

– Procure um nutricionista, para que te oriente sobre uma dieta adequada. Não posso fazer nada além de indicar outro médico, me desculpe.

Anotou em um pequeno papel um nome e um telefone.

– Me desculpe, eu... eu... eu nunca vi nada parecido. Espero que ele possa te ajudar.

– E uma cirurgia plástica, não pode resolver? Não seria mais rápido? Meu caso é urgente!..

– Você pode procurar um médico em uma clínica de estética, se quiser. Mas não creio que irá resolver, pelo menos não agora. Na prática, uma lipoaspiração segura não faz perder muito peso, em geral por volta de cinco quilos. Pode ser interessante fazer essa cirurgia depois que perder peso com dieta e exercícios, para moldar melhor o seu corpo.

– E uma cirurgia de redução de estômago?

– Eu não recomendaria. Os riscos são muito altos. Também não tenho certe-

za se teria algum efeito no seu caso... Aparentemente, o seu estômago continua com o tamanho normal. Eu... eu nunca vi nada parecido... Não consigo encontrar uma razão clínica para um ganho de peso tão drástico. Não sei explicar... Desculpe...

Saiu desanimada do consultório. Faltavam menos de três semanas, e ainda teria que marcar uma nova consulta, fazer dieta e exercícios... Claro que não daria tempo. Já se imaginava procurando outro emprego. E outro noivo... Sentiria muitas saudades dele... Pensava, dolorida, em todos os momentos felizes que compartilharam juntos. E as lembranças das brigas não serviam para diminuir a tristeza. Também gostava muito das colegas de trabalho, aquelas que julgava serem suas amigas, apesar de não terem ainda ligado após sua transformação. Toda sua vida se desmoronava diante de seus olhos. Seria uma pena, perder tudo...

Pelo menos, não teve dificuldades para marcar uma consulta com o nutricionista. Na sexta-feira, já entrava em seu consultório, carregando todo o peso de suas esperanças. Contou o seu caso, mas percebeu claramente que o médico não acreditou na história. Ele não demonstrou a menor surpresa. Talvez muitas mulheres contem histórias semelhantes. Talvez nem se dera ao trabalho de escutá-la. Mas recebeu a lista mágica do que deveria comer e em quais horários para que pudesse voltar a ser a mulher que foi. Guardou a receita como uma preciosidade dentro de sua bolsa, não era uma pílula rosa e redonda, mas era a fórmula milagrosa para sua antiga vida, sua verdadeira personalidade.

Passou a semana seguinte fazendo exercícios, tanto em casa quanto na academia, e seguindo à risca a dieta. Sentia fome, as instruções do médico não pareciam suficientes para a carga de trabalho que forçava sobre o seu corpo, mas pelo menos não estava mais tão fraca e desanimada quanto na semana anterior. Mas quando voltava à noite, já estava tão cansada, que muitas vezes dormia com a própria roupa de ginástica, sem nem ao menos se levantar para colocar um pijama.

Em uma dessas noites, quando seus olhos redondos já quase fechavam para transportá-la ao delicioso mundo da inconsciência, escutou o telefone tocar. Quem seria a uma hora dessas? Estava muito cansada para se levantar, mas sua mãe atendeu o telefone. Fechou os olhos novamente.

- Filha, é para você!..
- Quem é, mãe? Estou dormindo...
- É o seu noivo.

Seu coração pulou. Levantou-se, imediatamente, e pegou o telefone:

- Alô?
- Olá!.. Já conseguiu redescobrir quem você é?
- Eu... eu... não... Tínhamos combinado um mês, não foi?
- Estou com saudades de você, meu amor. Pare de me ignorar desse jeito. Vamos nos encontrar essa sexta-feira. Já ficamos duas semanas longe. Preciso de você, minha querida.

– Eu... Eu preciso de mais tempo.

– Tempo para quê? Por quê? Estávamos tão bem... Não entendo. Foi só uma briguinha, nada mais. Me desculpe se te magoei. Estava um pouco bêbado, você sabe, né?..

– ...

– Não venha me falar que é porque você engordou...

– Sim... Eu... eu... ainda não consegui perder muito peso e...

– Já disse que isso não vai me incomodar, meu amor. Não confia em mim? Acha que estou interessado apenas no seu corpo? O que você acha que eu sou, afinal? Você sabe que eu te amo!..

– Tudo bem, tudo bem... Venha sexta à noite.

Seus olhos estavam cheios de lágrimas quando desligou o telefone. O tempo disponível para emagrecer havia sido reduzido de duas semanas para dois dias. Impossível. Completamente impossível. Olhou-se no espelho, o rosto gordo e cansado. Tão diferente do rosto pelo qual seu noivo se apaixonara... Tão diferente... Pensava em todos os seus momentos felizes juntos, com toda a tristeza de quem já os havia perdido.

No dia seguinte, foi até a farmácia se pesar. Não confiava na balança da academia. Agora poderia ter certeza absoluta do quanto havia emagrecido nas últimas duas semanas. Estava nervosa: apesar de tudo, ainda sentia-se muito gorda, temia ter perdido apenas cinco ou seis quilos. Se fosse verdade, ainda teria que emagrecer uns trinta e cinco quilos antes do fim do mês. E seu noivo... Ah, nem queria pensar em seu noivo... Como poderia vê-lo amanhã?.. Teve que se apoiar para conseguir subir na balança.

Os números cresciam em seus olhos. Um, dois, três, quatro, cinco, seis... Dezesete, dezoito, dezenove... trinta, trinta e um, trinta e dois... Suava. Os números giravam rapidamente, parecia um caça-níquel. Qual seria a sua sorte? Quarenta e três, quarenta e quatro, quarenta e cinco... Rezava para que os números parassem logo. Que não passassem muito de cinquenta. Mas os números, frios, cruéis e indiferentes, não queriam parar de crescer. Ave maria, cheia de graça. Giravam e giravam... O Senhor é convosco. Cinquenta e seis, cinquenta e sete, cinquenta e oito... Bendita sois vós entre as mulheres. Não paravam nunca, provocando-a, testando-a, como uma cobra pronta para dar o bote. E bendito é o fruto do vosso ventre. Sessenta e nove, setenta, setenta e um... Santa Maria, mãe de Deus. Rezava, implorava a Deus por seu auxílio divino. Mas Ele parecia estar surdo aos seus vãos pedidos, pois os números cruéis e indiferentes prosseguiram a sua fria tortura. Oitenta e dois, oitenta e três, oitenta e quatro... Rogai por nós, pecadores. Não queria acreditar. Os números giravam e giravam, enquanto orava e fazia promessas, que já sabia que jamais precisaria cumprir. Agora e na hora da nossa morte. Noventa e cinco, noventa e seis, noventa e sete, noventa e oito, noventa e nove, santa maria mãe de deus, cem. cem. cem. cem. cem. cem. cem. cem. cem. cem. cem. cem. cem. cem. cem. cem. bendita sois vós entre as mulheres. cem. cem. cem. cem.

gostosas a dois... Gostaria de tê-los aproveitado mais. Lembrava-se dos deliciosos sonhos que construía para o futuro, a vida que teria junto a ele, os filhos que adoraria amar... Como ele era magro, bonito e elegante!... Seria uma pena perder tudo.

Ele tocou a campainha novamente. Percebeu que estava observando-o já há vários minutos. Mas não queria abrir a porta. Não queria, não queria. Seria uma pena perder tudo. Ele era tão magro, tão bonito... Tão elegante!.. Seria uma pena...

Abriu a porta. Assustou-se ao vê-lo sem as distorções da lente. Como ele era magro, bonito e elegante!... Seu noivo piscou algumas vezes, olhando-a, em silêncio, os olhos grandes, redondos e arregalados. Ele abriu a boca para falar, depois fechou-a novamente. Ela não sabia como reagir. A sensação de estar sendo criteriosamente julgada e analisada a incomodava muito. Sentia-se tão desconfortável... Não sabia para onde olhar, não sabia como deveria movimentar o próprio corpo. Cem quilos, pensava constantemente, cem quilos. Parecia que tudo o que era se resumia agora naquele único número. Cem quilos.

– Querida?.. – disse, finalmente, mas ainda havia hesitação em sua voz, quase como se não estivesse completamente seguro de com quem falava.

– Olá, meu amor.

– Como... como... como... você está... diferente!?..

– Cortei o cabelo...

Ele entrou. Sentaram no sofá. Sempre sentavam-se próximos, ele segurava sua mão, as pernas se tocavam, ela se arrepiava de excitação. Mas não naquele dia. Não segurou sua mão e as pernas se recusaram a se tocar. Havia uma distância entre eles. Cem quilos de distância.

– Bem... como estão as... coisas?

– Caminhando... Estou de dieta.

– Que bom... E... e... no trabalho, tudo bem?

– Eu... estou de férias.

– É mesmo?.. Que bom...

Silêncio.

Seu noivo mexeu-se, desconfortavelmente, no sofá. Percebeu que ele suava. Puxava a gola da camisa, como se precisasse de mais ar.

– E... O que mais tem... feito?...

– Entrei para a academia aqui perto. É muito boa.

– É mesmo?.. Que bom...

Silêncio. Ele puxou novamente a gola da camisa.

– Está tudo bem, querido?

– Sim, tudo... ótimo. Encontrei com... aquele nosso amigo... esses dias...

– É? E como ele está?

– Está... ótimo. Êh... êh... êh... magreceu. Mandou... um abraço.

– Tem muito tempo que não encontramos com ele. Precisamos marcar alguma coisa.

– Sim... é verdade...

Silêncio.

Ele mexeu-se, desconfortavelmente, no sofá. Havia olhado para ela poucas vezes durante a conversa. Essa solitária companhia a incomodava. Aumentava ainda mais a certeza de sua alienação.

– Querido?

– Sim?..

– Você pode ir embora, se quiser. Não vou ficar triste.

– Não, eu... estou bem...

– É sério, não vou ficar triste. Pode ir. Sei que deve estar muito ocupado. Quando estiver magra novamente, eu te ligo. Estou seguindo uma dieta rigorosa para emagrecer. Não deve demorar.

Silêncio. Durante dez minutos ninguém falou nada, ele evitava o seu olhar. De vez em quando puxava a gola da camisa.

– Eu... eu... eu... eu... a... a... cabei de me lembrar que...

– Até logo.

Sabia que o havia perdido. Era uma pena, perder tudo.

V

As duas semanas se passaram. Seguiu fielmente a dieta recomendada pelo nutricionista, fizera rigorosamente os exercícios indicados na academia. Mas não emagrecera. Continuava pesando exatamente os mesmos cem quilos do dia de sua metamorfose. Estava condenada por aqueles três algarismos.

Suas “férias” no serviço terminaram. Têria que encontrar com sua chefe. Sabia que iria perder tudo... Trocou de roupa com o rosto cheio de lágrimas redondas. Estava caminhando em direção ao seu fim. Mas o que poderia fazer para evitar um destino que se mostrava inescapável? Como lutar contra aquelas gordas linhas negras traçadas por alguma entidade divina que por algum motivo controlava (e destruía) sua existência?

Não passou maquiagem, não vestiu uma roupa escura, nenhuma daquelas cores mágicas que faziam emagrecer, de alguma forma mágica que só as cores sabem fazer, sabia que não faria a menor diferença. Não havia esperança para ela. O sol, redondo, nascia todas as manhãs e ao cair da noite sumia no horizonte, as pessoas levantavam e trabalhavam e se divertiam e se amavam e depois iam dormir, para no dia seguinte levantarem e trabalharem e se divertirem e se amarem para depois irem dormir, mas de alguma forma havia escapado daquele círculo e agora seguia uma vida onde acordava não sabia para quê, exceto que não era para depois dormir.

Ninguém sentou ao seu lado no ônibus. Mas já estava acostumada com a certeza de que seria ignorada. Ignorada, enquanto todos a olhavam com estra-

nheza, ou repulsa ou asco... Já perdera o instinto que antigamente a fazia reconhecer os olhares masculinos que acompanhavam a delicadeza de seus movimentos. O substituíra por uma constante tentativa inconsciente de evitar olhar para aquelas mulheres magras, que a feriam com sua beleza. Principalmente aquelas que faziam questão de usar as cores que faziam engordar... Como um sorriso sarcástico, arrogante... Olhava distraída a paisagem que se mostrava do lado externo do ônibus, o mundo silencioso e opressor que se escondia por trás das paredes de metal. Todos pareciam cruéis, os homens prontos para estuprar e as mulheres para seduzir e destruir. Sentia-se deslocada, como se houvesse uma bolha de vidro separando-a do resto da humanidade. Estava ali e, ao mesmo tempo, não estava, parecia fazer parte de uma gorda dimensão muito distante de todos nós. Sentia-se tristemente inalcançável.

Entrou na loja. Não havia um uniforme largo o suficiente para o seu tamanho. Colocou o crachá, exibindo o nome e o sobrenome de uma mulher que já morrera, e assumiu o seu posto ao lado dos vestidos esporte fino, como uma impostora. Todos tão lindos!.. Provavelmente nenhum caberia em seu corpo. Lembrava-se dos dias em que escolhia alguns vestidos depois do expediente, podia comprá-los com um polposo desconto. Aqueles dias agora lhe pareciam fúteis e irreais. Sentia-se tão vazia e tão desconfortável. Quantas pessoas estariam olhando para ela agora, julgando-a com seus olhos frios?

Tentou atender alguns clientes, perguntar se desejavam algo, se queriam ajuda, mas todos a dedicavam apenas um olhar frio e estranho, como se percebessem que não eram capazes de reconhecê-la. Era como se fosse uma estranha, ou pior, um ser sujo, nojento, um inseto, uma barata, que usava um crachá e tentava se comportar como vendedora. Suava frio, pela sensação de desconforto que isso provocava, aquela sensação horrível de estar sendo observada, julgada, condenada. Mas buscava manter a sua posição, como uma impostora, com toda a fúria de seu desejo de voltar a ser quem era. Por um momento, aquele emprego lhe pareceu ser o último elo com a realidade. E talvez fosse verdade.

Mas sua chefe a despediu, quebrando o seu último elo. Tratou-a com uma ironia sarcástica, com o tom de desprezo que denunciava a culpa que lhe atribuía, como se ela tivesse cometido uma grave heresia. Havia quebrado o décimo primeiro mandamento: “Não engordarás”. Não engordarás, para teres paz na terra dos homens. Saiu da loja entristecida, esperava por aquele desfecho, mas mesmo assim ele afetou-a com toda a força de algo inesperado. Talvez no fundo ainda alimentara alguma esperança... Ainda alimentara alguma deliciosa esperança... Mas havia realmente chegado ao fim e tinha agora que encarar o seu destino. Perdera todas as suas conexões com a sua antiga identidade. Perdera tudo o que havia conquistado na vida. Apenas seus pais ainda a reconheciam como sua filha. Para o resto do mundo, estava completamente separada do que um dia já fora, como se fosse um outro indivíduo. Por que duas pessoas seriam a mesma simplesmente por causa de uma dolorosa conexão temporal que as une?..

Andou desanimada pela rua, sem se incomodar para onde seus grossos pés a

levavam. Passou por alguns bairros desconhecidos enquanto caminhava em direção à sua casa. Viu-se em frente a um museu de arte moderna, o que a surpreendeu. Não sabia que existiam museus naquela região. Nunca tinha ouvido falar naquele museu. Na verdade, nunca visitara um museu de arte moderna em toda a sua vida. Achava as obras tão feias... Imagens borradas, sem sentido, figuras geométricas distorcidas, cores jogadas arbitrariamente em uma tela, um homem careca a gritar durante o pôr-do-sol. Definitivamente, eles não sabem o que é belo. Como algo feio poderia ser exibido, poderia ter valor?

Entrou. As obras eram horrorosas. Manchas de tinta jogadas pelos quadros, linhas e círculos e figuras geométricas organizadas de maneiras que não faziam sentido, criaturas horrendas representadas de forma absurdamente irreal, autorretratos que não retratavam absolutamente nada. Contemplava todo aquele festival de representações do mais puro abstrato, sem compreender. Era tudo tão feio. Por que tinha valor? Por que era arte? Aqueles artistas não buscavam mais o belo, afinal? Achava que não, já que era tudo tão deformado, tão longe do conceito que aprendera de beleza. Mas o que era o belo, afinal? O que é a beleza?

Entrou em uma sala cheia das gordas mulheres de Fernando Botero. Sentiu-se novamente vazia. Os quadros eram mais realistas, o que por um lado trouxe a segurança da realidade, do concreto, mas por outro lado, sentia uma melancolia emanando das tintas, como se pudesse tocar em toda a tristeza que se guardava naqueles símbolos do feminino. Sentia-se em comunhão com aquelas mulheres, como se ela própria fizesse parte de um quadro e também guardasse toda aquela melancolia e aquela tristeza nas finas linhas que delineavam o contorno grosso de seu gordo corpo.

Algumas mulheres estavam de costas, como se tivessem vergonha de mostrar seu corpo ao espectador. Mas outras estavam nuas, e a encaravam de frente, com toda sua barriga, quase como se sentissem orgulho de ser quem eram, apesar do rosto ainda triste e melancólico. Havia uma versão gorda da Mona Lisa, o que quase a fez sorrir.

Sentou-se na cafeteria do museu, para descansar. Não queria voltar para casa, e contar para a mãe os seus fracassos. Observava as pessoas passando em direção à outra ala, todas com diferentes cores: o velho vestido de branco, a jovem de preto, a madame de rosa, o garoto de azul, o homem de terno azul marinho, a garota de verde, muitos magros, alguns gordos, outros médios. Cada um com seu estilo, seu jeito de andar e de falar, seus relacionamentos, seus desejos e medos, seus sonhos, seus problemas e suas angústias, que quase podia adivinhar por trás dos rostos cheios de segredos. Cada um compunha a grande sinfonia da humanidade, com seus graves e agudos, suas notas prolongadas e curtas, seus acordes de duas, três, quatro, cinco ou seis pessoas. E ela, com sua nota grave e solitária, onde entrava nessa grande sinfonia?

Já era noite quando finalmente deixou o museu. Voltou a caminhar em direção à sua casa. As ruas estavam praticamente desertas, mas as janelas deixavam escapar o barulho das famílias que se escondiam. Em muitas casas, emanava o

cheiro de um apetitoso jantar, atraindo a atenção de seu estômago vazio. Sentia frio, mas percebeu que o frio não a incomodava, pois a fazia sentir-se viva, em cada parte de sua pele grande e larga. Pensava nos estranhos quadros que vira no museu. Pensava nas melancólicas linhas que contornavam os gordos corpos femininos. Nas tristes mulheres nuas que exibiam com orgulho suas barrigas grandes e largas.

As ruas estavam fortemente iluminadas, não pelas fracas lâmpadas dos postes magros, mas sim pela grande e radiosa lua cheia. Olhava para o céu, contemplando aquela lua grande, dourada e gorda. Algo crescia dentro de si, algo que parecia incomodá-la, arranhando os órgãos internos até chegar à garganta, fazendo as lágrimas saírem de seus olhos. Algo crescia dentro de si, enquanto contemplava a lua grande, dourada e gorda, algo que não tinha nome, não tinha conceito, não tinha função, que machucava sem provocar dor, que causava prazer sem acariciar. Algo crescia dentro de si, algo que estava além de qualquer palavra que poderia tentar usar para descrever as sensações que arrebatavam o seu espírito. Admirava, com os olhos redondos cheios de lágrimas e o rosto iluminado, aquela lua grande, dourada e gorda. Percebeu que era bela.

“Amen”

Cultura

Eles eram todos verdes. Sim, todos verdes. Desde os tempos mais remotos. Sempre foram verdes. E achavam que seriam verdes para sempre. Não sabiam por que eram verdes. E também não se importavam. Tinham orgulho de serem verdes.

A alimentação deles também era toda verde. Sim, toda verde. De manhã comiam pão feito à base de trigo e ervilha e tomavam leite batido com hortelã. No almoço, folhas e ervilhas com carne ou peixe. Costumavam empaná-los com ovos batidos, farinha de rosca e alface triturado. No jantar, biscoitos e frutas, onde a mais popular era, claro, a maçã verde. Também gostavam muito de tomar chá verde, bebida presente em grande parte das refeições.

Suas roupas sempre eram verdes. Sim, eram sempre verdes. Camisas, calças, camisetas, saias, gravatas, vestidos, meias e roupas de baixo, sempre eram produzidas nos mais diversos tons de verde. Gostavam muito de usar diferentes tons na mesma peça e os fabricantes frequentemente criavam novas estampas, dando grande variedade às suas roupas apesar de serem sempre verdes. As mulheres eram muito vaidosas e gostavam de seguir a moda, trocando constantemente o guarda roupa.

Possuíam mais de vinte diferentes palavras de uso corrente para os diferentes tons de verde. Sim, mais de vinte palavras, que iam desde o “derve”, referência a um verde clarinho, quase branco, até o “redeverde”, referência a um verde tão escuro que se aproximava do preto. A palavra “verde” se referenciava a um verde de tom médio. Podiam associar às cores os adjetivos “claro” e “escuro”, o que trazia uma variedade ainda maior aos tons de verde que podiam ser claramente identificados em seu idioma. Assim, possuíam cores como o “derve escuro”, que se aproximava do “derve”, mas era mais claro, ou o “redeverde claro”, um pouco mais escuro do que o “redeverde”.

A cor também aparecia na maior parte de suas expressões e metáforas. Quando se encontravam, não perguntavam “tudo bem?”, mas sim “seu jardim está verde?”. Se viam algo de má qualidade diziam que faltava verde. Para expressar doença, falavam que perderam verde do corpo. Quando estavam satisfeitos diziam que comeram até ficar verde. Quando emocionados, estavam com o coração verde. “Você esverdeou meu coração” era uma forma comum de declaração amorosa. Sempre associavam o verde a sentimentos de satisfação, saúde, harmonia, amor, alegria e paz.

A religião possuía o verde como pilar central. Acreditavam que no princípio tudo era o Verde e do Verde surgiu a Vida. Os tons de verde eram associados à entidades mitológicas que representavam diferentes esferas da existência. Assim, o “derve” era a cor do conhecimento e da cultura, o “verde” da saúde, o “derve” da família, o “vededer” da comida, o “redeverde” do amor e do vinho, o “redeverde” do trabalho, o “redeverde” da indústria, etc. Os textos clássicos pregavam que todas as cores eram formadas à partir do verde, e muitos dos cidadãos

mais idosos ainda se recusavam a aceitar as teorias modernas. Na verdade, apenas muito recentemente deixaram de ensinar a teoria clássica nas escolas infantis.

A forma como enxergavam as cores também era diferente. O verde englobava uma porção muito maior do espectro do que em outras culturas. Nunca consideravam a água como azul, mas sempre em algum dos vinte tons de verde. O luar também era sempre esverdeado. Além de outros tons suaves, como o de muitas pedras preciosas. O sistema visual deles era idêntico ao de qualquer outro ser humano, mas tinham uma outra percepção.

Possuíam vários festivais tradicionais, onde costumavam dançar e tomar bebidas preparadas à base de hortelã e ervilha. Tocavam músicas alegres e agitadas, com instrumentos construídos à partir de galhos, raízes e folhas. Todos participavam das danças e em geral os mais novos faziam par com os mais velhos. Consideravam a dança e a música como uma forma de aproximação com o divino, com o Verde Primordial. Além disso, os festivais estreitavam os laços da sociedade, melhoravam a compreensão e o respeito entre as diferentes gerações.

Eram muito supersticiosos. Quando um casal queria ter filhos penduravam uma folha de alecrim na janela. Caso a mulher engravidasse, adicionavam mais uma folha, para garantir uma gestação segura e um bebê saudável. Um termo pejorativo acabou surgindo entre os jovens, que passaram a usar “pendurar duas folhas na janela” como substituto para “fazer sexo”. Consideravam que mascar uma folha de Sassafras no festival de Setembro traria saúde e dinheiro. Jamais pisavam em algo verde escuro (qualquer tom acima do “veverde”), acreditavam que dava má sorte. Na cerimônia de casamento gostavam de jogar folhas frescas nos noivos. Quando recebiam a notícia de um falecimento, costumavam enterrar uma folha no jardim.

Respeitavam a natureza e eram muito preocupados com a preservação do meio ambiente. Salve o verde, salve o verde!... Sempre diziam uns para os outros. Tinham penas severas para quem maltratasse as plantas ou os animais, as fábricas quase não despejavam resíduos, e investiam muito dinheiro e mão-de-obra em reciclagem e tratamento do lixo. Suas cidades possuíam vários parques arborizados e zonas de preservação ambiental, locais que adoravam ir nos finais de semana. Em geral, ficavam deprimidos se não conseguiam ir pelo menos algumas vezes no mês.

Eram muito cultos, o hábito da leitura era bem difundido. Sempre utilizavam um papel com uma leve cor esverdeada, pois consideravam que permitia uma leitura mais agradável e veloz. O mesmo se repetia nos programas de computador para edição de texto, que tinham de ser adaptados especialmente para eles. Achavam desconfortável usar editores de texto que colocavam o papel em tom branco, ao ponto de nem conseguirem trabalhar.

Tirar fotos era um passatempo comum, e possuíam excelentes fotógrafos profissionais. Suas câmeras também tinham de ser especialmente adaptadas, pois não gostavam de ajustar o branco para corrigir a iluminação, mas sim o verde. Tons próximos do “dereve” eram um fundo muito comum em suas fotos, por

exemplo nas 3x4 que usavam em carteiras e documentos.

Enfim, eles eram todos verdes. Sim, todos verdes. Desde os tempos mais remotos. Sempre foram verdes. E achavam que seriam verdes para sempre. Tinham orgulho de serem verdes.

Mas estavam deixando de serem verdes...

Não houve um momento exato em que tudo aconteceu. Não houve um fato específico, isolado, que perturbou toda aquela sociedade. Não houve um culpado. Foram pequenos eventos, pequenos acontecimentos aparentemente frívolos, aparentemente sem importância, que levaram à destruição. Um dia, por exemplo, uma mulher resolveu usar uma pulseira vermelha. Tinha comprado há alguns meses, quando estava viajando no exterior. Viu muitas mulheres de pulseira vermelha durante a viagem, e achou bonito. Estava cansada de seguir a moda, queria experimentar um toque diferente. Foi só isso, apenas saiu na rua com uma pulseira vermelha, nada mais. Mas acabou chamando muita atenção. As pessoas acharam estranho, feio, esquisito.

Outro dia, um garoto resolveu escutar músicas dos vermelhos. Apenas por curiosidade, o pai tinha comprado quando fora para o exterior. Nem gostava, queria apenas variar um pouco e escutar algo diferente. Foi só isso, apenas saiu na rua escutando algumas músicas dos vermelhos. Mas acabou chamando muita atenção. Mesmo usando fone de ouvido, as pessoas que passaram por perto conseguiram escutar. Acharam muito estranho, feio, esquisito. Nem dava para entender a letra, como podiam chamar aquilo de música?

Um verde que havia viajado para o exterior montou um álbum de fotos. Foi a primeira vez que viajara para fora, e queria guardar as lembranças da aventura. Um dia, resolveu mostrar para os amigos. Acabou chamando muita atenção. Eles acharam os vermelhos estranhos, feios, esquisitos. Eles não usavam roupas verdes, as comidas não tinham muitos vegetais, eram mais à base de carne, as bebidas tinham uma aparência forte e escura, as cidades cheias de carros, prédios altos, poluição. Era estranho, feio, esquisito. Mas gostaram de ver as fotos. Era... era... interessante.

Cada vez mais pessoas viajavam para os vermelhos. Achavam estranho ver aquele povo vermelho, comendo pratos apimentados e pendurando pimenta nas janelas, ninguém sabia o por quê. O lugar era muito quente, o que tornava desconfortável permanecer por muitos dias. A língua era esquisita e a comida tão forte que se tornava desagradável. Mas tinham muito dinheiro. Mas tinham muitas riquezas. Tinham tanto dinheiro e riquezas que alguns verdes pensavam em trabalhar lá por um tempo. Só para juntar algum dinheiro, e depois voltar. Mas só pensavam, como alguém que visualiza um sonho distante, um projeto impossível de vida. Não chegavam a colocar a ideia em prática. Como poderiam suportar, viver naquele lugar quente, poluído, com aquela comida ruim e aquele povo tão estranho e esquisito!..

Até que, finalmente, um deles ficou.

Ficou por umas semanas. Aprendeu umas palavras. Outro acabou resolven-

do ficar também. Aprendeu algumas das palavras que o primeiro havia aprendido e outras, diferentes. Mas também não ficou por muito tempo. Apenas algumas semanas, nada mais. Como poderiam suportar ficar muito tempo, naquele lugar quente, poluído, com aquela comida ruim e aquele povo tão feio, estranho e esquisito!..

Quando voltaram, ensinaram umas palavras para os amigos e família. Trouxeram CDs. Trouxeram roupas. Trouxeram pulseiras vermelhas. Era tudo tão estranho, feio, esquisito... Mas os amigos perguntavam mais detalhes, pediam para ensinar novamente uma palavra recém esquecida, queriam ver uma certa foto de novo. Era tudo tão... interessante.

Um amigo resolveu ir também. Achou legal ver as fotos, aquele povo vermelho esquisito. E, afinal de contas, já sabia algumas palavras. Foi, e acabou aprendendo outras. Aprendeu naturalmente, nem gostava muito de idiomas, só queria juntar dinheiro por alguns meses, e depois voltar. Enquanto isso, outros verdes que não sabiam palavra alguma também chegavam e iam aprendendo com o tempo. Eventualmente um verde encontrava com outro, e trocavam palavras que haviam aprendido.

Um dia, um verde finalmente resolveu ficar por mais de um ano. Foi uma experiência muito, muito difícil. Sentia falta de leite batido com hortelã. Sentia falta da esposa. Sentia falta de maçã verde. Sentia falta da família. Sentia falta de carne empanada com ovos batidos, farinha de rosca e alface triturado. Sentia falta dos amigos. Sentia falta de sua língua. Sentia falta dos vizinhos. Sentia falta dos festivais. Mas aprendeu muitas palavras, e chegava a conseguir formar frases e manter diálogos simples. Ensinou muitos verdes quando voltou para casa. Trouxe muitos CDs. Trouxe muitas roupas. Trouxe muitas pulseiras vermelhas. Foi o primeiro a trazer livros. Já era capaz de ler histórias infantis, havia se acostumado com os caracteres diferentes e aprendera o som de cada um deles. Ensinou alguns verdes a ler e escrever em vermelho.

Também trouxe pimenta, e costumava cozinhar comida vermelha para a esposa nos finais de semana. Ela não gostava muito no começo. Era tão forte, tão apimentada!... E estranha, feia, esquisita, não era verde!... Mas com o tempo aprendeu a apreciar o sabor. Um dia, sem que se desse conta, percebeu que gostava muito. Contou para as amigas, que, surpresas, resolveram experimentar também. Almoçaram juntos em alguns finais de semana. Uma delas observava com atenção todas as vezes em que ele cozinhava, e já achava que seria capaz de fazer alguns pratos. Só faltavam os ingredientes. Um de seus conhecidos estava trabalhando nos vermelhos, pediu para ele trazer algumas pimentas quando retornasse. Sentia-se ansiosa em tentar cozinhar aquela comida tão exótica. Já estava tão cansada de comer carne empanada com ovos batidos, farinha de rosca e alface triturado, tomar leite batido com hortelã.

As pessoas achavam interessante escutar os CDs que os amigos traziam das viagens. Claro que no início acharam estranho, feio, esquisito. Mas com o tempo, a música vermelha foi se tornando mais popular. Começaram a tocar nas rá-

dios. Os CDs passaram a ser encontrados nas lojas locais. Surgiram fã clubes. Verdes já sabiam diversas letras de cor, mesmo sem compreender o idioma. Até mesmo bandas cover começaram a aparecer, e a fazer sucesso.

O vermelho caiu na moda. Mais e mais mulheres usavam pulseiras vermelhas. Algumas colocavam laço vermelho no cabelo. Era fashion. Um dia uma saiu na rua com um vestido vermelho. As pessoas ficaram escandalizadas. Não teria causado mais impacto se estivesse nua. Um vestido vermelho!.. Como era estranho, feio, esquisito!.. Tão forte! Chamava tanta atenção!.. Que perua!.. Meu Deus, que perua!.. Pouco tempo depois, os vestidos vermelhos estavam em todas as lojas.

Restaurantes vermelhos se espalhavam por todos os lugares. Costumavam estar sempre lotados. Comida vermelha passou a ser “chique”, refinada. As mulheres já não aceitavam um date em outro tipo de restaurante. Muitos dos locais tradicionais foram a falência, outros tiveram que despedir grande parte dos seus empregados, e se contentar com uma imensa diminuição das vendas. Livros de receita vermelha estavam em todas as livrarias. Os ingredientes já podiam ser encontrados em qualquer supermercado.

Usavam frequentemente palavras estrangeiras. Aprenderam nomes para diferentes tons de vermelho. Os usavam para identificar os tipos de pimenta, ou variações das roupas da moda. Esqueceram alguns dos tons verdes, muitos já tinham dificuldade para diferenciar tons parecidos. Costumavam se cumprimentar e se despedir da mesma forma que os vermelhos. Parecia mais elegante, mais... cool. Consumiam muitos produtos vermelhos e para identificá-los usavam somente palavras vermelhas. Surgiram várias escolas de idiomas, e muitos alunos já conversavam fluentemente.

Um pequeno grupo de verdes perceberam o que estava acontecendo. You know, sentiam-se assustados, ameaçados. Era necessário salvar o verde. Mas não sabiam o que fazer. Desesperados, saíam nas ruas de roupas verdes, pregavam cartazes, cozinhavam apenas as comidas tradicionais, evitavam usar qualquer palavra que não fosse verde. Mas já era tarde demais. Too late...

Com o passar do tempo, tornou-se difícil diferenciar o verde do vermelho. Os festivais tradicionais perderam a força. Tornaram-se relapsos com a religião. Cultuar o verde parecia bobo e sem sentido. Muitos já não se lembravam do significado de cada tom da cor verde. Enquanto isso, uma enxurrada de produtos vermelhos invadia o mercado. Queriam usar as mesmas coisas que os vermelhos. Queriam gostar das mesmas coisas que os vermelhos. Queriam fazer tudo da mesma forma que os vermelhos. Alguns até mesmo já se consideravam vermelhos. As histórias antigas deixaram de serem contadas. Já não sabiam mais cantar as antigas canções. Muitas receitas jamais foram cozinhadas novamente. Palavras e expressões outrora comuns caíram em completo desuso. Com o tempo, as diferentes palavras para os tons de verde acabaram saindo do dicionário, ninguém mais as utilizava. Only old stuff... Passaram a fazer parte dos livros de mitologia. Mas várias palavras vermelhas foram assimiladas. Deixaram de tomar bebidas

batidas com hortelã, substituída por uma doce e gasosa produzida pelos vermelhos que todos sabiam que não fazia bem para a saúde. Pelo menos, era diet. Ou light. Deixaram de se preocupar com o meio ambiente, passaram a ter sérios problemas com poluição. Ficaram gordos. Ficaram daltônicos. Tudo se tornava vermelho.

Passaram a cultuar seriamente a religião vermelha. Era uma religião estranha, não dependente de cores, monoteísta. Mas não se importavam. Era vermelha, era fashion, era cool. Adotaram muitos de seus festivais, chegaram até mesmo a trocar a data dos holidays. Os músicos verdes só conseguiam público se cantassem em língua vermelha. Os pintores passaram a seguir o estilo cru e simples das pinturas vermelhas, se quisessem ter alguma esperança de apreciação. Grande parte dos escritores se viram forçados a escrever em vermelho.

O idioma vermelho podia ser lido e ouvido em todos os lugares. Muitos já nem queriam mais conversar em verde. Passou a ser a official language das escolas. As placas e sinais eram escritos em vermelho, com uma tradução verde embaixo, em letras pequenas, que com o passar do tempo deixou de existir.

Enfim, eles se tornaram todos vermelhos. Yeah, todos vermelhos. E achavam que seriam vermelhos forever. Não sabiam por que eram vermelhos. E também não se importavam. Tinham orgulho de serem vermelhos.

Um dia um deles resolveu usar uma pulseira azul.

Desejo

- Como você se chama?
- Eu me chamo Desejo.
- E por que você se chama assim?
- Porque é assim que você me chama.”
- Quer que segure sua bolsa?
- Sim, obrigada.
- Não há de que.
- ...
- ...
- ...
- ...
- ...
- ...
- ...
- ...
- Com licença.
- ...
- Ainda bem que liberou esse lugar, não aguentava mais ficar em pé. Fiquei em pé hoje o dia inteiro.
- Sério?
- É, sou vendedora, hoje não parei um minuto. Essa época de natal é um inferno.
- Mas aposto que ganhou uma nota em comissões.
- Sim, mas... Sei lá, não sei se compensa, sabe, é tão estressante... Meus pés estão me matando.
- Faço ideia...
- E você, faz o quê?
- Eu?
- Sim.
- Sou farmacêutico.
- Tem que lidar com pessoas o dia inteiro também, não é?
- Sim.
- Coitado...
- Não acho tão ruim assim.
- Pelo menos o natal não é um inferno.
- Não, não é...

- ...
- ...
- Sabe de uma coisa?
- Sim?
- Estou cansada, sabe? Cansei, não aguento mais, queria mudar de vida.
- Você queria ser o quê?
- Sei lá, alguma coisa mais... Alguma coisa mais... Que tivesse mais a ver comigo.
- Tipo cantora, pintora, algo assim?
- Não sei... Nunca me vi como artista, mas sei lá... Não vendedora, atendendo aqueles clientes chatos o dia inteiro, sorrindo como se estivesse tudo sempre tão perfeito... Aff, tem hora que eu gostaria de explodi-los. Mas seria um saco limpar a loja depois.
- Você não tem cara de que faria isso.
- Claro, tenho cara de quem fica sorrindo o dia inteiro como se estivesse tudo sempre tão perfeito. Faço isso todos os dias, minha cara já se adaptou.
- Calma, também não precisa ficar nervosa...
- Me desculpe, estou estressada.
- Você está indo para onde?
- Para casa, claro, também sou filha de Deus, preciso descansar. E você?
- Para casa também.
- Ah, sim...
- ...
- ...
- Você tem namorado?
- Não, por quê? Já está querendo me cantar, é? Meu Deus, esses homens não param nunca. Estou cansada, pelo amor de Deus. Vai caçar namorada em um barzinho desses por aí.
- Não, não, é apenas curiosidade.
- Por quê? Tenho cara de quem não tem namorado, algo assim? Tenho cara de solitária, deprimida, abandonada?
- Não, você tem cara de quem fica sorrindo o dia inteiro como se estivesse tudo tão perfeito.
- Engraçadinho. Vai gozar com a cara de outra!
- Calma, calma, estou apenas brincando. Não precisa ficar nervosa.
- Brinque com alguém que você conheça.
- Me desculpe.
- Tudo bem.
- ...
- ...

- Por que não tem namorado?
- Porque não achei ninguém legal.
- Você me acha legal?
- Não.
- Eu te acho muito bonita.
- Não me importa.
- Não me importo que você não se importe.
- Ainda bem.
- Eu também gostaria de ter outra vida.
- O que você queria ser?
- Eu queria trabalhar na Suíça.
- Sério? Que coincidência!
- Coincidência?
- É, mês que vem vou para a Suíça.
- Sério?
- É, vou ficar um tempo por lá. Um mês ou dois... Se eu gostar não volto mais não. Não volto mesmo.
- Vai trabalhar com o quê na Suíça?
- Hmm, de vendedora. Em uma loja de relógios.
- Que pena.
- Ah, mas tá bom. Só de ser na Suíça já vai ser melhor.
- Dizem que o povo de lá é muito educado.
- É verdade.
- ...
- E você? Gostaria de ir para lá para trabalhar com o quê?
- Ah, não tenho nada muito definido...
- Não quer falar, confesse.
- Não, não quero.
- Tudo bem. E por que a Suíça?
- Também não quero falar sobre isso.
- Tudo bem. De repente você ficou com uma cara meio triste...
- Sim. É porque você disse que não me acha legal.
- Mentiroso. É por causa dessa história toda da Suíça.
- Por que se importa? Sou apenas um desconhecido para você.
- É verdade.
- Foi na Suíça que perdi meus pais.
- Poxa, sinto muito.
- Não, não sente.

– Não seja cruel.

– Não sou cruel, sou realista. Daqui a alguns pontos você vai descer e jamais a verei de novo. Amanhã você mal se lembrará de meu rosto, nem se deu o trabalho de perguntar o meu nome.

– Você também não perguntou o meu.

– Não me interessa saber o nome de pessoas que jamais vou encontrar de novo. Não vale a pena.

– Mas que convicção você tem de que nós não nos encontraremos de novo, hein?

– Você tem alguma outra ideia?

– Não, mas... Sei lá, o destino, essas coincidências da vida... Sei lá!... Vai que a gente se esbarra por aí...

– Quer me encontrar novamente?

– De que adiantaria? Vou para a Suíça.

– Posso ir para a Suíça com você.

– Não sei se seria apropriado.

– Por quê? Seríamos apenas duas pessoas indo para a Suíça, entre as dezenas que estariam no mesmo avião que nós, entre as milhares que estariam em outros aviões indo para o mesmo lugar. Por que não seria apropriado? O que há de errado nisso?

– Você sabe que não é assim tão simples.

– Pouco me importa se é simples ou não. Me importo somente com o meu desejo.

– Um pensamento meio egoísta, não?

– É egoísmo querer ser feliz?

– É egoísmo dar maior importância a sua felicidade do que à felicidade alheia.

– A minha companhia te deixaria infeliz?

– Erh, não, mas...

– Então por que me chama de egoísta?

– Porque... Porque quer ir comigo independente das dificuldades que isso vai me trazer.

– Dificuldades?

– Sim, não, quero dizer, sei lá, é que agora desejo...

– Já sei, já entendi, não precisa explicar.

– Não, não é isso.

– É isso sim, claro que é isso, como poderia ser alguma coisa diferente de isso? Você não me acha legal, não se importa que eu te ache bonita, ainda não perguntou o meu nome, somos apenas duas pessoas conversando a caminho de casa, duas pessoas que por acaso se encontraram numa tarde chuvosa, duas pessoas que por acaso pegaram o mesmo ônibus, duas pessoas cujas vidas não se cruzam

e se cruzaram em apenas um ponto do destino para depois seguirem separadas por toda a eternidade. Somos apenas isso, uma conversa jogada ao vento em uma tarde chuvosa, nada mais. Um passatempo, porque a viagem de ônibus é um grande tédio.

– Poxa, também não precisa falar assim.

– Estou apenas sendo sincero.

– Não seja sincero.

– O que quer que eu diga, então? Que estou vibrando de felicidade? Quer que fique sorrindo a viagem inteira como se estivesse tudo tão perfeito?

– Sim.

– Tudo bem, mas não sou assim. Pouco me importa se é isso o que você quer.

– Mas também não precisa me machucar.

– Não te machuquei, não fiz nada com você.

– Sim, tem razão.

– Vamos mudar de assunto.

– Sobre o que quer falar?

– Sei lá... Vamos falar sobre o tempo, como dois desconhecidos normais.

– Que chuva, né?

– Pois é...

– ...

– ...

– ...

– Case comigo.

– Meu Deus, você é louco!

– Me desculpe.

– Você é completamente louco. Você é lunático!

– Obrigado.

– Estou apenas sendo sincera.

– Não seja sincera.

– O que quer que eu diga? Que estou vibrando de felicidade por receber um pedido de casamento de um homem que nunca vi na minha vida?

– Mas você sentiu uma pontada de felicidade, de orgulho feminino, não sentiu? Confesse!

– Meu Deus, você é completamente louco...

– Louco seria se simplesmente deixasse você ir embora...

– E o que pretende? Me prender no ônibus?

– Acha que sou o quê? Um psicopata?

– Não, só acho que você é louco.

- Talvez eu seja mesmo.
- Jamais me casaria com um louco.
- Sim, você tem razão. Me desculpe.
- Não precisa pedir desculpas.
- Por quê? Dessa vez não te feriu?
- Não.
- Que bom.
- Por que está rindo?
- Nada, nada...
- Está apenas brincando comigo, não é? Esse tempo todo... Se divertindo às minhas custas!
- Não, claro que não.
- Você é cruel.
- Não estou brincando com você.
- Deixe de ser mentiroso. Olha como está rindo!... Brincadeira mais sem graça. Todo aquele papo de conversa jogada ao vento, Suíça, casamento... Tudo papo furado. Você é um idiota. Um imbecil. Cachorro!
- Não sei de onde tirou essas coisas.
- Tá na cara! Até parece que hoje em dia alguém iria fazer um pedido de casamento a uma desconhecida dentro de um ônibus! Isso é ridículo.
- Eu sou louco, você não disse?
- Não passa de um idiota se fazendo de louco.
- Não precisa ficar me ofendendo desse jeito.
- Desculpe, mas você me tirou do sério.
- Você também. Estamos quites.
- Quando te tirei do sério? Não fiz nada.
- Sua beleza me tirou do sério.
- Vamos mudar de assunto? Estou cansada desses seus joguinhos.
- Tudo bem.
- ...
- Seus pais fazem o quê?
- Minha mãe também foi vendedora. Agora está aposentada, fica cuidando da horta. Meu pai... Bem, não o vejo há muito tempo.
- Ele a abandonou?
- Não, não é isso.
- ...
- ...
- Eu sinto muito.
- Não, não sente.

- Sinto sim. Eu sinto muito. Você tinha quantos anos quando ele morreu?
- Não quero falar sobre isso.
- Desabafar vai te fazer bem. Você nunca vai me encontrar novamente mesmo.
- Eu tinha quinze anos.
- Poxa, foi bem cedo...
- Sim... Acidente de moto... Ele era tão saudável, ainda estava tão novo... Sair para comprar meu presente de aniversário e... não voltou...
- Sinto muito.
- Não, você não sente nada. É apenas um desconhecido. Para você foi só mais uma historinha interessante, como se estivesse lendo um conto onde esse caso é narrado por uma das personagens. É lógico que senti uma tristeza momentânea, mas é uma dessas tristezas quase prazerosas, a tristeza que sentimos quando algo triste acontece em um romance, com aquela pitada de certeza de que nada é real e de que estamos apenas nos divertindo.
- Sei que é real. Acredito em você.
- Não foi isso o que quis dizer. Enfim, a vida continua... No final, é isso que importa, não é?
- É...
- ...
- ...
- E você?
- Eu? Eu o quê?
- Er... nada...
- Era criança e morava em Genebra, com meus pais. Queria assistir a um musical infantil, A Bela Adormecida... Meus pais estavam em dúvida, porque nevava muito, mas decidiram ir. Na volta, o carro deslizou no gelo e... Eu não tinha nenhum outro parente na Suíça, e vim morar com meus tios, no Brasil.
- ...
- ...
- E depois disso tudo ainda deseja voltar para a Suíça?
- Sim. Acho que é um desejo tolo de reencontrar o passado.
- Seus pais estão enterrados aqui?
- Não, estão na Suíça.
- E você nunca mais voltou para lá para visitar o túmulo?
- Não, nunca mais. Sinceramente, acho que nem quero visitar o túmulo.
- Acho que isso já seria suficiente para fazer as pazes com seu passado.
- Sim, talvez tenha razão.
- É engraçado, desejo ir para a Suíça para encontrar o meu futuro e, você, para encontrar o seu passado.

- Talvez seja por isso que não devemos ir juntos.
- Não creio.
- Então por que não vamos juntos?
- Porque somos apenas dois desconhecidos.
- Mas nós já contamos um para o outro as grandes tragédias de nossas vidas!
- É por isso que somos apenas dois desconhecidos.
- Não compreendo.
- Eu também não.
- Você é que está se divertindo às minhas custas.
- Estou apenas sendo sincera, acredite.
- Espero que tenha sucesso na Suíça.
- Obrigada.
- ...
- Com licença, meu ponto está chegando.
- Por favor, não vá. Não deixe minha vida assim. Eu nem sei o seu nome.
- O ponto está chegando. Nada podemos fazer contra o tempo, quando se aproxima.
- Podemos sim, você pode simplesmente ficar.
- Uma hora o meu tempo de ir chegaria, inevitavelmente. É melhor ir de uma vez e poupar-lhe do sofrimento.
- Mas eu já sofro agora.
- Sofreria no futuro muito mais. É melhor perder agora uma desconhecida que você não sabe o nome, do que perder no futuro o amor de sua vida.
- Quero correr o risco.
- Eu não. Adeus.
- Adeus. Tome a sua bolsa.
- Ah, sim, obrigada.

Espaço

*N*ão sabia onde estava. Apenas que era uma cidade no interior de Minas Gerais. Haviam lhe contado, é claro, mas sempre se esquecia. O nome da cidade não lhe importava, muito menos de quem era a casa que visitava. Devia ser daquela moça de meia idade, de cabelos ruivos e colar de pérolas (falsas, provavelmente), mas não tinha certeza. Não sabia como ela se chamava. Será que aquela festa era para comemorar o aniversário dela? Talvez. Ou talvez fosse apenas para celebrar alguma outra ocasião qualquer. Ela parecia tão feliz e conversava com todos. Menos com ele.

Não que ele fosse ignorado. Todos faziam questão de chegar perto e dar-lhe um sorriso. Sorria de volta e os cumprimentava com a cabeça. Mas não saía uma única palavra de sua boca. Falar para quê? Por que deixar sair as palavras que ninguém jamais entenderia? Palavras cujos significados eram simplesmente incapazes de compreender?

Estava sentado em uma cadeira, no canto da sala. Ali, seguro e afastado, observava as pessoas conversando, abrindo e fechando a boca cheia de saliva e deixando sair sons pobres e sem graça: sílabas, sílabas, palavras, palavras e palavras, estava farto delas. Queria se livrar daquelas reuniões chatas, entrar para dentro de si mesmo, mas sabia que não poderia fazer isso. Sua esposa e sua filha não o perdoariam.

Olhou para a filha, como era linda no esplendor de seus vinte anos, uma verdadeira flor a desabrochar, se não fosse por aquele maldito piercing no nariz. Por que cismava em desobedecê-lo? Sua filha com um maldito piercing no nariz, quem diria... Era esse maldito lugar, tudo culpa desse maldito lugar. Parecia que corrompia as pessoas, como se o ar fosse tóxico. Olhou para a esposa, linda, delicada, suave como uma flor de lótus a boiar numa lagoa esverdeada, movimentando-se com a doce brisa da primavera. Jamais a perdoaria. Olhava para a esposa, e novamente se surpreendia por toda a sua paixão ainda não conseguir superar o forte rancor que procurava desesperadamente esconder. Odiava admitir isso, mas era verdade. Jamais a perdoaria. Como sentia falta de sua terra, de seu povo, de sua comida, de sua religião, de sua língua. Como sentia falta. Aprendera uma única palavra em português em todos os anos em que estivera ali: saudade. Era a única que considerava digna de ser aprendida. A única.

Uma movimentação na sala. As pessoas se levantavam e se dirigiam para a mesa. Alguém falava com sua filha, enquanto apontava discretamente para ele. Devia ser a hora do jantar. Mas não se levantou. Continuou observando, as pessoas se sentando na mesa, pegando seus talheres. Às vezes gostaria de ser invisível, um fantasma, apenas observar para sempre. Era tão mais fácil, tão mais simples. Mas não, tinham que continuar com aquela farsa, continuar fingindo que fazia parte de uma família que não era a dele. Não era a sua família. Não era. Sua família não morava ali.

– Otousan, bangohan wo tabeyou!

– Hai, wakatta.

Tinham que continuar com aquela farsa. Sorriu, levantou-se e sentou ao lado de sua esposa. Serviam arroz, feijão, salada, farofa e carne. Odiava comer feijão. Comiam, arranhando o prato enquanto partiam a carne com a faca. Muitos mastigavam de boca aberta, conversando, deixavam cair pedaços de farofa e arroz no prato. Não, não fazia parte daquela droga de família. Olhou para o garfo e faca, velhos e tortos em suas mãos. Há quanto tempo não utilizava um hashi? Muitos, muitos anos. A última vez foi em Sapporo, logo após ter ido com sua esposa admirar as esculturas de gelo no festival de neve. Como era esbelto aquele cisne de gelo, pronto para voar onde quer que desejasse, onde quer que desejasse... Tão livre!.. Mas era frágil, não suportava os raios mornos do sol de inverno. Sim, é claro que havia um restaurante japonês na cidade em que morava (como ela chamava mesmo?) mas se recusava até mesmo a passar pela porta. Aquilo não era comida japonesa. Comer ali só iria piorar as coisas. Preferia manter na memória aquela última refeição em Sapporo, de alguma forma ainda conseguia sentir todo o sabor quando forçava as suas lembranças. Comer no restaurante da cidade iria estragar tudo, misturar o sabor de suas reminiscências com o gosto forte e desagradável de uma memória recente e infeliz. Não poderia fazer isso.

As pessoas continuavam comendo, mastigando de boca aberta e feliz aquela comida de gosto tão forte que se tornava desagradável. Percebeu que não sabia o nome de ninguém, exceto o de sua esposa e de sua filha. Perguntou-se se algumas daquelas pessoas saberiam o seu nome. Sinceramente, achava que não. Era quase invisível, apenas um par de olhos em cima da mesa, mais inútil, desnecessário (e morto) do que os ossos do frango que jaziam sobre a mesa. Naquele momento, percebeu que estava morto. Não existia mais. Estava completamente desconectado do mundo. Era mais real nos momentos em que conversava pela Internet com seu irmão, quando sua voz chegava até a sua pátria. Só naqueles instantes existia; mas existia apenas como ondas sonoras transmitidas pelo ar, que navegavam através de pacotes na Internet, para se transformarem novamente em ondas que entravam nos ouvidos de seu irmão, fazendo vibrar o martelo, a bigorna e o estribo, para então se converter nos misteriosos impulsos elétricos que percorriam o cérebro. Só assim existia, como onda pura, pura energia. Um ser virtual. Nada mais.

Levantou-se, quando todos terminaram de comer. A expressão gochisousama ficou presa em sua garganta, amarga, ácida, quase engasgando-o. Gochisousama, um agradecimento pela refeição, que jamais faria novamente. Voltou para o canto da sala. Sentiu vontade de encostar a cabeça na parede, fechar os olhos e dormir, não porque sentia sono, mas porque sentia tédio. Um tédio longo e amargo. Mas não queria ser rude. Tinha que fingir que fazia parte daquela família, não podia desagradar a filha e a esposa. Manteve os olhos abertos e um quase sorriso nos lábios. Mas tudo o que queria era ir embora. Há muitos anos, tudo o que queria era ir embora dali.

Sentia falta do Parque Moerenuma, da pirâmide de vidro onde podia ver o reflexo de seu próprio rosto. Ia muito para lá quando era pequeno, de mãos da-

das com sua mãe. Brincava na neve, enquanto ela mantinha-se parada com uma linha de sorriso nos lábios, observando-o vestida de vermelho, tão forte naquele mar branco que era o parque durante o inverno. Lembrou-se dos arranjos de flores que ela montava, era uma mestra da arte da ikebana. Mas quase sempre fazia arranjos de flores vermelhas, por algum motivo não gostava das outras cores. Lembrou-se das massagens que ela fazia em seu pai, enquanto os observava com inveja, sonhando com o dia em que também teria uma esposa. Mas sua mulher não sabia fazer nada, só sabia trabalhar e juntar dinheiro. Não fazia ikebanas, não fazia massagens, não tocava nenhum instrumento, não cozinhava, não limpava a casa direito, nada, nada, nada. Parecia um homem. Só queria trabalhar e juntar dinheiro. Novamente aquele rancor incontável foi crescendo em sua mente, furando as camadas de paixão que utilizava para escondê-lo. Não precisavam tanto assim de dinheiro. Ainda mais naquela cidade, que não tinha nada. Ainda mais naquela cidade sem nome. Então, por que trabalhar tanto? Por que não cuidar da casa e do marido, aprender a fazer ikebanas, a tocar Shamisen ou pelo menos uma flauta, impedir a filha de fazer a droga de um piercing? Por que tinha que ser uma trabalhadora e não uma esposa? Tudo culpa desse lugar maldito, esse lugar que corrompe as pessoas, como se o ar fosse tóxico. Por que ela quis vir para cá?

Onde estava, afinal? Que lugar tão diferente era esse, onde as pessoas comiam com garfo e faca e boca aberta arroz, feijão, farofa e frango? Onde não se falava itadakimasu e nem gochisousama? Como podia existir uma sociedade tão diferente, tão estranha, tão longe de seu lar, tão longe de seu ser? Sentiu uma lágrima ácida querendo sair de seus olhos, fechou-os com força. Não poderia chorar. Tinha que fingir que fazia parte daquela família, tinha que fingir que era feliz.

– Otousan, daijoubu?

– Hai, hai, daijoubu. Shinpaishinaidene.

Não, não era a pirâmide de vidro do parque Moerenuma, não eram as ikebanas vermelhas de sua mãe, não eram as esculturas de gelo o que mais sentia falta. Não era. Não era nem a comida, aquela comida deliciosa que ainda podia sentir no paladar se concentrasse as suas memórias. Não era. O que mais sentia falta era de sua língua. A força, a sonoridade, o lirismo e a organização da língua japonesa o marcaram para sempre. Pelo menos a sua filha e a sua esposa ainda o deixavam provar pequenas frases, saborear aquelas simples palavrinhas. Como um peixe que se debate fora d'água, de vez em quando jogavam sobre ele aquele líquido de palavras que não o deixava morrer. Mas não era o mesmo que nadar no oceano de um idioma, com todas as suas vastas riquezas e possibilidades. Um idioma tem sempre o sabor do infinito. Mas tinha que se contentar com as pequenas finitudes, as pequenas palavrinhas, que a vida havia reservado para ele.

– Otousan, mou kaeritai?

– Iee, iee, daijoubu.

Estava sendo injusto, era verdade. Em casa usavam somente o seu idioma. Como se voltasse subitamente à vida, ali deixava qualquer palavra escapar de sua

boca, era novamente alguém, podia tecer o longo fio de seus comentários e era compreendido e questionado. Como era estranho, existirem quatro paredes que pudessem ressuscitá-lo em um país onde estava morto. Como se houvesse trazido um pedaço do Japão consigo e o tivesse escondido dentro de sua casa, dentro daquelas quatro paredes. Em casa falavam itadakimasu antes de comer e gochisousama após a refeição. Como qualquer pessoa devia fazer. Que delícia!..

Engraçado, não se lembrava mais do rosto de seu pai. O que é que estava acontecendo com as suas memórias? Lembrava-se com tanta clareza da linha fina do sorriso branco de sua mãe, do vestido vermelho, das ikebanas... Por que não conseguia mais se lembrar do rosto de seu pai? Não havia se esquecido de que o seu próprio rosto era muito parecido com o dele. Mas quais eram as linhas que o diferenciavam, quais eram os detalhes que indicavam para as outras pessoas, ah, aquele é a-san, este é b-kun, isto não mais se lembrava. Era como se o seu rosto e o de seu pai houvessem se tornado o mesmo. Mas não possuía uma esposa que o massageasse. Sua casa não era enfeitada com ikebanas. À noite não escutavam nenhum instrumento musical. Não tinha uma mulher que cozinhasse, que limpasse a casa. Sua esposa só queria trabalhar e juntar dinheiro. Novamente aquele rancor, aquele ódio, que asfixiavam a sua paixão. Não a perdoaria nunca? Precisava perdoá-la. Como era difícil.

Quem era ele, afinal? Quem era ele, naquele lugar onde morava, desconectado de tudo e de todos? Quem era ele e para que servia? Não passava de um inútil, para a sociedade e para seu país... Se transformara em um grande saco de lembranças, cheio de poeira e esquecido, pendurado em algum lugar qualquer. Tantos sonhos perdidos.

Quando pequeno, sonhava em se tornar um grande pianista. Imaginava-se tocando no Tokyo Bunka Kaikan, sendo aplaudido de pé pela multidão. Chegara mesmo a se dedicar ao piano, mas a vida o impedira de continuar. Agora, naquela cidade que não sabia o nome, nunca tocara mais nada. Nem havia comprado um piano. Tocar para quê? Por que preencher o ar com as suas melodias, por que dedicar-se a criar aquele ponto máximo de uma comunicação que dizia o que estava além das palavras, que comunicava o que estava atrás do pensamento? Não estava disposto nem a uma comunicação convencional. Em todos aqueles anos, uma única palavra: saudade. Por que precisaria de outras? Para quê?

Saudade. Quase chegou a pronunciar, mas conteve-se depressa, mordendo os lábios. Não poderia deixá-los perceber que sabia essa palavra. Poderia dar-lhes a impressão de que estava aprendendo português, de que fazia parte da família. O que não era verdade, não era verdade. Jamais.

A moça de cabelos ruivos e colar de pérolas aproximou-se, com sua filha. Disse umas palavras em português, que sua filha (com aquele piercing ridículo, não conseguia retirar os olhos dele, como podia usar uma coisa dessas, era esse lugar tóxico, esse ar que corrompe as pessoas) imediatamente traduziu:

– Kyou kite kurete arigatou.

– Iya, somoso kitakattan desu yo. Tanoshikatta. Tanjobi ni omedetou gozaimasu.

Sua filha imediatamente traduziu as palavras. Ou adaptou-as para algo mais apropriado, nem tinha certeza se era realmente o aniversário daquela mulher, pouco lhe importava. Mas deve ter sido uma boa tradução, pois a moça ruiva de colar de pérolas o abraçou, fazendo-o sentir aquele corpo quente, feminino, sujo. Disse em seu ouvido:

– Obrigada.

Sua filha não traduziu, pois não havia escutado e ele não se deu ao trabalho de perguntar. Aquela palavra se tornara uma das únicas palavras secretas que havia trocado no Brasil, o seu único e grande segredo. Talvez um dia também viria a aprendê-la: obrigada. Mas com certeza jamais teria o mesmo significado que tinha para as outras pessoas. Seria sempre a única palavra no Brasil que um dia trocara em segredo, o máximo de comunicação que conseguira travar. Obrigada. Saudade. Talvez aquele momento memorável devesse ser esquecido. Talvez já estivesse começando a se deixar corromper. Esse ar tóxico, que corrompe as pessoas. Mas deixar-se corromper era tão mal assim? Era assim tão terrível?

Segurou-se com força na cadeira, assustado. Estava mudando. Estava deixando de ser ele mesmo. Estava mudando no Brasil, se tornando alguém diferente, alguém que não era mais ele. Não podia deixar isso acontecer. Seus dedos doíam, mas estava tão assustado que não conseguia soltar a cadeira. Não queria se tornar outra pessoa, mas por que, subitamente, aquilo lhe parecia tão inevitável? Quase tão certo quanto a morte.

– Otousan, kaerou? Okaasan mou tsukarete iru.

– Hai, wakkata.

Finalmente, voltaram para casa. Finalmente. E como falou japonês naquela noite, conversou com sua filha e sua esposa, com sua esposa e sua filha, resmungava, falava sozinho, não deixava o assunto morrer, não deixava o silêncio penetrar em sua boca. Quando elas foram dormir (aquele rancor, aquele rancor que tinha que esconder) passou a ler *hai kais* em voz alta, sentindo as sílabas saindo de sua língua e penetrando em seu espírito. Depois assistiu ao campeonato de sumô, vibrava de corpo e alma com o esporte, que dava-lhe um sabor de Japão nos olhos. Mas, mesmo assim, naquela noite não conseguiu dormir.

Ficou deitado, de olhos abertos, olhando para o teto. O que estava fazendo ali? Mas o pior pensamento, o que realmente o deixava de olhos abertos em pânico, não era aquela pergunta. Era a pergunta que mal ousava fazer, que mantinha-se quase que sem palavras no fundo de sua mente: Quem ele estava se tornando ali? Quem era agora e quem seria no futuro? Sua esposa havia matado o japonês que ele seria. Já não era mais quem devia ser e no futuro jamais seria quem deveria se tornar. Sua verdadeira personalidade estava morta e algo nascia que ele não sabia quem era. Sentiu as lágrimas descendo quentes pelo seu rosto, lágrimas dedicadas a um enterro que não havia acontecido. Pensou em se matar. Mas não adiantaria, não podia matar o que já estava morto. Podia matar aquele

novo ser que se chamava de eu, mas seria um assassinato tão tolo quanto qualquer vingança. Na verdade, aquele eu não tinha culpa de nada, era apenas uma consequência da morte do eu que já se fora.

Pensou em voltar para o Japão, salvar-se enquanto ainda havia tempo. Mas não havia mais tempo. Os anos no Brasil seriam sempre uma marca em sua personalidade, uma marca que jamais poderia ser apagada. Não havia mais salvação para a sua antiga alma. Sua antiga alma jamais conheceria a palavra saudade. Pela primeira vez percebeu como aquela palavra o havia transformado. Ninguém jamais poderá voltar a ser o mesmo após conhecer a palavra saudade. Jamais.

Cada lugar por onde andara o havia marcado de uma forma que não era capaz de compreender. Mas no Japão a mudança era pequena, suave e sutil, escondia-se atrás dos pensamentos e das sensações, fazia parte de si mesmo. Mas em um lugar tão diferente como o Brasil se tornara mais forte, mais pesada, acumulara-se ao longo dos anos para agora mostrar as suas garras de marfim e seus dentes sujos de sangue. A mudança. Talvez mais terrível do que uma doença, pois consegue viver conosco eternamente como um parasita. Passa a fazer parte de nós, um parasita da alma. A mudança. Sentiu saudades de si mesmo, mas percebeu que nunca mais seria capaz de reencontrar-se. A mudança.

Levantou-se, e correu para o banheiro. Acendeu a luz, olhou-se no espelho. Suava. Sua respiração era rápida e pesada. Levou a mão ao seu próprio reflexo, e por um instante ficou em dúvida se tocava seu próprio rosto ou a parede de vidro do espelho. Era engraçado como o espelho deslocava a presença de seu próprio eu, agora estava ali e aqui, e surpreendentemente eram ambos a mesma pessoa. Achou isso tão bonito que quase teve vontade de chorar. Estar em dois lugares e ainda ser o mesmo, que dádiva, meu Deus, que dádiva.

Olhou seus próprios olhos, onde novamente se encontrou naquela série de reflexões infinitas, a vasta estrutura em abismo do olho que vê a si mesmo. Mesmo assim não se reconhecia, não sabia quem era aquele homem perdido, tão tolo ao ponto de não conseguir nem mesmo se encontrar. Quem era aquele homem sem terra, sem solo, sem pátria, como um indigente sem pai nem mãe que mal sabe seu próprio nome. Como chamava mesmo? Ultimamente só se referiam a ele como ani, otousan, chichi, otto ou shujin. Há quanto tempo não escutava o seu próprio nome? E o que importava afinal? Um nome não serve para nada.

No silêncio seguro da escuridão, em uma louca tentativa de conectar-se com o seu próprio eu, estendeu seus braços trêmulos e começou a tocar um piano que não existia, que existia somente no Japão, mas que soltava notas doces e amargas, delicadas e fortes, viris e femininas, uma música que era como um parto e como uma morte. No vazio do silêncio, no vasto campo do nada, escutava a música última, a música por vir, a música infinita que está atrás do pensamento de todo homem. Apertava com força as teclas que não existiam, tocava arranhado, desafinado, tocava com toda a força da morte de seu próprio ser. A saliva que saía de sua boca encontrava-se com as lágrimas que escorriam de seus olhos e

misturavam-se com o suor exalado pela sua pele nua. Era um animal naquele instante, um animal que tocava a mais bela das mudas canções. Sentiu-se exaurido no final daquela longa composição, sentiu-se exaurido e louco. Sentiu-se louco e vivo e morto e são.

Estava molhado de suor. Resolveu tomar um banho no meio da madrugada, enquanto escutava o alto ressonar de sua linda e delicada esposa. Como uma brisa da primavera. Uma brisa tão frágil, tão delicada, tão suave, que conseguiu arrastá-lo para fora do Japão, que conseguiu levá-lo como um furacão até aquela cidade sem nome. Jamais imaginara como algo fraco, suave e delicado poderia ser tão forte. Forte o suficiente para arrastá-lo para fora de seu próprio ser, ele que se julgava tão duro e resistente. Ah, aquele rancor, aquele ódio, que asfixiavam a sua paixão. Jamais a perdoaria?

Lavava o seu próprio corpo, quase como se o sentisse pela primeira vez. Parecia estar nascendo de novo. Não havia nada mais triste e solitário do que nascer sozinho, nascer sem mãe. Sentiu sede de leite, mas havia apenas aquela água inodora, insípida e incolor, como um retrato de sua própria morte. Vida e morte, dois pontos que se encontram em algum lugar do espaço e que cismamos de chamar de ser. Ser. Ser quem, quando temos que nascer de novo, a triste solidão de nascer sem mãe, nascer de novo em uma terra vermelha e dura, onde não temos mais nome? Ser quem? Não queria nascer de novo, não queria, mas sabia que já era tarde demais, o processo já havia começado, já se formaram os dentes, as unhas, o mole tecido cerebral, já possuía olhos e aquele sangue quente a percorrer inexorável suas veias, independente de sua própria vontade ou desejo. Pare!, teve vontade de gritar, pare! Mas tudo continuava, mesmo naquela terra estranha, o sangue inexorável a percorrer suas veias, tudo continuava sem fim, em direção a um finito que não acabava nunca. Pare!, mas não parava, jamais pararia, nascia, chorava com o sofrimento da vida, talvez o maior sofrimento humano. Sentia sede de leite, mas nascera sem mãe.

E sempre aquele ódio. Aquele rancor que não acabava nunca, destruindo a paixão que sentia pela esposa como um câncer. Sua esposa que ressonava alto na madrugada, indiferente ao seu parto e à sua morte. Sua esposa que, pela primeira vez percebia, também parecia estar perdendo o próprio nome, também morria e se alterava, mãe daquela filha de piercing, corpo estranho ao próprio corpo. Talvez só a filha, ainda feto em formação, tivera o privilégio de não ter que nascer de novo, não ter que passar pelo duplo sofrimento que só terminaria com o sofrimento último da morte.

Terminara o seu parto. Não estava banhado em sangue, mas em água. Não chorava e berrava, mas seu espírito estremecia. Sentia toda a dor de seu próprio parto, talvez muito pior do que a dor de um suicídio.

Deitou-se ao lado da esposa. Finalmente havia terminado, aquela dor profunda de vida.

Linguagem

“Mia lando havas palmojn,

Kie kantas sabia’.

Birdoj tie ĉi kantantaj,

Tiel ne belsonas ja.”

(Gonçalves Dias, tradução de Francisco Valdomiro Lorenz)

- Alaringuro virgurense rassinteressou.
- Como?
- Alaringuro virgurense rassinteressou! Alaringuro excramense prassinteressa!
- O quê?
- A lerengura prontense grassinteressaria.
- Do you speak English?
- Ner vra de mer! – Ele respondeu, com raiva.

O viajante levantou-se. Não dava para continuar. Quem era aquele sujeito, afinal? Que droga de língua falava? E sempre mantendo o semblante sério, compenetrado, quase como se profetizasse algo. Ainda mais com aquela barba e a longa e surrada túnica marrom. Talvez morasse ali há um longo tempo. Caminhou até a entrada da caverna, mas continuou sendo seguido por aquele sujeito de barba longa e surrada túnica marrom. Por que ficava seguindo-o? O que queria afinal?

Chegou na entrada, mas ainda estava escuro. Escutava o som dos lobos que rondavam o local, ameaçando a noite com seus uivos e rugidos incompreensíveis. Parecia perigoso sair, melhor continuar esperando o nascer do dia. Será que os uivos e rugidos incompreensíveis dos lobos faziam algum sentido? Será que se compreendiam naqueles barulhos que soavam tão raivosos e irracionais? Seriam capazes de conversar, vou atacar pela direita, você vai pela esquerda, você fica aí, ainda é muito novo, ou apenas utilizavam os sons para ameaçar e marcar a sua presença?

Encostou na parede da caverna e fechou os olhos. Estava cansado. Queria o silêncio, queria descansar. Mas outras criaturas da floresta produziam sons, compondo a sinfonia da noite. A música era gerada não apenas pelo barulho produzido pelo vibrar dentro da garganta dos animais, como também pelo pisar das patas no chão, pelo bater das asas no ar, pelo balançar dos galhos das árvores, pelas ondas geradas com a movimentação na água. Cada animal, cada ser, possuía a sua forma única e especial de brincar com o ar. Será que se entendiam? Será que conversavam durante a noite, a coruja uuuuuúúúúú, onde tem ratinhos companheira? a outra coruja uuuuuúúúúú, ali atrás da colina azul. Ou seriam suas palavras meras obras do acaso, um acidente causado por bilhões de anos de evolução que levavam o nada a lugar nenhum? Seria a comunicação algo impos-

sível?

– Aleregunra paratense rarengou, virrá trunde.

Sentou-se na entrada da caverna. Não queria voltar para o fundo. Apesar de ainda estar escuro, ali pelo menos havia o fraco iluminar da lua minguante. Admirou aquela lua bela, magra, rodeada por seu colar de estrelas. Lua. Lua. Luu-aa. É um nome tão bonito, tão redondo nessa única sílaba: lua. Quase como se fosse uma lua cheia. Mas por que será que chamava assim e não de outra forma? Sei lá, por que não chamava selene, por exemplo? Também é um nome bonito, sonoro, e parece mais celeste, mais místico e mágico. Ou por que não artemis? Artemis seria muito legal. Talvez porque um dia alguém importante disse que seria lua e ficou assim. Tem acento? Não, disse alguém importante, não tem.

– Serene pratense rest brensa. Rassinteressa?

Concordou com a cabeça. Sentia pena do homem de barba surrada e longa e comprida túnica marrom. Coitado, queria tanto conversar, queria tanto se comunicar!... Talvez morasse ali há um longo tempo. Sempre sozinho, na escuridão da caverna, rodeado por lobos durante a noite, assim como selene é sempre rodeada de estrelas.

– Como você se chama?

– Rerunga tramen rest brensa.

– De onde você veio?

– Brensa rest paratense, rassintené?

– Por que mora nesta caverna?

– Craver excramensa rest brensa rer tranquir.

Não adiantava, não adiantava, não adiantava! Era impossível se comunicar. Parecia ser um problema muito maior do que a linguagem, do que compreender uma ou outra língua, de saber o significado das palavras, aquele homem estava muito distante de sua vida, muito distante de suas ideias e de sua visão de mundo. Talvez não conseguiriam conversar nem mesmo se ele falasse português. Como você se chama, de onde veio, por que mora na caverna... Parecia ridículo. Não devia conhecer nomes, nem lugares, muito menos razões para estar ali. Um homem que morava em uma caverna, vendo apenas as sombras da realidade, como poderia conversar com alguém que vivera sempre do lado de fora? Provavelmente aquele homem de barba marrom surrada e túnica longa e comprida não seria capaz de diferenciar o verde do azul, o vermelho do amarelo, em sua mente acostumada com aquele mundo tão escuro e limitado. Mas devia ter diversos nomes para os tons de preto, cinza e marrom que outras pessoas mal conseguiriam notar a diferença.

A noite estava fria. Não via a hora de surgirem os primeiros raios quentes do sol, quando finalmente poderia ir embora, voltar para o seu mundo e as suas palavras. Sentia-se preso naquela caverna escura e fria, ao lado daquele homem de barba marrom e longa e comprida túnica surrada, que provavelmente morava ali há um longo tempo. Com o passar das horas, sua angústia foi se transformando

em medo, não conseguia entender muito bem por quê. Talvez a escuridão da noite ou talvez a solidão o assustasse. Mas jamais tivera medo do escuro, muito menos da solidão. Sabia que mesmo no escuro, a realidade que conhecia ainda estava lá, apenas não havia luz para trazê-la até seus olhos. Sabia que mesmo na solidão, as pessoas que amaria ainda estavam lá, apenas faltava luz para vê-las. Olhava para o homem de longa barba marrom e comprida túnica surrada, e sentia medo, mas não era medo dele, era medo de algo que não conseguia compreender e nem definir e nem explicar. Talvez não fosse medo que realmente sentisse, talvez fosse mais um daqueles sentimentos que ainda não temos palavras para denominar.

– Rung rest brena? – O viajante arriscou-se a perguntar, em um momento de tédio e louca confiança.

– Cest trade.

Seu coração bateu forte. Haviam se comunicado. Não tinha nem ideia do que falara, muito menos do que havia sido respondido, mas haviam se comunicado. A adrenalina percorreu o seu corpo, o gosto da aventura e do desconhecido molhava seus lábios.

– Rerunga excramenta tramen rer tranquir? – Arriscou-se novamente.

O homem de longa túnica marrom e barba comprida e surrada pareceu em dúvida, antes de responder:

– Rerunga travir rest brensa rer tranquir, alaringuro ner vir?

Uma pergunta. Meu Deus, como responderia?

– Cest trade.

O homem de túnica marrom sorriu. Em seguida, o visitante também sorriu. Cest trade. Por quê? O que significava aquilo? Por que provocou um sorriso nos lábios do seu interlocutor, que estava sempre sério e compenetrado? Que espécie de corrente louca é essa que transforma as vibrações sonoras em emoções na mente dos homens? O longo uivo de um lobo cortou a noite, fazendo-o arrepiar de medo e angústia.

O tempo passou, mas a manhã ainda não veio com seus quentes raios de sol. Seu relógio havia parado de funcionar dentro da caverna, fazendo-o perder completamente a noção se já tinham passado minutos, horas ou dias. Já não aguentava mais ficar ali. Quando o sol iria nascer novamente? Por que estava demorando tanto?

– Cest trade.

Olhou para o homem de marrom barba longa surrada e comprida túnica. Há quanto tempo estava ali? Será que morava ali há um longo tempo? Será que já vira o sol nascendo além da entrada da caverna? Será que um dia também se viu preso naquela caverna, devido à alcateia que rodeava a entrada durante a noite, como as estrelas rodeiam selene? Será que já falaram a mesma língua um dia? Será que também ficaria preso na caverna e estava condenado a se tornar um homem demarromtunicabarbasurradalongacomprida?

Começou a pensar em deixar a caverna, naquele momento mesmo, durante a noite. Para o inferno com os lobos. Sim, iria deixar a caverna, sair dali, seguir adiante, encontrar as pessoas que conhecia e que falavam a sua língua, que compreendiam as suas palavras, que não possuíam diferentes nomes para os diferentes tons de preto e cinza que mal era capaz de diferenciar.

Chegou mesmo a se levantar e a caminhar em direção à saída, apesar do olhar de medo e espanto que lhe dirigira o homem barbatunicamarromcomprida. Mas, subitamente, um lobo colocou a cabeça dentro da caverna, a poucos centímetros dele. Podia sentir o hálito quente de sua respiração. O lobo rugiu, um rugido aterrorizante, e mesmo com a pouca iluminação, pôde ver o sangue que escorria de sua boca, os restos de carne podre presos em seus dentes, o brilho vermelho em seu olhar, sedento por sangue, morte e destruição. Em seguida, quase tão rápido como apareceu, o lobo saiu da caverna, mas compreendeu a ameaça sem palavras. Ainda não poderia sair. Teria que esperar o nascer do dia.

– Lupo cest kra de vir, de mer!.. Ner vra de mer!

Sentou-se e encostou a cabeça na pedra fria. Talvez fosse melhor dormir, faria o tempo passar mais rápido. Fechou os olhos, mas sentia uma ânsia, uma angústia, que não o deixava relaxar. Desistiu, levantou-se, e caminhou novamente para o fundo da caverna, seguido pelo homembarbalongacompridasurradatunica-marrom. Por que o seguia? Por que não o deixava em paz? Já estava cheio daquilo, cheio daquela caverna escura, cheio dos lobos do lado de fora, cheio do medo, cheio daquela droga de língua que não entendia, cheio do homem de barbalongasurrada e tunicamarrom seguindo-o para cima e para baixo, para todos os lados que ia, e falando toda aquela droga de palavras sem sentido, estava cheio daquilo tudo, cheio, cheio, cheio, cheio!

– Vá embora! – Gritou para o homem marrom barba túnica longa comprida de surrada e.

– Rest trunde?

– Vá embora! Vá embora! Vá embora!

Não aguentava mais. Queria sair dali, queria que o homem tunicamarrom fosse embora, queria dormir, queria paz, queria que os lobos fossem embora, queria voltar para casa, queria falar e ser compreendido. Queria ser compreendido...

– Vá embora!!! – Gritou, enquanto escutava o eco dizendo a mesma coisa para si mesmo milhões e milhões de vezes, vá embora, vá embora, vá embora, vá embora, vá embora. Ele queria, queria muito, mas como? Como? Como? Cest trade... De mer! Ner vra de mer!

– Rest trunde cer ner se par tre vir ner vir ce pra de mer! Tru ver laringurale-rengura par tre vir ce par de rengura! Cerinteressa ner excramente de mer! De mer! Ner vra de mer! – Gritava nervoso o homem de barbassurrada, enquanto se afastava.

Estava agora sozinho, no fundo da caverna. Esperava que não tivesse o chateado muito. Mas não conseguira se controlar, perdera completamente a cabeça.

A luz de artemis não chegava até ali, tudo estava escuro. Com o tempo, passou a sentir solidão, sentia falta do homem surradacompridabarbatunicaelonga. Jamais sentira medo da solidão, mas ali, sentado no escuro da caverna, o incomodava como nunca havia imaginado. Passou a balbuciar barulhos sem sentido para si mesmo, sons animais que mal podiam ser separados em sílabas, apenas para escutá-los em seus ouvidos. Era estranho como aquilo o fazia se sentir melhor. Mas acabou ficando entediado com aqueles sons e passou a soltar sílabas e palavras em uma sequência que nada significava: bá pá dá bala cê lo no dala pa pô no fala sa sô no cala bá pá dá bala cê lo no rosto pa pô no posto ma mo mi costo ta da no corço cê lo no rosto... Gostava do ritmo que sentia naquela sequência, como se fosse a batida forte de um tambor. Após um tempo, novamente entediado, passou a misturar alguns versos que sabia de cor na sequência de sons sem sentido: minha terra tem palmeiras dá pá dá bala onde canta o sabiá cê sô nô rosto as aves que aqui gorjeiam sá sô no posto não gorjeiam como lá pá pô na rosto não permita Deus que eu morra sá pá ná cala sem que eu volte para lá pá dá pá bala sem qu'inda aviste as palmeiras sá só sô torço onde canta o sabiá. Onde canta o sabiá. Minha terra tem palmeiras. Onde canta o sabiá. Os versos percorriam sua mente, em um frenesi quase religioso. Não corras na areia não corras assim donzela onde vais tem pena de mim a brisa teus negros cabelos soltou em cismar sozinho à noite mais prazer encontro eu lá o orvalho da face te esfria o suor minha terra tem primores que tais não encontro eu cá teus seios palpitam – a brisa os roçou nosso céu tem mais estrelas nossas várzeas têm mais flores beijou-os suspira desmaia de amor nossos bosques têm mais vida nossa vida mais amores donzela onde vais tem pena de mim não permita Deus que eu morra não morras donzela espera por mim sem que eu volte para lá sem qu'inda aviste as palmeiras onde canta o sabiá. Rimas, ritmos, aliterações e assonâncias, metáforas e paráfrases, tudo se misturava em um único instante, enquanto uma dúvida permanecia em sua mente, como se fosse o motivo musical a manter a união do caos de seus pensamentos: lua... por que lua? por que não selene? por que não artemis? por que lua? lua... por que não selene? por que não artemis? lua... por que lua? dá pá dá bala cê lo no dala não corras donzela não corras assim cê lô nô torço onde canta o sabiá lua... por que não selene? sá sô pô rosto que tens coração que tremes assim lua... dá dó pô corço por que não lua? por que artemis? não permita sabiá que eu morra selene... por que não lua? sem que eu volte para cá dá pô pá bala não voes assim sabiá onde vais tem pena de mim sá só bô dala por que selene? artemis... por que não lua? em correr sozinha à noite mais prazer ela encontra lá sá ná no pata não morras sabiá espera por mim por que lua? lua... por que lua? lua... por que lua?

– Serene pratense nerst ner vir!

O homem de barbatúnica comprida e marrom voltara. Serene pratense nerst ner vir... Cest trade... O que significava tudo aquilo? Lembrou-se de um livro que lera, havia uma vacamúú descendo a rua que encontrou um lindo garotinho. Stephen Dedalus era o seu nome. Era uma vez e foi uma época muito boa havia uma vacamúú descendo a rua... Vacamúú. Por que vaca? Por que não sele-

ne? Por que não artemis? Por que não lua? Quem diabos escolheu essa sucessão de sílabas que nomeia os objetos? Vaca. O que é uma vaca? Uma vaca é um mamífero de quatro patas, ruminante, artiodactilo, com um par de chifres não ramificados, ocos e permanentes. Do gênero feminino, é claro, senão seria um boi. Boi. O que é um boi? Vacamúú, miaugato. Gato. O que é um gato? Um gato é um mamífero pequeno, carnívoro, da família dos felídeos. Se comunicam fazendo miau em português. Mas os gatos de outros países falam meow, miaow, maw, mèu, nyaa, miao, myau, ñav, mao-ñau... Por que gato? Por que não animalquefazmiau? Por que não gatomiau? Por que não garfo?

– A laringuro virgurense rassinteressou.

– Alaringuro virgurense rassinteressou! Alarengura excremanso prassinteressou! – Arriscou-se a responder.

– A lerengura prontense grassinteressaria.

– Cest trade.

– Cest trade – concordou o homem.

Sorriu. Já estava batendo altos papos com o homem de barba comprida e longa e surrada túnica marrom que provavelmente vivia ali há muito tempo e possuía várias palavras para os vários tons de preto e cinza. Começou a sentir-se na borda da insanidade. A laringuro. Alaringuro. Qual seria a diferença? Gato miau, vaca múú, múúvaca, miaugato, gatomeow, vacamoo, muhvaca, gatoñav, vacameuh, luapratedada, rosto, poço, garfo, tartaruga, lobo, lupo, cinza claro, cinza escuro, cinza amarronzado, preto anil, preto temperado, pretofundal, derive escuro, oh! selene tão bela, que artemis nos proteja.

Um lobo entrou na caverna. Não o viu, mas podia escutar os sons de seus passos sedentos por sangue, como se fossem palavras de ameaça. Por que o lobo entrara? Não deveria rodear a caverna como as estrelas rodeiam artemis? Não deveria permanecer do lado de fora por toda a noite, até que chegue a manhã para que ele finalmente pudesse ir embora? Por que o lobo quebrara as regras? Será que havia feito algo errado e agora deveria ser punido por isso? Não sabia. Pensava em pânico para onde fugir, como se esconder, como faria para escapar daqueles passos que se aproximavam como uma promessa de morte. Dois olhos vermelhos surgiram na escuridão, acompanhados pelo som quente do inspirar e expirar do lobo. Não sabia o que o assustava mais, o som ou aquela imagem dos olhos vermelhos e brilhantes se aproximando, com todas as mil palavras que as imagens podem ter. Para onde fugir? Atrás de si havia apenas um grande e intransponível muro de pedra.

– Lupo! Lupo cest tra vir, de mer! – O homem surradatunicabarba sussurrou, assustado. Em seguida gritou, como se desse ordens:

– Lupo!!! Cast rarengura ner brensa!!!

Os olhos vermelhos ficaram estáticos, em dúvida, pareciam duas gotas de sangue pintadas em um quadro preto.

– Lupo cast rarengura ner branse rung nar!!! Rung nar!!!

O lobo afastou-se. O lobo simplesmente afastou-se. Ficou pasmo. Como o homem de túnica surrada marrom e barba comprida que provavelmente possuía várias palavras para os vários tons de preto e cinza e vivia ali há um longo tempo conseguira afastar o lobo daquela forma? Havia tanto poder assim em sua linguagem, que parecia a princípio irracional, sem sentido e incomunicável? Seria a língua desse homem melhor do que a dele? Como era mesmo a frase? Lupo crest ter var... Lupro crast tra ver... De mer, não conseguia se lembrar. Ner vra de mer! Queria tanto conversar com ele, perguntar como fizera aquilo, qual era a frase exata que fora falada... Mas não era capaz. A ânsia de sua incomunicabilidade voltou a doer em seu peito. Sempre sentira-se tão poderoso por ser capaz de falar inglês fluentemente, achava que conseguiria conversar com qualquer pessoa do mundo e agora toda a sua incapacidade era jogada em sua cara. Mal podia se comunicar com um simples homem de barba longa marrom e surrada túnica comprida que provavelmente vivia ali há um longo tempo. De que adiantava todo o seu estudo, todo o seu esforço, todo o seu conhecimento?

Mais tarde, quando adquiriu confiança de que o lobo realmente se fora, voltou para a entrada da caverna. Estava cansado de ficar ali no fundo, parado na escuridão. A claridade aumentava, à medida que se aproximava da entrada. Sorriu, contaminado pela alegria da esperança. Será que já amanhecera? Será que poderia finalmente sair e voltar para o seu mundo e as suas palavras? Mais perto da entrada já estava completamente claro, podia ver os detalhes da parede da caverna: sentia os diversos tons de marrom que formavam as rochas, tons que jamais conseguiria nomear, as protuberâncias que davam à parede aquela aspereza que percebera durante a noite, as imagens pintadas com tintas rústicas, de cor preta, cinza ou marrom, imagens que poderiam ser palavras, palavras de um povo que esteve ali quando a civilização ainda nem sonhava em nascer. O que deveria estar escrito? Será que aqueles símbolos guardavam todo o modo de pensar de uma humanidade que há muito tempo se fora? Será que ali estavam registrados os seus primitivos poemas?

Notou que o homem de túnica surrada não o seguira dessa vez. Talvez já soubesse que ia embora. Talvez morasse ali há muito tempo e não quisesse se despedir. Sentiu uma súbita sensação de liberdade. Finalmente poderia voltar para o seu mundo, para a sua linguagem, para as suas palavras, para os seus fonemas. Mas quando finalmente saiu da caverna e viu aquela mata ao seu redor, oferecendo todas as infinitas possibilidades da natureza, sentiu uma forte angústia, que o obrigou a se apoiar na parede de pedra do lado externo da caverna. Percebeu que não, não era livre. Era obrigado a falar utilizando sujeitos, verbos e objetos, tinha que concordá-los corretamente, o verbo tinha que ser flexionado, as palavras que poderia emitir faziam parte de um conjunto limitado pertencente a um livro grande e empoeirado que fazia a fútil e absurda tentativa de defini-las. Que liberdade é essa? Não podia expressar nem metade das ideias que sua mente seria capaz de imaginar, nem um terço dos sentimentos que era capaz de sentir, nem um quarto das imagens que poderia criar, nem um quinto das histórias que poderia contar. Cada palavra que usava carregava em si conotações

que se acumularam durante toda a história da humanidade, e que não escolhera e nem tinha culpa e nem queria mais seguir. Mas era forçado a aceitar. Tinha que seguir utilizando aquele código forçado em sua vida, pois sabia que sem ele não poderia mais viver. Não, não era livre. Jamais fora livre. Que liberdade é essa?

Voltou a andar, tentando afastar aqueles pensamentos que o sufocavam. O sol esquentava sua pele, fazendo-o sentir-se vivo novamente. Seus olhos admiravam a beleza do lado externo da caverna, que pouco a pouco o encantava. Flores vermelhas, amarelas, azuis, roxas e lilases saudavam o sol, a grama verde dançava com o soprar do vento, pássaros multicores bailavam e cantavam, agradando aos olhos e aos ouvidos. Será que a música dos pássaros continham palavras? Será que se comunicavam? Ou será que apenas sentiam prazer em produzir aqueles sons, em um momento máximo da poesia lírica, uma expressão de sentimentos que nada quer comunicar?

Enquanto andava, viu uma linda mulher: era jovem, de longos cabelos loiros, olhos azuis e pele muito pálida. Vestia um vestido verde, com um leve tom amarelado, provavelmente porque já o vestia há muito tempo. Estava ajoelhada, acariciando um lindo coelho branco de olhos vermelhos. O coelho branco parecia sereno e tranquilo ao seu lado, enquanto mantinha-se compenetrada, com um suave sorriso nos lábios. O viajante não conseguiu seguir seu caminho, desviou-se, encantado, na direção deles. Por algum motivo, sentia-se nervoso.

– Olá!.. – Disse, tímido, quando aproximou-se.

A jovem de longos cabelos loiros olhos azuis e pele muito pálida que vestia um vestido verde com um leve tom amarelado não respondeu. Continuava olhando para o coelho branco de olhos vermelhos, acariciando-o, com um suave sorriso nos lábios, enquanto ele parecia sereno e tranquilo ao seu lado.

– Olá! – Arriscou-se novamente. – De onde é? Está indo para onde?

O coelho branco de olhos vermelhos olhou para ele, curioso. A jovem de longos cabelos loiros olhos azuis e pele muito pálida que vestia um vestido verde com um leve tom amarelado virou o rosto na mesma direção. Observou-o por alguns instantes, séria, compenetrada. Finalmente, sorriu, como se já o conhecesse há muito tempo. Ele sorriu também. Parecia ainda mais bela com aquele sorriso lindo e angelical nos lábios vermelhos.

– Como você se chama?

Nenhuma resposta. Apenas continuava olhando para ele e sorrindo, vestida naquele vestido verde com um leve tom amarelado, provavelmente já o vestia há muito tempo, enquanto o coelho mantinha-se ao seu lado, sereno e tranquilo.

– Do you speak English?

Ela começou a gargalhar. Sentiu-se ridículo, como se tivesse feito a pergunta mais estúpida do mundo. Estava tão desconfortável, não sabia para onde olhar, não sabia o que fazer, tentava ansioso entender o por que daquela reação, enquanto a linda mulher que vestia um vestido verde com um leve tom amarelado gargalhava e o coelho mantinha-se sereno e tranquilo ao seu lado.

Finalmente, parou. Levantou-se e mostrou um sorriso ainda mais belo. O vento brincava com seu vestido verde com um leve tom amarelado provavelmente porque já o vestia há muito tempo, enquanto o coelho estava tranquilo e sereno ao seu lado. Seus olhos brilhavam. O abraçou com força. Ele sentia em seus braços o seu corpo quente e macio, mas por algum motivo não conseguia tirar os olhos do coelho, que mantinha-se sereno e tranquilo ao seu lado. Ela aproximou os lábios vermelhos de seu ouvido e disse, com uma voz serena sibilante cintilante suave e sensual:

– Lamamena lalalolu le nemapá. Bá lalengú!

Emprego

Há uma certa satisfação em não fazer nada. Difícil explicar esse prazer vil, a preguiça inútil que nos traz uma lenta felicidade. Há uma certa satisfação em não fazer nada. Mas já a esquecera há muito tempo.

Há uma certa depressão em não fazer nada. Sentado eternamente na seção de vistos da embaixada holandesa, ele esperava os japoneses pedirem um visto de que não precisavam. Tudo vazio e parado, tudo parado e vazio. Ah sim, algumas vezes aparecia um estrangeiro. Algumas vezes. Há uma certa depressão em não fazer nada.

Abaixou a cabeça, colocou as mãos no rosto. Lembrou-se de seus tempos de glória, quando todos sabiam seu nome. Agora já não sabia mais quem era. Sabia apenas quem foi, mas o ser do passado e o ser do presente pareciam desconectados, como se uma entidade tivesse deixado de existir e outra entidade tivesse assumido aquele espaço vazio de ser. O homem do passado e o homem do presente são a mesma pessoa simplesmente porque a história os força a suportarem uma ligação dolorosa que os torna os mesmos? Sentia como se essa ligação tivesse finalmente se partido, estava separado para sempre do seu passado, era um novo homem e tinha que suportar novamente aquela terrível dor de parto. Procurava com grande esforço não pensar em sua época grandiosa, em sua antiga vida atribulada, o auge de sua existência: um grande emprego e uma linda mulher, de que mais precisa o homem? No começo essas lembranças faziam emergir em seu rosto um meio sorriso de nostalgia, depois uma leve tristeza, em seguida uma certa agonia, que finalmente deu lugar a uma angústia insuportável. Era melhor enterrar o homem que fora, dar-lhe um outro nome e sobrenome, quem é esse cara? não, nunca ouvi falar...

Mas às vezes parecia-lhe o contrário. Sentia como se o homem do passado fosse sua verdadeira identidade e o homem atual um mero desconhecido. Que homem era aquele? Qual é a função daquele homem no mundo? Por que respira, desperdício de oxigênio, gerador de gás carbônico poluente? Por que come, desperdiçando a vida de pobres animais que pulavam felizes pelo campo? Por que bebe, desperdiçando a pouca água doce que resta em nosso pobre planeta? Por que ocupa o espaço físico que poderia ser muito melhor utilizado por outros recursos naturais? Por que essa carne ambulante de razão e emoção que não sabe fazer nada além de chamar-se de “eu” e procurar ansiosamente pelos seus vãos e fúteis desejos? Qual a sua utilidade? Por que viveu cinquenta anos na esfera desse planeta comendo, crescendo e reproduzindo? Por que vai continuar vivendo não sei mais quantos anos, bola de carne e emoção, utilizando os recursos da natureza apenas simplesmente para curtir esse vil prazer de viver?

Não passava de uma farsa de si mesmo. Uma infeliz caricatura do homem que fora. Talvez já era hora de parar. Talvez já era hora de esquecer a ilusão de estar vivo e atirar-se no misterioso abismo da morte. Talvez já estourara o limite de seu tempo, completara a longa lista de afazeres que recebera de Deus e agora era

hora de pendurar as botas e voltar para casa. Talvez já era hora de morrer. Essa hora sempre chega, não é verdade? O que é a vida senão essa infinita sucessão de breves instantes que finalmente encontram seu fim na dura ponta da morte? O que é a vida senão esse curto salto na existência, essa queda infinita em direção à morte?

Retirou as mãos do rosto. Olhou a embaixada vazia, o relógio enorme que arrastava seus ponteiros como um homem velho e cansado. No começo esse relógio lhe dava uma irresistível vontade de chorar. Não chorava apenas porque temia chegar alguém justamente naquele instante, ironia incrível do destino. Porém há muito tempo perdera esse medo, já tinha certeza de que não entraria ninguém pelas grandiosas portas da embaixada, mas também não sentia mais vontade de chorar. Já se acostumara com aquele eterno sentimento de tempo perdido, aquela sensação horrível de ver a vida escorrendo na lenta movimentação dos ponteiros enormes e empoeirados.

Há uma certa depressão em não fazer nada. Sentado eternamente na seção de vistos da embaixada holandesa, esperava os japoneses pedirem um visto de que não precisavam. Às vezes aparecia alguém... Às vezes... Embaixo da sombra do gigantesco relógio velho e cansado, se perguntava por que não trocava de emprego. Por que não pedir demissão, simplesmente? Sair daquele deserto de alma e entregar-se a uma vida mais... não necessariamente mais emocionante, mas mais... mais... não conseguia encontrar uma palavra apropriada, aquela palavra exata que preencheria o vazio em seu espírito. Mais... útil? importante? respeitável? decente, talvez? mais humana, será? O grande problema, o doloroso fardo que carregava em seus ombros, que o fazia evitar seu próprio olhar quando penteava o cabelo em frente ao espelho, a grande angústia que evitava encarar de frente mas que estava sempre ali, esperando-o em algum lugar com olhos frios e sombrios, era que ele não tinha coragem. Não tinha coragem. Não tinha coragem. Ele não tinha coragem.

Há um certo conforto em não fazer nada. Uma certa segurança, quase uma liberdade daquele terrível medo de errar. Um conforto viciante, uma droga que não é letal, mas que nos deteriora pouco a pouco, tão lentamente que mal conseguimos notar a diferença, exceto quando abrimos nossos olhos assustados e percebemos que já é tarde demais. Esse conforto o segurava com seus braços sombrios e o prendia com firmeza naquela cadeira da seção de vistos da embaixada holandesa, esperando eternamente os japoneses pedirem um visto de que não precisavam.

Nós temos que ser importantes? É realmente necessário ser alguém na vida, fazer algo significativo para o mundo? Não podemos simplesmente ser ninguém? Não podemos simplesmente nascer, crescer, reproduzir e morrer, e pronto? E, afinal, por que fazer algo significativo para o mundo? Para que outras pessoas possam nascer, crescer, reproduzir e morrer com mais conforto? Para que outras pessoas possam fazer algo significativo para que outras pessoas possam nascer, crescer, reproduzir e morrer com mais conforto? Para que outras pessoas possam fazer algo significativo para que outras pessoas possam fazer algo

significativo para que outras pessoas possam nascer, crescer, reproduzir e morrer com mais conforto? Para trazer felicidade aos outros? Para que possamos sentir felicidade? Mas o que é a felicidade, senão uma série de substâncias químicas no cérebro, apenas uma sensação, ilusão provocada por nosso corpo para que possamos continuar sobrevivendo nesse mundo sem aquela irresistível vontade de se matar? Qual é o sentido disso tudo afinal? Trabalhamos por dinheiro? Mas para que dinheiro? Para comprar? Para que comprar? Para ser feliz? Para que ser feliz? Por que essa série de hormônios no cérebro, não podemos simplesmente usar drogas e pronto? Por que tanto trabalho? Por que esse ciclo da vida, essa terrível necessidade de se sentir necessário, se todos estamos condenados a simplesmente nascer, crescer, reproduzir e morrer, e pronto? Para a posteridade? Mas a posteridade, depois de nascer, também vai ser obrigada a crescer, reproduzir e morrer, e pronto. Para a posteridade da posteridade? Mas a posteridade da posteridade, depois de nascer, também vai ser obrigada a crescer, reproduzir e morrer, e pronto. Ah, o destino!..., sempre com aquele sorriso sarcástico no rosto!... Ah, o destino!..., sempre rindo baixinho de todos os sonhos e esperanças, enquanto segura firme a mão da morte...

Há uma certa depressão em não fazer nada. Sentado eternamente na seção de vistos da embaixada holandesa, percebia que talvez já começara a gostar daquela depressão. Era como se já fizesse parte dele, como se fosse quase... necessária. Engraçado, não? Quase como se precisasse daquela depressão para ser feliz. Precisamos da tristeza para ser feliz? Talvez não, talvez não precisasse daquela depressão para ser feliz, mas precisava dela, de qualquer forma, talvez para... talvez para se reconhecer. Como o homem que se olha no espelho e vê aquela horrível cicatriz enquanto pensa: “Ah, sim, esse aí sou eu.” Se voltasse a ser feliz já seria outra pessoa. O homem do passado e o homem do presente são a mesma pessoa simplesmente porque a história os força a suportarem uma ligação dolorosa que os torna os mesmos? Não sabia, mas havia um certo conforto em não mudar, um certo conforto naquela segurança de não ter responsabilidade alguma exceto a de esperar.

Esperar alguém que precise de um visto? Esperar a morte? Esperar a chance, ou melhor, a coragem de mudar? Talvez isso tudo... Talvez nada disso. Talvez esperasse apenas por aquele instante em que poderia esperar novamente por aquele outro instante em que continuaria esperando... Esperava por esperar, esperava o nada, esperava o vazio. Mas aqueles que têm um emprego, digamos... interessante, são assim tão diferentes? São assim tão especiais? Talvez no fundo todos nós estejamos esperando o nada, todos nós estejamos esperando o vazio, mas nos distraímos com nossos objetivos bobos e superficiais. Ah, quero ser promovido!... Ah, quero entrar naquela grande empresa!... Ah, quero virar professor!... Ah, quero ganhar não sei quanto dinheiro!... Ah, quero ser famoso!... Ah, quero publicar não sei quantos livros!... Para quê? Por quê? No final todos vamos nos encontrar com a morte. Para os vermes pouco importa quão famoso você é, quão grande foi o posto que ocupou, quanto dinheiro você recebeu, quantos livros publicou. Para os vermes, tudo o que importa é se sua carne é

macia ou não. Os vermes mal sabem o seu nome.

Há uma certa depressão em não fazer nada. Sentado eternamente na seção de vistos da embaixada holandesa no Japão, ele se perguntava quem era e por que existia. O grande relógio branco circulava eternamente, quase como uma ameaça. A sombria ameaça da eternidade. Pânico terrível, tortura abominável, se tivesse que viver eternamente. Tudo menos a vida eterna, meu Deus, tudo menos a vida eterna!... Queria o fim. Queria um dia encontrar o conforto da morte e, finalmente, poder não fazer nada em paz.

Há uma certa satisfação em não fazer nada. Uma certa alegria, uma certa paz. Um doce silêncio, naquela embaixada eternamente vazia. Uma esquecida tranquilidade. Parecia reencontrar aquela satisfação há tanto tempo perdida, parecia estar quase perto de se sentir novamente feliz com o seu tão desprezível querido emprego. Mas sabia que era mentira. Sabia que estava enganando a si mesmo, como sempre fazia todos os dias naquela mesma droga de horário. Exatamente às 14:47, hora em que enganava a si mesmo e dava um meio sorriso falso de satisfação. Hora de experimentar aquela felicidade falsa amarga, que tinha como único efeito aumentar ainda mais a sua tristeza. Fazia com que se sentisse ridículo. Quase envergonhado. Mas envergonhado de quê? Não havia ninguém para admirar aquele espetáculo de miséria humana.

O que mais machucava era aquela sensação de desconexão com o seu antigo “eu”. Aquela ideia bizarra de que agora era outra pessoa, outro ser, quase um desconhecido para o ser que fora outrora. A nossa ilusão de continuidade é muito confortável, ontem “eu” dormi, hoje “eu” acordei, mas por que aquele que dorme é o mesmo que acorda? Não morreram milhares de células? Não ocorreram mutações no DNA? Não houve mudanças naquelas misteriosas conexões dos neurônios? Então por que são a mesma pessoa? O que liga a identidade desses dois desconhecidos temporalmente tão distantes? Talvez o que dormiu amava, o que acordou já não ama mais. Talvez o que dormiu sonhava, o que acordou já não sonha mais. Talvez o que dormiu achava que era feliz, o que acordou já não pode mais mentir. Talvez o que dormiu sofria, o que acordou já não pode mais sofrer. O que dormiu tinha um grande emprego e uma linda mulher, o que acordou já não tem mais nada.

O que acordou já não tem mais nada. Ele sabia que era “o que acordou” e seu antigo ser dormia eternamente, morto, sem direito a um funeral. Um dia tivera um grande emprego e uma linda mulher um dia pôde sofrer um dia achou que era feliz um dia sonhou um dia amou, mas o tempo é arrebatador, o tempo tudo destrói com os olhos frios e sombrios e um sorriso duro e cego no rosto, agarre-se às delícias do presente pobre mortal, pois tudo morre tudo sempre morrerá. Você ama sua esposa? Coitado... Você ama seu emprego? Que dó... Você acha que é feliz? Que pena... Um dia não amará não sonhará não poderá mais mentir não poderá mais sofrer não terá mais seu grande emprego não terá mais sua linda mulher. Um dia não terá mais nada. O destino de tudo é o nada absoluto, o nada eterno, finalmente o frio fim de todos os sonhos.

nada nada nada nada nada nada nada nada nada nada nada nada nada nada nada nada
nada nada nada nada nada nada nada nada nada nada nada nada nada nada nada nada nada
nada nada nada nada nada nada nada nada nada nada nada nada nada nada nada nada nada
nada nada nada nada nada nada nada nada nada

Nada

Há uma certa depressão

Nada

Há um certo conforto

Nada

Há uma certa satisfação

Nada

Há uma certa tristeza

Nada

Havia uma promessa de felicidade

Nada

Havia a ilusão do amor

Nada

Há uma certa depressão

Nada

Uma certa depressão

Nada

Certa depressão

nada

Depressão

nada

certa

nada

há

nadanada nada nada nada nada nada nadanada nada nada na-
da nada nadanada nada nada nada nada nada nada nada nada
nada nada nada nada nada nada nada nada nada nada nada nada nada nada
nada nada nada nada nada nada nada nada nada nada nada nada nada nada nada
nada nada nada nada nada nada nada nada nada nada nada nada nada nada nada
nada nada nada nada nada nada nada nada nada nada nada nada nada nada nada
nada nada nada nada nada nada nada nada nada nada nada nada nada nada nada
nada nada nada nada nada nada nada nada nada nada nada nada nada nada nada
nada nada nada nada nada nada nada nada nada nada nada nada nada nada nada
nada nada nada nada nada nada nada nada nada nada nada nada nada nada nada
nada nada nada nada nada nada nada nada nada nada nada nada nada nada nada
nada nada nada nada nada nada nada nada nada nada nada nada nada nada nada
nada nada nadanadanadanadanadanada nada nada nada nada nada nada

Nada

há
nada

certa
nada

Depressão
nada

Certa depressão
Nada

Uma certa depressão
Nada

Há uma certa depressão
Nada

Havia a ilusão do amor
Nada

Havia uma promessa de felicidade
Nada

Há uma certa tristeza
Nada

Há uma certa satisfação
Nada

Há um certo conforto
Nada

Há uma certa depressão

Será que um dia voltaria a achar que era feliz? Será que um dia voltaria a ser alguém? Será que um dia teria novamente um nome? Será que a vida voltaria a ter alguma ilusão de sentido? Voltaria a sonhar e a amar? Voltaria a poder sofrer? Haveria alguma razão para ainda estar vivo, desperdiçando oxigênio, poluindo o mundo com gás carbônico, consumindo a pouca água doce que ainda existe em nosso planeta, destruindo a vida de pobres animais que pulavam felizes pelo campo, animais que cumpriam uma função muito mais útil do que aquele pobre (não-)ser que não fazia nada além de esperar e refletir sobre sua própria miséria.

Sentado eternamente na seção de vistos da embaixada holandesa, ele esperava os japoneses pedirem um visto de que não precisavam. Tudo vazio e parado, tudo parado e vazio. Ah sim, algumas vezes aparecia um estrangeiro. Algumas vezes. Abaixou a cabeça, colocou as mãos no rosto. Lembrou-se de seus tempos de glória, quando todos sabiam seu nome. Agora já não sabia mais quem era. Sabia apenas quem foi, mas o ser do passado e o ser do presente estavam desconectados, como se uma entidade tivesse deixado de existir e outra entidade tivesse assumido aquele espaço vazio de ser.

há uma certa depressão em não fazer nada

nada

Posses

“Numa folha qualquer
Eu desenho um sol amarelo
(Que descolorirá!)
E com cinco ou seis retas
É fácil fazer um castelo
(Que descolorirá!)”
(Toquinho)

Era um garoto, que como eu, não amava os Beatles nem os Rolling Stones. Também não girava o mundo sempre a cantar as coisas lindas da América. Não porque achasse a América feia, ou porque não quisesse girar o mundo, mas simplesmente porque ainda era um garoto e precisava morar com os pais e estudar. Não sabia tocar guitarra, e também não tinha vontade de aprender. Ainda era muito novo, porém, não sabemos se mudará de ideia quando crescer, se passará a se emocionar com Yesterday ou Satisfaction, se comprará uma guitarra e tentará aqueles ridículos primeiros acordes. Tudo muda com o tempo, não é verdade?

Era um garoto, que como eu, ia para a escola todos os dias. Depois da aula gostava de jogar futebol com os amigos, no final de semana assistia filmes, não gostava de fazer para casa. Era apaixonado por uma menina da sala, mas era muito tímido para tentar qualquer coisa. Enfim, sua vida prosseguia normalmente, como qualquer garoto que não ama os Beatles nem os Rolling Stones, vivendo aquele lento passar do dia a dia, esperando o corpo e talvez a alma crescer.

E, por incrível que pareça, crescia. Milagre da vida, o corpo espichava, pelos apareciam não se sabe de onde, a voz esganiçava. A cada instante era um outro garoto, mas nós gostamos de chamar uma específica pequena quantidade de tempo de segundo, sessenta segundos de minuto, sessenta minutos de hora, vinte e quatro horas de dia, trinta ou trinta e um dias de mês e doze meses de ano, de forma que um dia o garoto fez aniversário.

Foi difícil comprar um presente para o garoto. Naquele estado ambíguo, não era mais uma criança, mas também não era exatamente um adolescente, era aquela coisa meio cinza, meio em cima do muro, que poderia achar bobo um presente infantil e chato um presente adulto. O que comprar para a criatura? Alguns deram roupas, que falta de criatividade que é dar meia ou cueca, meu Deus, que falta de criatividade... Outros deram livros, lógico que o garoto nunca iria ler, outros deram brinquedo, mas para o garoto os brinquedos já faziam parte de um novíssimo grupo criado em sua mente onde colocava os bobos presentes infantis. Eu dei um amuleto, desses de dependurar no pescoço. O garoto achou bacana.

Admirou o amuleto pousado em suas mãos. O metal brilhava. Era um caractere japonês: 私. O garoto não sabia o que significava, mas também não perguntou. Provavelmente achou que era paz, harmonia, sabedoria ou amor... Os fabricantes de amuletos acham que só existem quatro caracteres no vasto idioma japonês!... Bem, não era paz, harmonia, sabedoria, nem amor. Mas o garoto achava que era um desses quatro. Pobre garoto...

Guardou o amuleto na gaveta. E deixou de ligar para ele. Era só um amuleto, afinal, não passava de um presente adulto chato. Não precisava de pilha, não se movimentava sozinho, não fazia barulho, enfim, não servia para nada. Retomou sua pacata vida de um garoto normal, vivendo aquele lento passar do dia-a-dia, esperando o corpo e talvez a alma crescer. O garoto acordava, tomava café da manhã, escovava os dentes, ia para a escola, não prestava atenção nas aulas, jogava bola no recreio, não prestava atenção nas aulas, ia para casa, almoçava, dormia um pouco, ia jogar bola com os vizinhos, voltava cansado suado e feliz, tomava banho, jantava, não fazia o para casa, assistia televisão e ia dormir, sonhava, acordava, tomava café da manhã, escovava os dentes, ia para a escola, não prestava atenção nas aulas, jogava bola no recreio, não prestava atenção nas aulas, ia para casa, almoçava, dormia um pouco, ia jogar bola com os vizinhos, voltava cansado suado e feliz, tomava banho, jantava, não fazia o para casa, assistia televisão e ia dormir, sonhava acordava tomava café da manhã escovava os dentes ia para a escola não prestava atenção nas aulas jogava bola no recreio não prestava atenção nas aulas ia para casa almoçava dormia um pouco ia jogar bola com os vizinhos voltava cansado suado e feliz tomava banho jantava não fazia o para casa assistia televisão e ia dormir sonhava acordava tomava café da manhã escovava os dentes ia para a escola não prestava atenção nas aulas jogava bola no recreio não prestava atenção nas aulas ia para casa almoçava dormia um pouco ia jogar bola com os vizinhos voltava cansado suado e feliz tomava banho jantava não fazia o para casa assistia televisão e ia dormir sonhava...

Até que um dia o processo parou. Parou por acidente, como todos os grandes acontecimentos da vida. O garoto estava procurando a borracha (quando a mãe dava bronca tentava sentir vontade de fazer o para casa), onde que tinha enfiado, não estava no estojo, não estava na mochila, não estava debaixo da cama, será que estava na gaveta? Pronto, o garoto viu o amuleto. Foi nesse instante que o processo parou. Parou porque o pobre garoto não conseguia achar sua borracha. Se não a tivesse perdido, nada do que se seguiu teria acontecido, e o amuleto dormiria para sempre dentro daquela gaveta cheia de bagunça que jamais seria aberta novamente.

O garoto segurou o amuleto pela corrente. Admirava o brilho do metal. 私. Por um momento, se perguntou o que aquilo podia significar. Mas apenas por um momento. Não importava, afinal. Era bonito. Brilhava. E tinha um quê de mistério, talvez fosse melhor nem saber o que significava. Podia ser algo bobo, como paz, harmonia, sabedoria ou amor, e toda a magia estaria perdida. Era melhor achar que era algo profundo, talvez a secreta explicação para o sentido de toda a existência estava escondida naqueles sete traços: 私. Secreta explicação

mir, seguir aquela longa espiral do crescimento. Mas não conseguia. Ah é, esquecera de apagar a luz. Apagou a luz. Sentiu medo. Andou com cuidado até a cama. Deitou. Sentia saudade da época em que era menor, quando a mãe sempre vinha lhe dar um beijo de boa noite. Queria um beijo de boa noite. Devia dormir, seguir aquela longa espiral do crescimento. Mas não conseguia.

Não conseguia. Queria deixar de pensar no amuleto. Apagá-lo de sua vida. Mas não conseguia. Ainda podia vê-lo em sua frente, girando de um lado e para o outro, como se o convidasse. Convidasse para quê? Podia enxergar o brilho forte do metal, como se tivesse queimado seus olhos para sempre. 私. Virava de um lado para o outro na cama, tentando fazer algo que sempre fora extremamente fácil e natural em toda a sua vida. Era a sua primeira insônia. Perdera um gol!... Perdera uma cabeçada!... Perdera um gol!... Perdera uma cabeçada!... A vida não tinha mais sentido. Jamais pensara no sentido da vida, simplesmente existia, e pronto. Não soltou um meio sorriso de satisfação diante desse pensamento tão estranho.

Acordou, tomou café da manhã, escovou os dentes e foi para a escola. Não prestou atenção na aula. Mas dessa vez não foi porque pensava com alegria no jogo que teria no recreio, nos gols que não perderia, nas cabeçadas incríveis que faria. Não, dessa vez pensava no que jamais achara que um dia poderia pensar. Pensava no presente adulto chato, naqueles sete traços que brilhavam, no misterioso significado oculto atrás dos símbolos. Sua mente quase arriscava precoces digressões filosóficas sobre o signo e o significado, chegou a lembrar de um quadro adulto bobo que vira nos seus tenros sete anos: “Isto não é um cachimbo.” Isto não é um amuleto. Este não é um garoto. Quem era, então? Apenas uma representação de um garoto? Um personagem de um conto? Existia, afinal? Este não é um garoto.

Quem era? Meu Deus, como queria segurar aquele amuleto pela corrente vê-lo girando de um lado e para o outro como se o convidasse e dar um meio sorriso assustado diante de um pensamento estranho. Queria deitar na cama e não fazer nada além de segurar o amuleto pela corrente e dar um meio sorriso. Há uma certa satisfação em não fazer nada.

Meu Deus, como odiava aquele amuleto!.. Queria sua vida de volta, queria voltar a viver aquele lento passar do dia-a-dia que levaria ao crescimento de seu corpo e, quem sabe, de sua alma. Queria brincar, queria jogar bola, queria fingir que era feliz, ser um garoto pacato e normal, que como eu, não amava os Beatles nem os Rolling Stones. Um dia terminaria a escola, entraria para a faculdade, tomaria seu primeiro porre, teria a primeira namorada, o primeiro sexo (nascer, crescer, reproduzir e morrer!...), terminaria com a namorada, terminaria a faculdade, arrumaria um emprego, arrumaria outra namorada, noiva, esposa, filhos, amante, promoção, trabalho, promoção, amante, promoção, divórcio, promoção, outro casamento, amante, demissão, outro emprego, aposentadoria, velhice e, enfim, a doce e esperada morte!... Assim seria sua vida, bastava continuar acordando, tomando café da manhã, escovando os dentes, indo para a escola, não prestando atenção nas aulas, jogando bola no recreio, não prestando aten-

ção nas aulas, indo para casa, almoçando, dormindo um pouco, indo jogar bola com os vizinhos, voltando cansado suado e feliz, tomando banho, jantando, não fazendo o para casa, assistindo televisão e indo dormir, sonhando, acordando, tomando café da manhã, escovando os dentes, indo para a escola, não prestando atenção nas aulas, jogando bola no recreio, não prestando atenção nas aulas, indo para casa, almoçando, dormindo um pouco, indo jogar bola com os vizinhos, voltando cansado suado e feliz, tomando banho, jantando, não fazendo o para casa, assistindo televisão e indo dormir, sonhando acordando tomando café da manhã escovando os dentes indo para a escola não prestando atenção nas aulas jogando bola no recreio não prestando atenção nas aulas indo para casa almoçando dormindo um pouco indo jogar bola com os vizinhos voltando cansado suado e feliz tomando banho jantando não fazendo o para casa assistindo televisão e indo dormir sonhando acordando tomandocafédamanhã escovandoosdentes indoparaaescola nãoprestandoatençãonasaulas jogandobolanorecreio nãoprestandoatençãonasaulas indoparacasa almoçando dormindoumpouco indo jogarbolacomosvizinhos voltandocansadosuadoefeliz tomandobanho jantando nãofazendooparacasa assistindotelevisão e indodormir sonhando...

Mas o processo parara. Parara por acidente, como todos os grandes acontecimentos da vida. Maldito amuleto. O processo parara. Maldito amuleto. Pela primeira vez na vida, não sabia mais o que fazer. Pouco-a-pouco perdia sua energia. Não queria mais jogar bola. Não queria mais conversar com os colegas. Não queria mais ver a menina por quem era apaixonado e sentir aquela sensação estranha e gostosa do coração bater forte e da palma da mão ficar molhada de suor. Era um garoto que estava deixando de ser um garoto. O que era? Isto não é um garoto.

Não jogou bola no recreio. Passou os longos quarenta minutos dentro do banheiro, sozinho, sentado no vaso sanitário, balançando os pés no ar e olhando para o nada. Não queria conversar com ninguém. Não queria ver ninguém. Precisava do conforto da solidão, do vazio, do silêncio. Silêncio. Silêncio. Silêncio. Não há banda. Não há orquestra. É tudo uma gravação. Este não é um garoto.

Era um garoto, que como eu, não amava os Beatles nem os Rolling Stones. Também não prestou atenção na segunda metade da aula. Olhava fixamente para o quadro-negro, mas enxergava apenas o vazio infinito da ausência de sentido da vida. Foi para casa, almoçou e não conseguiu dormir. 私. Olhava para o teto branco, vazio. Vazio. Fechou os olhos, mas a escuridão doía. Queria o nada. Abriu os olhos. Olhava para o teto branco, vazio. Vazio. Quase podia enxergar o nada absoluto. Mas o nada absoluto parecia ter sete traços e balançar de um lado para o outro, como se o convidasse. 私. Bateram na porta, devia ser sua mãe. Não respondeu. Não queria conversar com ninguém. Não queria ver ninguém.

– Querido, você está fazendo o para casa?

Não respondeu. Não queria conversar com ninguém. Não queria ver ninguém. Não sabia quanto tempo passou até a mãe bater novamente na porta,

mais forte dessa vez. Talvez instantes. Talvez segundos. Talvez minutos. Talvez horas.

– Querido, você não vai jogar bola?

“Querido, você não vai jogar bola?” A frase ecoava em sua mente. Perdera um gol!... Perdera uma cabeçada!... Eu não vou jogar bola? Eu não vou jogar bola? Quem sou eu? Se fosse jogar bola, quem estaria jogando bola? Quem controlaria a bola com o pé, quem correria atrás dos adversários, quem chutaria em direção ao gol, quem pularia para dar uma cabeçada? Um garoto? A imagem de um garoto? Isto não é um cachimbo. 私. Este não é um garoto.

Abriu a gaveta, segurou o amuleto pela corrente, viu-o girar de um lado e para o outro, como se o convidasse. Admirou o brilho do metal. 私. O que aquilo podia significar? Era bonito. Brillhava. E tinha aquele quê de mistério. 私. Por quanto tempo fixou o olhar naquele signo misterioso? Por quanto tempo sua mente se perdeu na imensidão de um possível significado? Não sabia, mergulhava no signo, a sensação de tempo e espaço se perdia em um ponto único e eterno. 私.

– Querido, você está bem?

“Querido, você está bem?” A frase ecoava em sua mente. Eu estou bem? Perdera um gol!... Perdera uma cabeçada!... Eu não vou jogar bola? Eu estou bem? Quem joga bola quando eu jogo bola? Quem está bem quando eu estou bem? Quem está mal quando eu estou mal? Um garoto? A representação de um garoto? Isto não é um cachimbo. 私. Isto não é um cachimbo. 私. Isto não é A DROGA DE UM MALDITO CACHIMBO!!! 私私.

Percebeu que a porta estava sendo aberta. Jogou o amuleto dentro da gaveta e fechou-a, assustado. Jogou-se na cama, fechou os olhos, a escuridão doía.

– Querido, você está bem?

A mãe sentou-se na cama. Acariciou os cabelos do garoto. Era um garoto, que como eu, não amava os Beatles nem os Rolling Stones. 私. Silêncio. Não há banda. Não há orquestra. É tudo uma gravação. A mãe quebrou o silêncio:

– Querido, fale comigo... O que está acontecendo? O que você está sentindo?

Virou-se para a mãe com os olhos ausentes. Quem era sua mãe? Existia de fato? Isto não é uma mãe. É tudo uma gravação. É tudo uma imagem. Seria possível falar com ela? Quem falaria com ela? Eu? Quem eu sou? Poderia sentir? O que era sentir? Alegria. Tristeza. Solidão. Felicidade. Depressão. Tédio. São apenas substantivos, não sentimentos. São apenas palavras, conjuntos de letras que se reúnem buscando algum significado que não existe de fato. Mas vemos aquele conjunto e buscamos o significado em nossa alma. A alma não tem dicionários. O que liga os símbolos à realidade? Existe uma realidade? Ou há apenas símbolos? Não vivemos apenas dentro de nossa própria mente, criando imagens que achamos que refletem todo um mundo há nossa volta, mas que não passam de simples representações de raios luminosos? Isto não é um garoto. É apenas uma gravação. 私.

– Querido, estou ficando nervosa!... Me responda, por favor!...

Sua mãe nunca o havia sacudido antes. A sensação era boa. Sentia-se vivo. O corpo inteiro balançava, sentia que quase poderia tocar sua própria carne, lambe-la sua própria pele, respirar com seu próprio pulmão. Era um garoto, que como eu, não amava os Beatles nem os Rolling Stones. 私. Talvez devesse falar algo. Talvez devesse abrir sua boca falsa e deixar as cordas vocais falsas vibrarem daquela forma falsa que provocaria distúrbios no falso ar em sua volta, carregando vibrações que um determinado conjunto de pessoas se consideram capazes de interpretar e chutar um sentido.

– Eu...

Não consegui falar mais nada. Morreu naquele “eu”. O que mais havia para ser dito? 私. Eu. Começara a frase com uma mentira, para que terminasse? Eu. Eu são apenas duas letras, nada mais. Uma sílaba. Um símbolo. Eu não existe. Isto não é um garoto.

– Eu...

Não conseguia continuar. Que letras colocar após aquelas duas? Sentia-se do lado errado do espelho. Sentia-se imagem pura. Há um lado certo no espelho? 私. Existe um lado que não é imagem? 私. Existe algo que não seja imagem? 私. Queria ver o amuleto de novo, admirar aqueles sete traços que carregavam um quê de mistério, que o faziam dar um meio sorriso assustado, por que sua mãe não ia embora? Por que não o deixava em paz? Por que não o deixava sozinho consigo mesmo? Sozinho consigo mesmo... Quem está consigo está sozinho? É possível estar só? É possível estar acompanhado? Isto não é um garoto. 私.

– EU QUERO FICAR SÓ!!!

Sabia que não deveria gritar com sua mãe. Sabia que isso apenas a deixaria ainda mais nervosa e assustada. O que não sabia era que a sua frase teria o efeito contrário de seu significado, a mãe o abraçou com força, quebrando o símbolo. O garoto foi levado ao hospital. 私. Era um garoto, que como eu, não amava os Beatles nem os Rolling Stones. Não tivera tempo de pegar o amuleto. 私.

O garoto foi examinado e reexaminado. Olharam o sangue, a urina, tiraram radiografia do pulmão, conferiram o sistema circulatório, fizeram até mesmo um eletroencefalograma. Mostraram manchas que nada significavam e perguntaram para o garoto o que significavam. Nada. Não acharam nada errado no garoto. Era um garoto normal, que ia para a escola todos os dias, depois da aula gostava de jogar futebol com os amigos, no final de semana ia para o cinema, não gostava de fazer para casa, era apaixonado por uma menina da sala, mas era muito tímido para tentar qualquer coisa. O garoto está bem, diziam os médicos, o garoto está bem. Era um garoto, que como eu, não amava os Beatles nem os Rolling Stones. Mas a mãe sabia que havia algo errado com o garoto. 私.

O que havia de errado com o garoto? Por que o garoto estava deixando de ser um garoto? Isto não é um garoto. Talvez o garoto fosse como a figura de um quadro que desbotava com o passar do tempo, as tintas escorrendo incessante-

mente no infinito fluir do rio das memórias. Ou talvez o garoto simplesmente crescia. 私 . Talvez fosse apenas uma dessas crises que a gente enfrenta na vida, quando descobrimos que nossos pés ficaram grandes demais, nossa voz ficou esganiçada demais ou apareceu aquele primeiro fio de barba branca. 私 . Talvez fosse só uma questão de tempo, e tudo em breve voltaria ao normal. 私 . Talvez.

Mas as coisas não voltaram ao normal. 私 . Naquela noite, o garoto não conseguiu dormir. 私 . Virava de um lado para o outro, fechava os olhos mas a escuridão doía, queria admirar o nada do teto branco de seu quarto. 私 . Não aguentou, abriu a gaveta e segurou o amuleto com força contra o peito, sentiu-o queimando em sua pele, gravando aquelas sete linhas em sua carne. 私 . O garoto parecia estar descolando de si mesmo, observava seu próprio corpo de longe, podia ver todos os detalhes do rosto que já não era mais seu. 私 . Pela primeira vez, o garoto sentiu medo do amuleto. O garoto não queria deixar de ser um garoto. Queria ter sua vida de volta, queria acordar, tomar café da manhã, escovar os dentes, ir para a escola, não prestar atenção nas aulas, jogar bola no recreio, não prestar atenção nas aulas, ir para casa, almoçar, dormir um pouco, ir jogar bola com os vizinhos, voltar cansado suado e feliz, tomar banho, jantar, não fazer o para casa, assistir televisão e ir dormir, sonhar... Lenta e doce espiral do crescimento, como era bom deitar e esticar o preguiçoso corpo nela e achar que era feliz. 私 .

Talvez devesse se livrar do amuleto. 私 . Jogá-lo no lixo? Não, o amuleto merecia mais do que isso... Não podia simplesmente misturá-lo com restos alimentares e papéis inúteis. Talvez... Talvez... Talvez devesse queimá-lo! 私 . Sim, devia queimar o amuleto! 私 . Eliminá-lo dessa existência, isto não é um amuleto, destruí-lo por completo e voltar a viver e achar que era feliz!.. 私 . Além disso... Além disso, o amuleto merecia ser destruído com honra. 私 . Tentou guardar o amuleto no bolso, mas não conseguiu. 私 . Precisava senti-lo em suas mãos. 私 . Foi até a cozinha, pegou álcool e fósforos. 私 . O amuleto parecia queimar em sua pele. 私 . Saiu de casa, o quintal estava escuro, mas pela primeira vez não sentiu medo da escuridão. 私 . Por algum motivo, sentia-se mais forte e maduro. 私 . Isto não é um garoto. 私 . Descobriria que existiam coisas muito mais assustadoras, seu antigo medo parecia bobo e infantil. 私 . Como aqueles brinquedos bobos e infantis que ganhara de aniversário. 私 . Mas também não gostava dos presentes adultos chatos. 私 . Exceto do amuleto. 私 . O garoto gostava do amuleto. 私 . Estava frio, mas sua pele não arrepiara, seu corpo não tremia, 私 parecia não mais se manifestar em relação aos vãos acontecimentos do mundo externo, tudo o que existia estava dentro do garoto, o próprio amuleto não passava de um reflexo em suas pupilas. 私 . Isto não é um garoto. 私 . Isto não é um amuleto. 私 . Colocou 私 o amuleto no chão. Admirou aqueles belos sete traços, que brilhavam mesmo no quintal escuro 私 talvez refletindo o luar 私 talvez encontrando uma energia interna própria e sobrenatural. Segurou 私 o amuleto em suas mãos, teria coragem de queimá-lo? Seria capaz de destruir aqueles 私 sete traços que tinham um quê de mistério, que o faziam dar um meio sorriso assustado diante de um pensamento que jamais tivera antes?

Colocou o amuleto no 私 chão. Teria 私 coragem de queimá-lo? Destruir esse mistério, esse brilho, esse símbolo... 私 Abriu a garrafa de álcool e deixou o líquido escorrer, encontrar com o metal em sua queda e espalhar-se por sua superfície, espalhar-se por cada um de seus sete traços, quase como se novamente desenhasse o amuleto, para em seguida alongar seus longos 私 braços pela superfície áspera do quintal. Teria coragem de queimá-lo? 私

Segurou o amuleto 私 em suas mãos. Ainda 私 tinha a sensação de que ele queimava 私 em sua pele. 私 O brilho parecia penetrar em seu olhar como uma faca fina e afiada. 私 O amuleto lutava por sua existência. O garoto se 私 perdia na imensidão 私 do significado profundo, naquele 私 brilho forte, viril e maduro. 私 O garoto percebeu que amava o amuleto. 私 Amava-o tanto e tão profundamente que não tinha outra opção exceto a de destruí-lo. 私 Amava-o 私 tanto e tão profundamente que pouco a pouco sufocava e morria. 私 Isto não é um garoto. 私 Isto não é um amuleto. 私

Colocou o amuleto no chão. 私 Abriu a garrafa de 私 álcool e deixou 私 todo o líquido escorrer, em longos e intermináveis segundos, 私 o álcool batia contra o amuleto com força, redesenhando-o e formando grandes ondas, 私 esticando longuíssimos braços pela superfície áspera do quintal. 私 O garoto chorava. 私 O garoto tremia. 私 Isto não é um 私 garoto. 私 Isto não é um amuleto. 私 Ainda segurava a garrafa de álcool com o olhar fixo, 私 mesmo muitos segundos após ela estar vazia. 私

Segurou o amuleto violentamente 私 em suas mãos. 私 Queimava. 私 Pressionou-o 私 contra 私 o peito. 私 Queimava. 私 Podia quase senti-lo 私 formando uma cicatriz em sua carne. 私 Pressionou-o com ainda mais força. 私 Desejava a cicatriz, queria a marca eterna 私 em seu corpo. Queria 私 que o amuleto fosse parte de si, queria que o amuleto o penetrasse como um amante. 私 Amava-o tanto e tão profundamente que sufocava e morria. 私

Colocou o amuleto no chão. 私 Abriu a garrafa de 私 álcool, mas não havia 私 mais líquido para escorrer. 私 Molhou o amuleto com suas lágrimas. 私 Elas não alongaram longos braços pela 私 superfície áspera do quintal, elas não redesenharam os sete traços do símbolo, pareciam ser completamente absorvidas pelo metal frio e indiferente. O amuleto amava o garoto. 私 Amava-o tanto e tão profundamente que não tinha outra opção exceto a de destruí-lo. 私 Amava-o tanto e tão profundamente que pouco a pouco sufocava e morria. 私 Isto não é um amuleto. 私

Segurou o 私 amuleto violentamente 私 em suas 私 mãos. 私 Ela私s tremiam. O garoto 私 não sabia se 私 ele que tremia ou o amuleto. 私 私 Talvez 私 ambos. Talvez ambos. O amuleto também o molhava com suas lágrimas. 私 Isto não é um 私 amuleto. Isto 私 não é um garoto. Apertou-o com força contra o peito, 私 o amuleto parecia sufocar. Pressionou-o com ainda mais força e violência, 私 sentia o peito arder, não conseguia encontrar 私 ar. 私 Jogou o amuleto 私 com fúria 私 no chão. Percorreu incrédulo que suas 私 mãos estavam sujas de sangue (seu?私). 私 Abriu a garra-

fa de álcool, mas não 私 havia mais líquido 私 para escorrer. 私私私 私 Deixou a garrafa escorrer 私 de suas mãos e partir-se no concreto duro do quintal. 私私私 私私私 Tremia violentamente. Isto não 私 é um ga私roto. 私 . Respirou fundo, tentando encontrar 私 ar. Era um garoto, que como eu私 , nã私o amava os Beatles nem os Rolling Stones. 私 . Isto não é私 um garoto. Isto não é um amuleto私 .私 É tudo uma gravação私 . É私 tudo uma g私ravação..私 . Sil私 ênci私o!... Não há banda!... Silêncio!... 私

私 Riscou 私私 o pa私lit私o de 私 fósfo私私ro e 私 soltou-o no ar. Viu o 私 pa私li私to cair e cair, gi私rar私 e gi私rar私 , o fogo balançando lentamente de um lado 私 e para o outro私 , de um lado私 e para o 私 outro, como um casal con私de私na私do que dançava o seu 私 último私 tango. O fogo acariciou a superfície lisa do metal 私 com seus dedos 私 quen私tes e 私 sens私uais, lambeu 私 cada traço私 com suas labaredas私 verme私has, queimou-o com o calor de 私 seu cor私po私私 . Porém, 私 o fo私go é um aman私te insaciável,私 esten私deu os seus longos braços 私 buscan私do quem mais pod私er私ia receber o p私razer de seu to私que intenso.私私

私 O garoto, 私 completamente absorvido, 私 observava o 私私 amuleto 私 queimar. 私 O 私 metal 私私私 parecia vibrar por baixo das chamas, quase como s私e tentasse escapar, 私 ou estivesse 私私 simplesmente contorcendo-se de dor. A 私 intensa claridade 私私私私私私私 pintava 私 o rosto do garoto 私 de amarelo, 私私 como se toda a luz私私 estivesse sendo unica私mente emitida em 私私 sua direção. O私 corpo do garoto começou私 a vibrar. 私 Espasmos 私私私 incontrolláveis, 私私 私私私私 私私私私 o tronco tremia, a cabeça movia-se de 私 um lado e para 私 o outro, para c私ima e para baixo, 私私 os membros私私私 balançavam como galhos velhos 私私 私 em uma forte tempestade. A 私私 boca abria e fechava com vio私lência, mordeu a 私私 própria língua, sangue escorreu por私 seus lábios. O garoto quer私ia olhar para o amuleto, 私私 admirá-lo em seus últimos 私私私 私私私 私私私私私私 私私 instantes e dar 私 aquele meio sorriso diante 私私 de um 私 pensamento 私私私 tão estranho, mas e私stava desc私olado de si mesmo 私私 e não conseguia 私私 私私私 私私私私 私 controlar a violência de seu próprio 私私 corpo, o amuleto aparecia e sumia de sua visão, aparecia e 私私 sumia 私 de sua visão, como 私 se 私私osse 私 o mund私o que girasse 私 loucamente ao 私 seu redor, mas 私 estava sempre私私私 rodeado por私 aquele mar私私 de chamas amarelas, por私 aquele mar de私 chamas 私私 vermelhas, que p私areciam vibra私r e bril私har como os私私 olhos sedentos da própria morte. 私 Por um instante, 私 o garoto sentiu-se vivo. Por um in私stante, o 私私 garoto sentiu-se 私 real. Por um instante, 私 o garoto sentiu-se 私 livre. Por um instante, o 私 garoto chegou a acreditar que poderia私 ser feliz. 私 Mas apenas p 私or um breve 私 instante. O s私entimento de dor tornou-se私私私 tão intenso que 私 apagou todos os pensamentos, todos os sentimentos, 私私私私 私私私私私私私私私私私私私私 todas as angústias, 私私 medos e esperanças私. Numa folha qualquer, 私 eu desenho um sol 私私 amarelo. 私私 Isto não é um garoto. 私私私私 Um dia deveria 私 ter私minar a esco私la,

Razão

I

– Meu Deus!

– Que foi?

– Perdi a razão!

– Como?

– Perdi a razão, perdi a razão!

– Tem certeza?

– Sim, já olhei em tudo quanto é lugar, mas não encontro!

– Nossa!.. E agora?

– Não sei! Não consigo pensar em nada! Não consigo pensar... Ai minha nossa senhora Jesus meu bom pai do céu o que é que eu vou fazer sem a minha razão!

– Será que você não esqueceu em algum lugar?

– Acho que sim... Ou não... Sei lá, não consigo pensar, não consigo pensar! Meu Deus do céu, onde é que eu coloquei a minha razão?

– Calma, não perca a cabeça. Sente-se um pouco, vou pegar um copo d'água com açúcar.

Sentou-se. Respirou fundo, contou até dez. Mas não conseguia relaxar. Havia perdido a razão! Como é que iria trabalhar sem a sua razão? Justo agora, que estava com grandes chances de ser promovido e sua esposa estava grávida de quatro meses. Justo agora, acontecia uma coisa dessas. Não sabia o que fazer.

Ela retornou com uma xícara de água. Tomou um gole, o gosto era horrível. Continuava tenso. Mas suas mãos já não tremiam tanto. Percebeu que sua esposa o observava com olhos atentos.

– O que foi?

– Er... Querido?

– Sim?

– Como é... Como que é... Como é perder a razão?

Não respondeu. Levantou-se e olhou a janela, o caminho arborizado do lado de fora, o sol que já começava a subir no horizonte. Era um dia belo. Queria poder aproveitá-lo.

– Preciso reencontrar minha razão. Por favor, me ajude a procurar. Tem que estar em algum lugar dessa casa.

– Como ela é, mais ou menos? Você se lembra?

– Não sei, nunca a vi direito. Mas se a gente encontrar, vamos saber que é a minha razão. Tenho certeza.

Procuraram pela casa inteira a razão do pobre homem. Olharam embaixo das

camas, nas gavetas, em cima dos armários, dentro dos livros, mas não encontraram nada. Olharam atrás das almofadas do sofá, embaixo da mesa da sala, atrás dos armários do quarto, até mesmo em cima do telhado da casa, e nada, nada.

– Querido, onde é que foi parar a sua razão? Como é que o troço some desse jeito? – Disse, exausta.

– Não sei, não sei!... Não me lembro de ter colocado ela em lugar nenhum! E se... e se minha razão simplesmente morreu? E se acabou de vez?

– Credo, querido! Nem fale uma coisa dessas! Tem que estar em algum lugar, vamos procurar mais.

E procuraram. E procuraram. E procuraram. Mas nada de encontrar a razão do pobre homem. Anoiteceu. A mulher, desesperada, já começava a aceitar a ideia do marido. Talvez realmente tivesse perdido a razão para sempre. E logo agora, que estava grávida de quatro meses. Logo agora, que ele tinha grandes chances de ser promovido... Como fariam sem seu salário?

– E se ligássemos para seu trabalho? Talvez tenha ficado lá...

– Será? Não sei, querida... Não tenho coragem de ligar perguntando. O que vão pensar quando souberem que perdi minha razão? Vou ser despedido...

Decidiram que no dia seguinte ele iria trabalhar como se nada tivesse acontecido. Discretamente, iria procurar sua razão pela empresa. Só podia estar lá, se não estava em casa... Ele não foi para nenhum outro lugar. Se desse sorte, ninguém perceberia nada. O plano deixou-os um pouco mais tranquilos. Conseguiram até dormir de noite, apesar de ele ter aberto os olhos diversas vezes durante a madrugada, assustado.

II

Sentou-se, ligou o computador. Enquanto iniciava, ficou se perguntando onde poderia ter colocado sua razão. Tentava se lembrar de onde a colocara pela última vez. Será que estava em alguma das gavetas? Será que estava no disco rígido? Caíra embaixo da mesa? Era tão difícil pensar sem sua razão. Sentia muito medo de alguém descobrir tudo... Não podia perder o emprego!.. Tentava fingir que estava trabalhando, que estava concentrado em algo muito importante no computador. Onde poderia estar sua razão?.. Talvez estivesse na cozinha, ele sempre ia na cozinha... Nossa, sábado tinha entrado no escritório do chefe! Para conversar sobre o novo projeto de expansão. Será que tinha deixado lá? Meu Deus!.. Se estivesse no escritório do chefe...

Foi até a cozinha. Melhor procurar primeiro no local mais fácil e seguro. Felizmente, estava vazia. Olhou em cima das mesas, do balcão, das cadeiras, não encontrou nada. Embaixo do balcão havia um armário. Abriu: dentro estavam alguns bules, copinhos de plástico fechados, guardanapos, adoçantes, pacotinhos de açúcar. Empurrou os objetos, olhou no fundo do armário, sem nenhum sucesso.

– O que está procurando?

Levantou-se, assustado. Bateu a cabeça no balcão, quase derrubou um bule.

– Nada, eu... Estava apenas olhando.

Ainda sentia-se zozno com a batida. A copeira olhava-o desconfiada.

– Se você precisar de algo, é só pedir.

Serviu uma xícara de café, para manter as aparências. Tomou-a devagar, esperando que a copeira saísse dali, para que pudesse procurar mais. Talvez estivesse atrás do balcão. É claro, por que não havia olhado lá antes? Fazia muito mais sentido do que dentro do armário! Mas a maldita mulher não saía dali. Devia sentir-se muito poderosa sendo responsável pela cozinha. O que esperava afinal? Que iria roubar os bules? Os copinhos de plástico? Os malditos pacotinhos de açúcar? Terminou seu café, levantou a tampa do lixo, deu uma olhada rápida para ver se sua razão não estava ali. Não estava. Foi embora. Teria que olhar atrás do balcão em outra hora.

Uma ideia iluminou sua mente. Andou rápido até a portaria da empresa. É claro, é claro! Como é que havia se esquecido dos achados e perdidos? Que burrice!... Só podia ser porque havia perdido sua razão mesmo. O porteiro conversava com um homem desconhecido. Engraçado, tinha a sensação de que já o tinha visto em algum lugar... Aproximou-se, depois que ele se afastou.

– Bom dia.

– Bom dia, senhor.

– Quem é aquele homem?

– Não sei... O nome dele não está na lista. Mas ele cismou de que trabalha aqui.

– Estranho... Eu tenho a sensação de que já o vi em algum lugar... Enfim, queria dar uma olhada nos achados e perdidos.

– Claro, meu senhor! O que você perdeu?

– Eu perdi... eu perdi... algo.

– Algo?

– É, algo... pessoal.

O porteiro deu de ombros e entregou uma caixa contendo aqueles pequenos objetos de nosso cotidiano: canetas, borrachas, carteiras, chaveiros, relógios, etc. Nada que se sobressaísse, nada que pudesse ser sua razão. Apenas objetos sem muita importância.

– É... não está aqui. Obrigado.

– De nada, meu senhor. Se alguém entregar... algo... pessoal, eu te aviso.

Ficou sem saber se o sorriso esboçado pelo porteiro era simpatia ou sarcasmo. Parou de andar subitamente, golpeado por uma ideia assustadora: e se não tivesse perdido a razão? E se ela tivesse sido roubada? O porteiro parecia ser espartinho demais para o seu gosto... Talvez nem fizera por mal, talvez alguém havia entregue a razão nos achados e perdidos e o porteiro não achara que seria uma má ideia usá-la por uns tempos. Era tão bonita e brilhante! E haviam perdido mesmo... Achado não é roubado, quem perdeu foi descuidado. Se isso realmen-

te acontecera, provavelmente jamais veria sua razão novamente. Como poderia convencer o porteiro a devolvê-la? Não podia fazer mais nada...

Não, não podia deixar isso acontecer. Tinha que lutar! Tinha que recuperar sua razão! Poxa, sua mulher estava grávida de quatro meses, não podia perder a razão agora!.. Voltou ao porteiro, com a cabeça erguida.

– Com licença.

– Sim, meu senhor.

– Não teve algo assim... sabe, algo pessoal... que colocaram aqui há uns dois dias não?

– Algo... pessoal?

– É.

– Mas já te mostrei a caixa de achados e perdidos, meu senhor.

– Sim, mas... sabe como é, né? Talvez alguém tenha pegado algo... pessoal que... não era... Você sabe, né? Achado não é roubado e etc e tal. Só que essa coisa pessoal é minha, eu preciso muito dela.

– O chefe pegou algo aqui ontem.

– O chefe?

– É. O chefe.

– E como era o que ele pegou?

– Não sei. Não consegui ver direito. Mas parecia ser algo muito pessoal.

O chefe... Será? O chefe tinha comentado nos últimos dias que invejava sua inteligência, sua capacidade de lidar bem com qualquer problema. Será que resolvera roubar sua razão? Mas por quê? Não precisava, já o tinha como empregado! Já podia usar sua razão à vontade! Nem pagava hora extra!.. Por quê? Por quê, meu Deus, por quê? Não sabia, mas de qualquer forma, parecia ser uma boa ideia dar uma olhada no escritório dele.

Bateu na porta. Ninguém respondeu. Muito bom, devia estar vazio. Tentou abrir a porta, mas estava trancada. Droga! Andou de um lado para o outro, pensativo. Olhou nos arredores, não havia ninguém. Pegou um clipe em uma mesa próxima e forçou a lingueta da fechadura. Essas portas internas eram muito simples de abrir. Abriu. Entrou.

Tudo estava a mesma bagunça de sempre, papéis espalhados por todos os lados, calculadoras, dois computadores (um dos quais nunca era usado), envelopes, arquivos, lápis, canetas, porta-retratos, pesos de papel sem nenhum papel por baixo, um tabuleiro de xadrez que jamais foi utilizado, xícaras de café que já foram utilizadas, entre outros objetos que agora não conseguia ver. Procurou em cima da mesa, por baixo dos papéis, por baixo dos pesos de papel, dentro das gavetas, na estante, embaixo da mesa, embaixo dos papéis jogados no chão, atrás da cadeira, embaixo do cofrinho em forma de porco, mas não encontrava nada, nada. Suava. Estava desesperado, o chefe podia entrar a qualquer instante e não conseguia encontrar. Onde poderia estar sua razão? Será que ele havia roubado e levado para casa? Nossa, mas como iria fazer para entrar na casa do chefe? Não

conseguiria abrir a porta com um clipe, e poderia até mesmo ser preso por invasão de propriedade! Que problemão que havia arrumado!... Que problemão...

Deixou o escritório. Assim que fechou a porta, viu o chefe saindo do elevador. Meu Deus, essa foi por pouco!...

– Bom dia, chefe.

– Bom dia. Já terminou o relatório que pedi?

– Ainda não, estou com um proble...

– Termine logo! Precisamos dele para negociar a fusão da empresa.

– Sim, tenho só que encontrar...

– Você perdeu algo?

– Sim, você encontrou?

– Como vou saber? Não sei o que perdeu. Foi algum dado? Você pode olhar no servidor de backup. Fale com o pessoal da informática.

– Não, não, não foi isso. Foi algo mais... pessoal.

– Já falei mil vezes que você não deve ficar trazendo coisas pessoais para a empresa. Isso que dá. Depois fala que não avisei. Deixa essa coisa pessoal para lá e vá terminar o relatório. A empresa em primeiro lugar. Depois você encontra essa coisa pessoal por aí. A fusão não pode atrasar, podemos perder o momento propício do mercado. Me entregue o relatório até o fim do dia. Fora do horário do expediente você pode procurar sua maldita coisa pessoal à vontade. Não se esqueça: a empresa em primeiro lugar! Depois vem a sua vida pessoal.

Andou cabisbaixo até a sua cabine. Como é que iria escrever a droga do relatório sem a sua razão? Chefe estúpido!... Estúpido!... Idiota. A empresa em primeiro lugar e blá blá blá. Sentou-se e começou a digitar o relatório, procurar os dados, fazer as contas. Não podia ter problemas, logo agora que sua esposa estava grávida de quatro meses. A firma havia lucrado não sei quanto no último semestre, tinha um total de não sei quantos funcionários, mas pretendia contratar mais não sei quantos. A perspectiva de entrar naquela nova área poderia aumentar os lucros da empresa em não sei quanto, mas seria necessário um investimento de não sei quanto. A expectativa de retorno do investimento era não sei quantos anos. Meu Deus! A copeira! Como é que havia se esquecido da copeira? A forma como olhou desconfiada para ele, como ficou guardando a cozinha... Foi ela! É lógico que foi ela quem pegou sua razão!

Levantou-se imediatamente. Estava furioso. Povo estúpido, que pega a razão dos outros. Não podiam se contentar com sua própria razão? Não, não podiam, tinham que sair pegando a razão alheia, prejudicando as outras pessoas, quando as esposas delas estavam grávidas de quatro meses. Malditos seres humanos, egoístas. Maldita copeira!.. Egoísta!..

Entrou na cozinha. A copeira não estava lá. Bom, pelo menos poderia procurar mais. Olhou atrás do balcão. Olhou nas prateleiras do armário. Nada. Onde é que a copeira havia escondido sua razão? Será que havia levado para casa? Nossa, mas como iria fazer para entrar na casa da copeira? Não conseguiria abrir a

chamava para sair, sabendo que não poderia, pois estava sem a sua razão. Filho da mãe. Levantou-se, seus olhos quase brilhavam de ódio, e empurrou seu amigo contra a parede.

– Onde é que está?

Agarrou-o pelo colarinho.

– Onde é que está, seu maldito! Onde é que está?

– Calma, cara! Eu não fiz nada! Pega leve aí, cara! Você bebeu?

Soltou seu amigo. Ele não iria falar. Ele não iria falar! Talvez não fora ele, poderia ter sido algum outro colega da empresa também. Afinal de contas, ela possuía não sei quantos funcionários e pretendia contratar mais não sei quantos. Nossa! Será que os novos funcionários iriam tentar roubar sua razão também? Como é que iria se proteger? Ou então... podia ser uma conspiração e agora o seu amigo nem sabia mais onde é que sua razão estava. Outro colega deve ter ficado responsável de passá-la para frente, e agora já devia estar em algum avião à caminho de algum outro país, junto com uma sacola cheia de gelo contendo órgãos do tráfico. Malditos, malditos!

Agarrou-o pelo colarinho novamente.

– Em qual avião vocês a colocaram? Em qual? Me diga, me diga onde que está!

– Você está louco! Você está completamente louco! Perdeu a razão!

– Onde a colocou?

– Eu não peguei nada!

Soltou seu amigo e saiu da cabine. Viu aquele tanto de cabeça dentro das outras cabines, tantas pessoas naquela sala tão grande, a empresa possuía não sei quantos funcionários, com perspectiva de contratar mais não sei quantos. Tantas pessoas, todas digitando em seus teclados, clicando com seus mouses, respirando, escrevendo, apagando, em uma sinfonia irritante e ensurdecidora. Tantas pessoas inúteis, pensando e raciocinando, orgulhosas de possuírem sua razão inútil e aquele emprego inútil. Se julgando superiores por terem aquela razão inútil que achavam tão avançada, enquanto ele não tinha nada, nada. E daí? Para que servia sua razão afinal de contas? Que diferença fazia? O que ganhava com ela? Não servia era para nada!!! Para nada!!!

Saiu do prédio. Não respondeu ao questionamento do porteiro, mal escutou o que ele falou. Chega daquele relatório estúpido, não ia conseguir preenchê-lo sem sua razão mesmo. A empresa possuía não sei quantos funcionários... A perspectiva de lucro era tal... E daí o número de funcionários da empresa, e daí a perspectiva de lucro? Pouco lhe importava. A empresa que fosse para o inferno! A fusão que se explodisse! Tudo o que queria era ter sua razão de volta. Onde devia ter colocado, afinal? Quem podia ter pego?

Andava pelas ruas da cidade, olhando desconfiado para as pessoas que passavam ao seu redor. Aquela mulher alta e magra, vestida de vermelho, que deve ter pego sua razão. Ou então foi aquele homem baixo e gordo, de suspensórios.

Não, deve ter sido aquela mulher de meia idade que usava óculos. Ou foi a moça gorda de olhar triste? Ou o motorista que segurava um vidro de perfume? Deve ter sido aquela criança com o boneco do Batman. Ou a menina chupando pirulito. Ou o idoso que andava de muletas. Mas por que eles roubaram sua razão? O que ganhariam com isso, já não tinham a razão deles? Por quê, meu Deus, por quê?

Tantas pessoas, de tantos jeitos e cores. Algumas belas, outras feias, algumas boas, outras más, cada uma com seus desejos e sonhos, com sua linguagem, com sua religião. Cada uma buscando sua identidade, compondo a grande sinfonia que chamamos de humanidade. E ele, que havia perdido a razão? Ainda era alguém? Ainda podia considerar-se humano? Haveria ainda um espaço para ele naquela música tão harmônica, um espaço para uma nota desafinada e sem timbre? Quem era ele sem a sua razão, que o tornara outrora superior a todos os animais, que o fizera ser um homem? Quem era ele agora, afinal? Para que servia? Não queria fazer mais nada... Mais nada... Há uma certa satisfação em não fazer nada.

Já era noite, quando finalmente voltou para casa. Nem se lembrava das ruas por onde passara naquele resto de tarde. Sua esposa o esperava na porta. Tudo parecia negro e cinza, exceto a camisola verde da mulher, com um leve tom amarelado, e o vermelho de seus lábios, que de alguma forma se destacavam daquele mundo sombrio. Observou a pele branca que se mostrava por trás das transparências da camisola, convidando-o a imaginar o que não podia ser visto. Mantinha um suave sorriso nos lábios vermelhos, enquanto seu gato mantinha-se sereno e tranquilo ao seu lado. Ela o abraçou. Ele sentia em seus braços o seu corpo quente e macio, enquanto por algum motivo não conseguia tirar os olhos do gato. Ela aproximou os lábios vermelhos de seu ouvido e disse, com uma voz serena sibilante cintilante suave e sensual:

– Eu encontrei.

Pegou-o pela mão e foi conduzindo-o pela casa. Andava rápido, era difícil acompanhar. Levou-o até o quarto. As luzes estavam apagadas. Mas não precisava de luz. Lá estava ela, em cima da cama de casal. Abraçou-a. Não conseguia acreditar. Chorou de felicidade.

Religião

I

Um único ponto de massa e energia, que esconde todo o infinito. Não há tempo, não há espaço. Escutamos um grande bang e esse ponto explode, partículas e antipartículas voam e se destroem em violentas colisões. Por algum milagre a matéria ganha da antimatéria e quarks e glúons conseguem formar os prótons e os nêutrons. Ufa!... Graças a Deus!.. Já podemos ver os prótons e os elétrons se encontrando e se juntando para formar Deutérios, Hélios e Hidrogênios. Devido a alguma força divina, as partes mais densas atraem a matéria próxima, gerando nuvens de gás. São lindas, transparentes e quase vivas, em constante movimento. Verdes, vermelhas, azuis, mas sempre em diferentes tonalidades em cada ponto em que a observamos, nunca se repetem. Veja, uma grande quantidade de matéria começa a concentrar-se em um único ponto, uma espiral se forma nessa nuvem molecular e como brilha, meu Deus, como brilha!.. A primeira estrela nasce como se fosse um anjo. Olhe, tem outra espiral se formando ali! Outra lá! Mais uma daquele lado! Que espetáculo, essas explosões de luz. Finos discos de gás e poeira giram em torno das estrelas em formação, há pontos onde a poeira se concentra mais, graças à gravidade, essa força tão misteriosa e divina. Formam-se concentrações de matéria, que giram em torno das estrelas recém-nascidas. A nuvem de poeira gradualmente desaparece, e agora podemos ver oito planetas girando em torno de uma das estrelas.

Olha que legal o terceiro planeta! Está se formando uma camada sólida, enquanto uma substância gasosa se acumula em volta... Pera aí, é vapor d'água! Veja, está se formando a água, em cada molécula dois Hidrogênios e um Oxigênio, que milagre, meu Deus, que milagre, tem água nesse planeta! Quem diria!.. Surgem vulcões, aumentando a quantidade de gases da atmosfera, enquanto o vapor de água se condensa, e, somando-se ao gelo e água líquida trazidos por asteroides e cometas, forma grandes oceanos. Olhe o continente se formando, acho que naquela parte ali um dia será a América Latina. Deus abençoe a América.

Bases de nitrogênio se juntam com ribose e fosfato, formando os nucleotídeos. Eles passeiam pelo espaço, adenina, guanina, citosina e uracila. Nos locais onde há maior concentração, ocorrem reações químicas, e eles se combinam em uma longa fita: o RNA. Olhe ali! Veja aquela fita de RNA, ela está se replicando! A nova fita e a fita antiga se replicam e as quatro fitas se replicam e as oito fitas se replicam, em pouco tempo tem milhões de fitas de RNA espalhadas por aí. Olhe ali! Formou-se uma célula!... Ela está, ela está... se dividindo! Você viu? Eu juro que ela se dividiu! Eu juro! Surgem mais e mais células e... parece que algumas estão se alimentando da energia do sol! Como isso foi acontecer? Tão mágico, tão divino, tão sagrado!... Obrigado, Deus, obrigado! As células maiores estão incorporando as menores, veja ali um grupo de células vivendo em comunidade, algumas estão se especializando... Nossa, virou um indivíduo! Que mi-

lagre, que milagre!

Olha aquela esponja, aquela água viva, agora surgem os primeiros moluscos e artrópodes. Como são estranhos!... A estrela do mar finalmente aparece, com sua carapaça de espinhos. De repente já existem tantos seres, quanta diversidade!, como Deus é criativo! Veja os primeiros peixinhos nadando, deixando o mar ainda mais bonito. Em pouco tempo alguns começam a desenvolver reservatórios de oxigênio, em algumas regiões a disputa na água é acirrada demais. Enquanto isso podemos ver as plantas crescendo na terra, uma terra paciente, verde e tranquila. Até que, finalmente, o primeiro animal pula fora d'água. Arregala os olhos, assustado e volta para a água o mais rápido possível. Mas não aguenta, e pula fora d'água de novo, excitado e ansioso. Passeia um pouco pela terra e depois retorna aos rios. Vamos chamá-lo de anfíbio: ele possui agora duas formas de vida. Aos poucos, uma de suas duas vidas vai definhando, até morrer por completo. Já não podemos chamá-lo de anfíbio, agora só retorna à água para bebê-la, virou um réptil.

Seres gigantescos andam sobre a terra, dinossauros travam batalhas de vida ou morte. A diversidade aumenta cada vez mais, a terra e a água já não possuem espaço suficiente e grandes répteis dominam os ares, como se fossem anjos. Que milagre, meu Deus, que milagre. Mas Deus não parece estar muito satisfeito. Como um escritor que, indiferente, rasga as primeiras páginas de um rascunho que não deu certo, envia um meteoro que destrói grande parte de sua criação. É tudo muito triste, a Terra ficou cinza, as plantas morrem agonizando por sol, os herbívoros morrem agonizando por plantas, os carnívoros morrem agonizando por herbívoros. Foi tudo muito triste. Como explicar a crueldade de Deus? Por que a mesma mão que cria e pari, mata e destrói?

Felizmente, alguns mamíferos sobreviveram. Sentem sede de vida, sentem sede de leite. Agarram-se à mãe, crescem e se desenvolvem. Rapidamente a diversidade é grande de novo, a vida odeia o tédio e a monotonia. Os macacos são engraçados, me fazem rir. Alguns brincam de andar com apenas os dois membros inferiores, depois voltam às quatro patas, buscando equilíbrio. Mas as mutações divinas sempre acontecem, Deus adora jogar seus dados. Surgem os macacos capazes de andar com apenas dois membros, deixando os outros dois livres para manipular objetos. Nossa, aconteceu algo extraordinário: um deles está quebrando um pedaço de pedra para deixá-la mais pontiaguda. A vida toma um rumo fantástico, em breve estarão se perguntando quem são, de onde vieram, por que estão aqui e para onde vão após a morte. Em breve serão humanos.

E foram. Frágeis, nus e solitários, buscando desesperadamente comida. A fome era tanta que não havia tempo para pensar nas grandes questões filosóficas. Mas as ferramentas foram sendo criadas, as técnicas de caça foram se desenvolvendo, as funções na sociedade foram se especializando, até que, finalmente, eles tiveram tempo para pensar.

Um deles, andando pela floresta, em uma noite de chuva, vê um grande relâmpago cair logo em sua frente e queimar um arbusto. Ele admira aquela lab-

reda de fogo, vencendo a chuva graças a alguma energia divina e, por algum motivo, pensa: “Meu Deus!”. Esse homem é o primeiro religioso do mundo. Excitado, pega um cajado de madeira e vai correndo contar aos amigos e à sua família. Mas... espere. Algo está errado. Não! Aquele leão faminto está se aproximando rápido demais. Corra, religioso, corra, corra por sua vida, corra por sua grande descoberta! Você precisa mudar o mundo! Mas está tão distraído em seus pensamentos metafísicos, pensando nas futuras regras e princípios éticos, no que iria proibir e no que iria permitir, em como seriam as cerimônias e as oferendas, que não percebeu que estava em perigo. E o que é pior, enquanto pensava que a caça continuaria sendo permitida, tropeçou em uma pedra e se tornou presa fácil para o leão. No meio do caminho, havia uma pedra. Havia uma pedra, no meio do caminho. Nunca esqueceremos desse acontecimento. Perdemos o primeiro religioso.

E, assim, a religião não foi criada. A humanidade seguiu o seu percurso, um homem colocou várias estacas de madeira em torno de um pedaço de terra e disse: “Isto aqui é meu!”. Foi assassinado por outro homem. Um homem disse que matar era errado, e jurou que assassinaria quem assassinasse alguém. Alguns descobriram o metal e passaram a trocá-lo por coisas que julgavam interessantes, como pedaços de terra com estacas de madeira em volta. Surgiram aqueles que guardavam pedaços de metal para os outros e os emprestava para ganhar os seus próprios pedaços de metal. Um parente do homem que disse que matar era errado declarou um dia: “Eu sou rei!” e foi decapitado. Apareceram artistas, que procuravam imitar a realidade e ajudar os homens a extravasar suas emoções. Apareceram os artistas que fingiam ser artistas para conseguir pedaços de metal. Apareceram filósofos, que se preocupavam com de onde viemos, por que estamos aqui e para onde vamos. Mas não surgiram os religiosos. Ninguém nunca mais cogitou que poderiam existir seres divinos que nos criaram ou que controlavam nossa vida, nem mesmo que cuidavam de nós. Todos viviam morrendo de medo da morte.

Vieram os gregos com sua poesia e seu teatro. Falavam sobre a vida cotidiana, e a importância da moral e da razão. Mas era uma arte sem Zeus, Apolo, Dionísio, Hades, Ares, Atena, Poseidon... Muito sem graça, enfim. Foram substituídos pelos romanos, que mantiveram uma arte fortemente moral, seca e chata. Sem uma explicação divina, a educação ética tornou-se uma das principais preocupações da humanidade, contaminando as obras de arte. Mesmo assim, aconteceram muitas guerras. Como a religião não era mais uma desculpa possível, passou-se a lutar “pela pátria, pela língua e pelos bons costumes”.

Pela pátria, pela língua e pelos bons costumes, milhões de pessoas morreram. Mas sobre este sangue, fundaram-se os estados nacionais. Portugal, Espanha, França, Inglaterra, pouco a pouco o mapa ia se definindo, as bandeiras sujas de sangue se erguiam. Uma surpresa: a Itália jamais conseguiu se unificar. Formaram-se vários pequenos estados na região italiana, cada um com o seu pequeno dialeto. Faltou uma grande obra para unificar a língua italiana. A colonização da América não deu certo. Pela pátria, pela língua e pelos bons costumes, não era

desculpa forte o suficiente para destruir os maias, os astecas e outros povos americanos. Mas sem religião essas civilizações americanas não eram muito interessantes. Pelo menos não eram mais realizados sacrifícios humanos em nome dos deuses, agora simplesmente matavam os prisioneiros. Formaram-se diversos países na América, seguindo o modelo europeu, sendo os principais: Asteca, Maia, Guarani. Todos riquíssimos. Na América do Norte surgiram vários pequenos países, mas nenhum de expressão significativa. A colonização da África também não deu certo. As principais tribos africanas fundaram seus próprios países e mantiveram seus costumes. Naquelas terras, os brancos sofriam preconceito e eram escravizados. A China também não conseguiu se unificar. Surgiram vários estados na região, como o Estado da Manchúria. Cada um possuía seus próprios costumes e sua forma de ver o mundo; não existia o confucionismo, nem o budismo, nem o taoísmo. O Japão nunca foi dominado pelos samurais, pois sem o budismo faltou um fundamento filosófico para uma disciplina forte. Assim, o poder não deixou as mãos da linhagem do imperador.

Veio a revolução francesa, a revolução industrial, o comunismo. A humanidade seguia o seu percurso, sem qualquer iluminação religiosa. Nenhum soldado rezou na primeira grande guerra. Nenhum soldado pediu perdão por seus pecados antes de sua morte inevitável na segunda grande guerra. Mas, na verdade, essas guerras não foram tão grandes assim. Como a colonização falhara, a África, a América e a Ásia não se envolveram no conflito. Assim, o poder não se dividiu entre os EUA e a URSS, e a Guerra Fria jamais aconteceu. Mesmo assim, muitos países se tornaram comunistas; a Cuba, por exemplo, era muito próspera.

Até que, enfim, chegamos nos dias atuais. Finalmente, resolveram fazer uma segunda tentativa.

II

Como um dia qualquer, ele ia para o trabalho. Tudo parecia normal, exceto pelo fato de que quando saiu de casa, teve aquela estranha sensação de que havia algo errado. Abriu a pasta, conferiu os documentos, verificou se estava com a identidade, olhou se os óculos estavam dentro da caixa. Tudo certo. Entrou no carro. Foi neste momento que se sentiu zozzo pela primeira vez, teve que segurar o volante com força. Temia a morte, como todos os outros. Suava, sentia-se observado, olhou em torno: ninguém.

Sentiu-se melhor depois de alguns segundos e conseguiu dirigir até a firma. Era estranho, não havia ninguém na portaria. Olhou incrédulo para a mesa vazia do porteiro, ele que nunca havia faltado um único dia de trabalho. Será que estava doente? Ou talvez tenha apenas ido ao banheiro... Mas como era esquisito ver a portaria vazia, o prédio indefeso. Semana passada mesmo ouvira falar de um desconhecido tentando entrar, cismando de que trabalhava ali. Por que a administração não pedira para outra pessoa ficar na portaria?

Sentiu-se zozzo pela segunda vez. Olhou em torno, para ver se estava sendo observado: ninguém. Conferiu novamente se tudo estava na pasta, os docu-

mentos, a identidade, a caixa com seus óculos.

Entrou no elevador. Até agora não vira ninguém. Engraçado, geralmente nesse horário havia algum movimento. Apesar de ainda ser cedo, sempre tinha uma pessoa aqui, outra ali. Chegou no seu andar. Tudo deserto. Olhou decepcionado para a recepção vazia, onde deveria estar a linda mulher de olhos verdes que iria chamar para sair algum dia desses. A porta da firma estava aberta, apesar de não ter ninguém. As janelas estavam abertas, deixando passar constantemente uma corrente fria de ar. Aumentava-lhe a sensação de vazio.

Sentou em sua cabine. Sentiu-se zozzo pela terceira vez. Teve vontade de conferir sua maleta, ver se estavam lá todos os documentos, sua identidade, a caixa com os óculos. Teve vontade de olhar em torno e conferir se estava sendo observado. Talvez dessa vez devesse ter olhado. Sentia medo, começou a pensar que poderia ter perdido a razão. O que faria sem sua razão?.. Tudo estava vazio. Tudo estava deserto. Sentia-se desmotivado para trabalhar. Há uma certa satisfação em não fazer nada. Mas ligou o computador e começou a digitar o último relatório. A firma havia lucrado não sei quanto no último semestre, estava com um total de não sei quantos funcionários, mas pretendia contratar mais não sei quantos. Não conseguia se concentrar. Era tão estranho estar ali sozinho, naquele deserto de cabines sem fim. Foi até a cozinha. Sentou-se em uma das pequenas mesas, pensativo. A cafeteira estava ali e saía fumaça como se o café tivesse acabado de ser feito. Mas nenhum sinal da copeira. Encostou a cabeça na mesa, sentia tédio e sono e medo. Não conseguia dormir, ficava cada vez mais angustiado. O dia passava, o sol já se erguia alto no horizonte e onde estavam todos? Levantou-se, caminhou até a janela, olhou para a vasta vista da cidade. Neste momento, sentiu-se zozzo pela quarta vez: a cidade estava completamente vazia. Havia carros parados junto ao acostamento, as lojas estavam abertas, mas não via uma única pessoa, não percebia nem um único movimento, fora o balançar dos toldos, o voar dos papéis e das sacolas plásticas, que se movimentavam naquele longo e vagaroso arrastar provocado pelo vento, o vento que soprava forte em seu rosto, machucando seus olhos e forçando-o a fechá-los.

Voltou para a sua cabine. Tirou a gravata e o paletó. Seus olhos ainda doíam, incomodados pela claridade. Sentia frio e fome. Escutou um barulho na recepção. Levantou-se, excitado, ansioso para ver alguém. Ao chegar, parou subitamente, boquiaberto. Em cima da mesa havia uma pilha de papéis em chamas. As labaredas eram altas e iam até o teto. Mas, por algum motivo, o teto não parecia queimar.

– Aproxime-se – disse uma voz, vindo de um lugar qualquer; parecia ao mesmo tempo vir de todas as direções e não vir de direção nenhuma.

– Quem está aí?

– Aproxime-se! É uma ordem!

Aproximou-se, hipnotizado pelas chamas. Enxergava um rosto no meio das labaredas, mas a forma modificava-se constantemente, fazendo-o pensar que era apenas produto de sua imaginação. Temia estar ficando louco.

– Quem é você? Onde você está?

– Estou em todos os lugares! E sou Sued! Sou onipresente e onisciente, sou a vida e a morte, a eternidade e o instante, o futuro e o passado, o gozo e o horror. Sou o criador de tudo e de todos, sou o pai do universo, curve-se diante de mim pobre mortal!

Criador do universo? Mas todos sabiam que o universo surgiu com o Big Bang! Como assim, criador do universo?.. Só podia ser alguma brincadeira. As chamas aumentaram. Seus braços se estendiam por toda a mesa, mas não queimavam o telefone, nem o computador. Ele pulou para trás, assustado.

– Não ouse duvidar de Sued, seu reles mortal! Sou a eternidade, o momento, o início, o fim e o meio. Curve-se diante de mim!

Estava encostado na parede, acuado e assustado. Uma série de ideias loucas percorria sua mente: Sued? Criador? Poderia existir alguma entidade que criara tudo e todos? Mas essa entidade deveria existir antes de tudo ser criado e antes de todos existirem. Essa entidade teria que ainda existir agora e continuar existindo para todo o sempre... Mas... mas... seria possível existir a eternidade? Algo que sempre existiu e jamais terminará? Se algo criou tudo e todos, quem criou esse algo que criou tudo e todos? E quem poderia ter criado esse algo que criou esse algo que criou tudo e todos? E quem criaria esse algo que criou esse algo que criou esse algo que criou tudo e todos? Mas, independente de qualquer lógica, se realmente existia esse ser divino, se essa voz realmente dizia a verdade, deveria venerá-lo e agradá-lo. Como poderia fazer isso? O que devia e o que não devia fazer, o que era certo e o que era errado? Será que seria encarregado de anunciar sua descoberta a todos e fundar uma comunidade para adorá-lo? Como seria o resto de sua vida daqui para frente? Quem ele seria daqui para frente? Teria que abandonar seu emprego, seus sonhos, suas posses, sua família? Teria que usar um cajado de madeira?

– Sim, junte seus irmãos para me reverenciar! Sou Sued, o criador! Sou o início do eterno infinito do agora da verdade absoluta! Pegue os meus mandamentos e siga-os com o corpo e a alma. Sou Sued, o eterno!

Duas placas de pedra e um cajado de madeira caíram no chão, vindos de um lugar qualquer. Pegou as placas, surpreso. Tentava ignorar o cajado de madeira. Sentia-se tão nervoso que mal conseguia segurá-las. Em cada placa estavam escritos cinco mandamentos, como: não farás para ti nenhum ídolo, não tomarás em vão o nome de Sued, lembra-te do dia de sábado para santificá-lo, não desejarás a mulher do próximo...

– Você pode trocar o dia santo para domingo, se quiser.

Olhava para aquilo tudo de olhos arregalados e se imaginava segurando um cajado de madeira, juntando um grande grupo de pessoas e pregando sobre o ser infinito que criara tudo e todos, contando que existia algo sem começo e sem fim (não falaria para ninguém que não sabia quem criara o ser que criara tudo e todos, nem quem criara o ser que criara o ser que criara tudo e todos, muito menos quem criara o ser que criara o ser que criara o ser que criara tudo e todos, es-

perava que ninguém perguntasse). Iria ensiná-las o que era certo e o que era errado, iria julgar e condenar, realizaria os mais diversos rituais. Já podia se imaginar de capuz preto em uma sala com uma grande labareda de fogo, enquanto os ouvintes mantinham-se ajoelhados de olhos fechados escutando o seu sermão.

Na verdade, nada daquilo lhe parecia muito atraente, não queria fazer sermões de capuz preto em uma sala com uma grande labareda de fogo, não queria ouvintes ajoelhados de olhos fechados, não queria criar rituais para serem seguidos por milênios sem fim. Não desejava segurar aquele horrível cajado de madeira. E como aquelas duas placas de pedra pesavam em suas mãos... Não, não desejava esse poder, queria apenas ter novamente a liberdade que sempre tivera. Seria um exagero dizer que era, digamos, feliz, mas estava relativamente satisfeito com sua vida, e talvez, quem sabe, relativamente satisfeito já seja o máximo que alguém possa estar com sua vida. Ser um homem normal, trabalhar, casar, ter filhos e viver morrendo de medo da morte. Que maravilha que era viver morrendo de medo da morte.

Deu as costas e foi andando vagarosamente para o elevador. Sentiu-se zozzo pela quinta vez.

– Volte aqui, seu mortal insolente! Volte aqui seu animal estúpido! Eu sou Sued! Sou o caminho do meio que leva ao infinito da sabedoria sem fim do eterno início! É Sued quem lhe ordena, o absoluto da eternidade que vai além do nada mais nada do mundo.

Apertou o botão de descer, que por alguma mágica iluminou-se de vermelho. Escutou o barulho do elevador se aproximando, forçado a subir, com todo o seu peso, graças a um sistema de roldanas e um contrapeso, além das engrenagens, os dentes de metal que giravam e se encaixavam, giravam e se encaixavam, transformando energia elétrica em energia mecânica. Que milagre! Que milagre!..

– Volte mortal! Comigo você terá poder, mulheres e dinheiro! Comigo você realizará todos os seus sonhos, satisfará todos os seus desejos. Sou o caminho, a verdade e a vida. Peça e eu lhe darei. Eu sou Sued! Sou o eterno infinito do sempre agora!

A porta do elevador abriu. Ele entrou. Apertou o botão do térreo, que por alguma mágica iluminou-se de vermelho. As chamas estavam gigantescas e agora brilhavam em um vermelho forte, vivo, poderoso, mortal. Percebeu que dessa vez a pilha de papéis, o computador e o telefone queimavam.

– Volte e curve-se diante de mim! É uma ordem! Eu sou Sued! Sou a vida, a verdade e o caminho! Sou o princípio do fim da eternidade infinita! Sou o nada eterno do sempre, o meio do nunca, sou tudo do absoluto eterno do jamais do fundo perfeito da vida. Sou o infinito da eternidade inacabada, o meio do fim do começo do início do nada eterno do sentido absoluto da eternidade inalcançável do fim infinito do agora último da existência inacabada inatingível impen-sável e impossível de todas as possibilidades da vida eterna e absoluta no meio do fim do vazio do nada no meio do fim do vazio de tudo e de todos no meio do vazio do que é e do que está antes agora e sempre na vida infinita e completa do

fim na morte eterna do cair da eternidade do meio do abismo profundo e infinito da vida eterna e finita que se enlaça e se lança pela eternidade inalcançável e inimaginável inatingível de uma mortalidade efêmera e infinita no fim da noite do nada eterno...

A porta do elevador fechou. Descia em direção ao térreo, graças às engrenagens de metal que giravam e se encaixavam, giravam e se encaixavam, mantendo seu eterno movimento circular, puxando o contrapeso, vencendo a gravidade. Que milagre! Que milagre!.. Ainda podia escutar os gritos vindos do andar de cima, mas os sons iam sumindo e sumindo à medida que descia, até que não podia escutá-los mais.

Não se sentiu zozzo pela sexta vez. Sentia-se bem, forte e confiante. Saiu do prédio. Havia pessoas novamente na rua. Olhou de relance para a janela, mas não conseguiu ver a grande labareda de fogo, provavelmente já havia se apagado. Suspirou, aliviado, sorriu e voltou para casa, voltou para aquela vida que lhe deixava relativamente satisfeito, quase uma felicidade. Assim, novamente a humanidade não conseguiu descobrir a religião.

Mas farão uma nova tentativa.

Amor

Suor. A janela fechada no quarto semi-escuro com todos os sons internos do interior do interior. Suor. A janela fechada, da casa fechada, na rua sem nome da casa que não possui telhado. Suor. A janela fechada da rua sem nome da cidade que jamais foi visitada. Suor. Sêmen. Janela. Fechada da rua sem nome. Donzela onde vais tem pena de mim. Não corras na areia, não corras assim.

Eu sou quem eu sou no mundo de quem fui. Eu fui quem sou no mundo de quem era. A janela fechada do quarto semi-aberto do fim do mundo do início do universo do nada. Suor. Sêmen. Janela aberta no meio da noite para mostrar o interior do interior do nada ao exterior do vazio absoluto que preenche todo o universo do nada mais nada do mundo. Suor. A janela fechada, o quarto aberto, o escuro que clareia o claro de um mundo colorido sem cor, o escuro do claro do meio que inicia no começo do nada. Nas águas do mar nas vagas sonhando não durmas assim.

Água-viva. Água-morta. Água. Vi-va. Viva a água morta. Viva a morte da água viva. Viva a vida da água morta. Deus abençoe a Clarice. Clarice, sorriso lindo na escuridão do nada. Laços do fim, relacionamentos que iniciam e terminam no nada absoluto, encontros do acaso que geram bebês. Viva os filhos da água viva. Viva as pinturas de escritura, viva as duras escrituras pintadas por palavras jogadas ao vento na tela de papel branco. Antes de mais nada, a escritura, o jogo, a beleza do instante que se revela nas loucas palavras que se enfileiram no papel por algum motivo inexplicável inalcançável insuperável, se enfileiram movidas pelo desejo, pelo amor, palavras que gritam de erotismo palavras que gritam por prazer por luxúria por paixão por amor por sexo por indefinição enquanto as mãos que as escrevem tremem, perdidas e abismadas diante do seu fluxo louco e sublime. Donzela onde vais tem pena de mim!.. Nas águas da areia não durmas assim.

Sonhos. Suor. Sêmen. A casa sem vida do telhado escuro sem rosto sem nome sem idade sem sexo. A vida eterna da morte absoluta do nada sem fim que preenche tudo de toda a existência absoluta que inconstitucionalissimamente faz com que o otorrinolaringologista se perca no paralelepípedo. Palavras grandes de nada, palavrões que não dizem nada para lugar algum e não levam ao nada, como todas as palavras como toda a comunicação como toda essa tentativa louca e viril e estéril de dizer algo a alguém que não quer ouvir com seus ouvidos presos no vazio de sua própria mente louca e vazia e cheia para que comunicar para que falar ou dizer por que essa louca tentativa de escrever por que essa louca tentativa de dizer algo a alguém que não quer ouvir com seus ouvidos presos no vazio de sua própria mente louca e vazia e cheia minha terra tem palmeiras onde canta o sabiá eu não sei mais quem sou não sei mais quem somos não sei mais para que serve toda essa loucura que preenche todo um espaço que não me leva a nada e apenas flutuo e flutuo e flutuo e flutuo procurando a luz que fica em algum ponto de algum lugar entre o ponto e a linha a reta e o quadrado ma-

temática louca formas que jamais existirão puras abstrações eu não preciso do ponto eu não preciso da vírgula eu não preciso da exclamação eu apenas preciso exclamar a interrogação do ponto que preenche a vírgula do meu eu morte ao signos e sinais que apenas significam e sinalizam os signos e sinais de algo que não se pode encontrar em nenhum lugar da escuridão do ponto vazio da reta que não existe no fundo do poço que jamais existiu eu não preciso do ponto eu não preciso da vírgula eu não preciso da exclamação eu apenas preciso cair no vazio absoluto que jamais existiu e que sempre esteve presente na minha existência morta

Suor. Sonhos. As aves que aqui gorjeiam, não gorjeiam como lá. A janela fechada. A porta de uma parede sem porta. Sêmen. Suor. Não gorjeiam como lá. Por que escrever? Suma sempre enquanto se é o que há de existir. Não morras assim. Água-morta que explode no fundo do peito e transforma o que não é no que jamais será. Não corras donzela não fujas assim. ACABOU O TEMPO!!!!!! ACABOU O TEMPO!!!!!!!!!!!!!!!!!!!! NÃO HÁ MAIS SOLUÇÃO PARA O VAZIO ABSOLUTO DO NADA!!!! É O FIM DA EXISTÊNCIA ABSOLUTA DESSE SER QUE BEBE O LEITE VIRIL DA MÃE MORTA. ACABOU O TEMPO E EU SINTO O METAL vibrando no vazio da existência eterna. As Aves não gorjeiam como Lá. ACABOU o tempo, mas antes de mais Nada a InTuRa. antes de mais nada, dura escritura

Suor. Sêmen. A janela fechada. O fundo do peito do vazio do ser. A reta que leva ao ponto que nada significa. O triângulo abstrato que não existe mas que faz parte de tudo o que existe nesse universo irreal. A porta ao pé de uma parede sem porta de uma tabacaria. Digo palavras sem sentido? Digo o que não pode ser dito? Digo o que não diz nada? Quero apenas dizer tudo, quero apenas atingir o eterno absoluto da palavra infinita do nada. Deus abençoe Clarice. Eu não sou nada. Não posso querer ser nada. Apenas a sombra de gigantes, apenas a gota do oceano, apenas o admirador da arte eterna que jamais conseguirei atingir. O livro por vir. Água-viva. Vida e morte. Amor e ódio. Sêmen e suor.

Escuto o silencioso vazio de meu peito e percebo a completa ausência de minha identidade literária. Quem sou nesse quarto semi-aberto do fim do mundo do início do universo do nada? Sou a janela aberta no meio da noite para mostrar o interior do nada ao exterior do vazio absoluto que preenche todo o universo do nada mais nada do mundo? Sou Finnegan caindo eternamente em um grande poço de nada? Sou Leopold Bloom procurando meu rumo na cidade perdida do nada? Sou Stephen Dedalus tentando ser quem sou em meio ao mundo que é o que não é ao mesmo tempo que não é o que é? Sou os diversos habitantes da cidade perdida do nada que anseiam por algo que não sabem o que é e jamais terão? Sou o ser perdido nos espaços infinitos de minha memória ao mergulhar um bolinho em uma xícara de chá? Sou a porta de uma parede sem porta? Sou a água-viva do tempo e do espaço tecendo longas escrituras ao livro infinito por vir do nada? Deus abençoe a Clarice. Suor. Sêmen. Não sou nada, nunca serei nada, não posso querer ser nada, mas tenho em mim todos os sonhos do mundo. Deus abençoe Pessoa. Suor. Sêmen. Suor. Por que escrever?

Quem eu sou? O que eu quero nesse vasto mundo? Não sou Raimundo e muito menos uma rima. Quero ser o leite da mãe eterna, quero ser o sêmen do infinito, do eterno gozo literário. Quero a eterna aula de Barthes, quero fazer parte do eterno jogo do gozo do prazer do nada. Quero ser tudo. Quero ser nada. Quero ser o que não sou. Mundo, mundo, vasto mundo. Suor. Sonhos. Sêmen. As aves que aqui gorjeiam, não gorjeiam como lá. Quero o gigante Saramago no fluxo eterno de consciência gerada pela explosão de um novo universo a cada página que é escriturada. Quero beber o leite da mãe eterna, quero ser o leite da mãe eterna, quero nascer e renascer eternamente no útero da mãe eterna, em um ciclo de renascimento incessável que não é o sofrimento infinito, mas a própria luz de ser nada. Suor. Sêmen. Não fujas donzela, tem pena de mim!

Por que escrever? Renasço e gero vida infinitamente nesse quarto escuro e sem telhado na explosão do gozo literário no prazer infinito do ser corpo ser mente ser alma ser tudo ser nada ser a porta de uma parede sem porta explosão de gozo absoluto masturbação que leva ao mais perfeito orgasmo parto de morte da vida estéril leite quente da manhã que me abre os olhos para a vida eterna que está além do alcance de todos nós gozo infinito da palavra signo erótico luxúria absoluta palavras eternas que movem o corpo e a alma para o caminho da vida absoluta as aves que aqui gorjeiam não gorjeiam como lá me perco no abismo do prazer infinito da palavra gozo que me faz esquecer quem sou gozo que me faz perder quem é prazer que me joga na viril morfologia do nada e anseio por ar e anseio por vida e anseio pelo suor e pelo sêmen desse quarto escuro e sem telhado encontro o óvulo que sempre reproduz o que imita o nada suor sêmen sêmen suor suor sêmen sêmen sêmen suor suor suor sêmen sêmen sêmen sêmen sonhos não corras assim donzela onde vais tem pena de mim

A morte eterna que gera a vida absoluta sem rosto. Suor. Sêmen. A vida ínfima que gera a morte absoluta com todos os rostos do mundo. Não morras donzela espera por mim! Os olhos fechados na noite escura. O estômago aberto em um claro dia de verão. A mosca morta. Não morras donzela espera por mim! A falta de senso completa e absoluta que leva ao mais perfeito nirvana. Sêmen. Suor. A mais perfeita forma na indefinição do nada. O mais perfeito nada na indefinição da forma. Sêmen. Suor. Sonhos. Não morras donzela espera por mim! A busca da mais perfeita estética que leva a um grande salto no abismo escuro tiro louco ao infinito aleatórias palavras que nada dizem enquanto se busca o inalcançável o sonho louco e impossível de se escrever algo realmente belo. O livro por vir. Suor. Sêmen. Nas águas do mar não durmas assim não morras donzela espera por mim! Me perco na orgia das palavras, que gritam por sexo e prazer, me perco no império dos signos, me perco nas escrituras que brotam de minhas mãos como água, me perco em tudo que faz com que me encontre. Me perco nesta própria ação de se perder, espiral louca e absoluta que me permite encontrar algo do que realmente sou. Sêmen. Suor. Sonhos. Minha terra tem palmeiras onde canta o sabiá. Seno áh cosseno bê, seno bê, cosseno áh.

Suor. Sêmen. Sonhos. Quem eu sou?

Tempo

onde estava. Era escuro e escutava constantemente aquele barulho repetitivo e monótono: tic tac tic tac tic tac tic tac... Sentia medo. Sabia que podia ser devorado a qualquer instante. Talvez estivesse dormindo e tudo não passasse de um pesadelo. Talvez. Ou talvez realmente estivesse preso ali, entre dois tempos. Perdido entre o segundo que já passou e o instante que ficou por chegar. Talvez.

Caiu. A grama era negra e fofa, mas a terra era dura e vermelha. Percebeu que estava em outro lugar. Levantou-se com dificuldade. Olhou surpreso para o grande relógio dourado em sua frente, com ponteiros de diamante, que refletiam a luz da lua cheia com tanta força que feria os seus olhos. Aproximou-se, enquanto o som monótono e repetitivo se tornava cada vez mais alto: tic tac tic tac tic tac tic tac. Percebeu que havia uma frase escrita no relógio, as letras eram tão pequenas que não conseguira ver de longe. Mas agora que estava próximo, que poderia tocá-las se estendesse a mão, conseguiu lê-las com toda a clareza: “Decifra-me ou te devoro”. Sentiu medo.

– Quem tu és? – Perguntou o relógio, com uma voz grave e séria, que ecoava por todo o espaço, inclusive dentro de cada íntimo de seu ser.

Não respondeu. Quem ele é? Que pergunta mais esquisita! É claro que sabia quem ele é. Sabia, não sabia? Mas... Mas... Quem? Quem ele é? Suava.

– Quem tu és? – Perguntou novamente o relógio. Sentiu uma dor intensa surgindo em seu corpo, crescendo pelas suas vísceras, como se milhões de insetos estivessem devorando cada pedacinho de seu interior. A frase tornou-se maior e coloriu-se de vermelho. Percebeu que estava escrita com sangue: “Decifra-me ou te devoro”. A boca abriu-se involuntária, mas o grito não quis deixar a sua garganta.

– Quem tu és? – Perguntou o relógio, e ria, ria, ria, uma risada que ecoava por todo o seu corpo, que rasgava o seu interior, enquanto ele parecia definhando por dentro. Sabia que se não respondesse a pergunta do relógio iria morrer. Mas não conhecia a resposta. Não sabia quem é... É? É? Ou era?

– Eu sou... – a voz fraca e débil, quase como se não fosse sua. Quem ele é? Quem ele era? Ele é... Ele era... – Eu sou... Eu sou... Quem eu era...

Caiu. A grama era negra e fofa, mas a terra era dura e vermelha. Percebeu que estava em outro lugar. Levantou-se com dificuldade. Novamente viu um grande relógio dourado em sua frente, com ponteiros de diamante, que refletiam a luz da lua cheia com tanta força que feria os seus olhos. Aproximou-se, enquanto o som monótono e repetitivo se tornava cada vez mais alto: tic tac tic tac tic tac tic tac tic tac. Percebeu que havia uma frase escrita no relógio, as letras eram tão pequenas que não conseguira ver de longe. Mas agora que estava próximo, que poderia tocá-la se estendesse a mão, conseguiu lê-la com toda a clareza: “Decifra-me ou te devoro”. Sentiu medo.

– Quem tu eras? – Perguntou o relógio, com uma voz grave e séria, que parecia ecoar por todo o espaço, inclusive dentro de cada íntimo de seu ser.

Não respondeu. Sabia que tinha que achar uma resposta para sobreviver, para evitar aquela explosão de dor, os milhões de insetos que iriam devorar cada pedacinho de seu interior. Mas não conseguia. Quem ele era? Lembrou-se de toda a sua vida, sua infância, suas antigas namoradas, seus antigos empregos, sua família. Sentiu saudades de seus pais. Lembrou-se de tudo, tudo, tudo, mas ainda não sabia quem era.

– Quem tu eras? – Perguntou novamente o relógio. Voltou a sentir aquela dor intensa, mas agora parecia vir de seus pés e subir pelas suas pernas, atingia sua virilha, crescia pelas vísceras, tomava o pulmão, ardia a garganta, aqueles milhões de insetos malditos devorando-o por dentro, devorando-o devorando-o devorando-o. Quem ele era? quem ele é? Meu Deus, precisava de uma resposta, não queria ser devorado, mas quem? quem? quem?

– Quem tu eras? – Perguntou o relógio, e ria, ria, ria, uma risada que ecoava por todo o seu corpo, que rasgava o seu interior, enquanto ele parecia definhava por dentro. Sabia que se não respondesse a pergunta do relógio iria morrer. Mas não conhecia a resposta. Quem ele era? Quem?

– Eu era... – a voz fraca e débil. Ele sabia quem era, tinha que saber. Olhou para suas mãos, sujas de sangue e lama, antes de responder: – Eu era... Quem sou.

Caiu. A grama era negra e fofa, mas a terra era vermelha e dura. Estava com fome. Levantou-se com dificuldade, em sua frente um grande relógio de diamantes, com ponteiros dourados. Aproximou-se, enquanto o som monótono e repetitivo se tornava cada vez mais alto: tic tac tic tac tic tac tic tac tic tac. Viu novamente aquela frase, que deixava-o gelado de pânico: “Decifra-me ou te devoro”. Sabia que seria devorado. Não havia outra opção.

– Quem tu serás? – Perguntou o relógio, com uma voz grave e séria, que ecoava por todo o espaço, inclusive dentro de cada íntimo de seu ser.

Não respondeu. Seria devorado. Sabia que seria devorado. Não havia opção. Jamais conseguiria responder uma pergunta dessas. Quem ele será? Quem? Sentiu saudades de seus pais.

– Quem tu serás? – Perguntou o relógio. A dor intensa, novamente, que parecia surgir de todos os lugares, crescer para todos os lugares, como se todo o seu interior estivesse em chamas, enquanto milhões de pequenos monstros devoravam suas entranhas. Quem ele será? Quem ele será? Seria devorado, não sabia o que fazer, não sabia o que responder, estava perdido, perdido, perdido.

– Quem tu serás? – Perguntou o relógio, e ria, ria, ria, uma risada que ecoava por todo o seu corpo, que rasgava seu interior, enquanto definhava por dentro. Sabia que iria morrer.

– Eu serei... – novamente a voz débil e fraca. Olhou para suas mãos, sujas de lama e sangue, antes de responder: – Eu serei... Quem eu sou. Eu serei... Quem eu era.

O relógio riu. Uma risada maléfica e estrondosa, enquanto nuvens negras de tempestade se juntavam no céu e relâmpagos atingiam a terra com toda a sua fú-

ria. Sabia que iria morrer. Demônios apareceram em volta do relógio, com dentes negros e olhos vermelhos. Seria devorado. Sentiu saudade de seus pais.

Tudo estava escuro e escutava constantemente aquele barulho repetitivo e monótono do relógio: tic tac tic tac tic tac tic tac... Talvez estivesse dormindo, e tudo não passasse de um pesadelo. Talvez. Ou talvez realmente estivesse preso ali, entre dois tempos. Perdido entre o segundo que já passou e o instante que ficou por chegar. Talvez.

Avançava na escuridão, mantendo os braços estendidos diante do corpo tentando tatear enquanto se movimentava lentamente. Estava nervoso. Estava com fome. Não sabia se ia pelo caminho correto, principalmente porque não sabia para onde queria, nem para onde devia ir. Algo doía em seu corpo, como se um verme caminhasse por suas entranhas. Sentia-se zozno, precisava apoiar em uma parede, mas por todos os lados via, e percebia com as mãos, apenas aquela escuridão eterna. Sentia medo de ser devorado, mas não se lembrava muito bem por quê. Estava preso entre dois tempos, perdido entre o segundo que já passou e o instante que ficou por chegar.

Caiu. A terra era dura, mas a grama não era negra e fofa. Em sua frente não havia um relógio, apenas aquele vasto campo gramado, dando-lhe um gosto de infinito nos olhos. A grama era vermelha. Por um instante pensou que fossem gotas de sangue, mas não, era grama. A grama sangrava. Olhou para as mãos, sujas de sangue e lama, olhou para seus pés, sujos de sangue e lama, seu corpo inteiro ardia. Começou a caminhar lentamente pelo vasto campo gramado, estava escuro e cada passo doía como se estivesse andando sobre facas. Mas colocava um pé e depois o outro, um pé e depois o outro, por aquele campo de gramas que sangravam. Caminhava com dificuldade, seus pés se arrastavam, sua roupa era um farrapo, suja e rasgada, seu cabelo estava sujo, a barba por fazer, as unhas grandes e sujas, os dentes doíam, cariados. Mas avançava por aquele campo gramado, um pé e depois o outro, um pé e depois o outro, tic, tac, tic, tac, tic, tac. Estava sozinho. Sentia-se só. Apenas um vazio absoluto, que começava em lugar nenhum e não ia para um lugar qualquer. Sentia fome, sentia sede. Sentia saudade de seus pais.

Tudo estava escuro e escutava constantemente aquele barulho repetitivo e monótono do relógio: tic tac tic tac tic tac tic tac... Talvez estivesse dormindo, e tudo não passasse de um pesadelo. Talvez. Ou talvez realmente estivesse preso ali, entre dois tempos. Perdido entre o segundo que já passou e o instante que ficou por chegar. Talvez.

Caiu. A grama era vermelha. Doía arrastar os pés, como se elas aproveitassem a oportunidade para fincar seus afiados e venenosos espinhos. Em sua frente aquele grande relógio de prata, com ponteiros de uma substância negra que não conseguia identificar. Soprava um vento frio, que congelava cada íntimo de seu interior. Atrás do relógio havia um grande muro de pedra, com sete portas altas de madeira. Em cada uma estava pendurado um símbolo, mas não conseguia ver direito naquela distância.

– Aproxime-se! – Mandou o relógio, com uma voz forte e imperativa.

Ele aproximou-se. Respirava com dificuldade, sentia que podia morrer a qualquer momento. Próximo ao relógio, finalmente conseguiu enxergar os símbolos: em cada porta havia uma ampulheta colada sobre a madeira, em estágios diferentes da passagem do tempo. Olhava fascinado para a areia escorrendo em cada uma, tinha a impressão de que, apesar delas serem rigorosamente idênticas, em algumas a areia escorria mais rápido do que em outras. E agora? Qual porta escolheria? Para onde aquilo iria levá-lo?

Colocou a mão sobre a maçaneta da antepenúltima porta. Sentiu um pequeno choque elétrico, afastou a mão rapidamente. Percebeu que uma matilha de cachorros o observava. Eram todos negros. Um vento frio soprou novamente, fazendo-o sentir frio por dentro.

– Quem tu eras? Quem tu és? Quem tu serás? Responda! – Perguntou o relógio, a voz forte e imperativa. Por um momento pensou que a voz vinha da matilha de cachorros, ameaçando-o em uníssono. Ele sentiu medo. Sabia que podia morrer a qualquer momento.

Colocou a mão sobre a maçaneta da antepenúltima porta. Abriu-a. A matilha estava agora a poucos centímetros de seu corpo, todos os cachorros o olhavam com olhos atentos e abertos, como se não precisassem piscar. Do outro lado havia um grande abismo, preenchido por um vórtex de areia e vento, que fazia um barulho ensurdecedor. Olhou para a ampulheta de sua porta: apesar de ter escolhido a com menor quantidade de areia na âmbula inferior, agora podia ver os últimos grãos escorrendo da superior, caindo sobre aquela âmbula cheia e gasta e velha, marcando o fim de seu tempo. Para sempre. Iria morrer a qualquer momento. Sentiu saudade de seus pais.

– Responda! Quem tu serás? Quem tu és? Quem tu eras? – Perguntou o relógio, a voz forte e imperativa.

Pulou no vórtex, para escapar da pergunta. Os cachorros uivaram para sua alma. Girava e caía e girava e caía via em seus olhos todos aqueles instantes de sua vida tão curta todos os momentos de felicidade e de tristeza as conquistas as derrotas as angústias as ansiedades os medos e os sonhos via seus amigos via suas mulheres via os filhos que não pudera ter via sua mãe ajudando-o a dar os primeiros passos ensinando-o a rezar seu pai segurando a sua primeira bicicleta enquanto ele dava pedaladas vacilantes todo aquele afeto todo aquele afeto perdido todo aquele afeto perdido e caía e girava e caía e girava por que os afetos se perdiam por que as amizades terminavam por que as mulheres iam embora por que os filhos não nasceram por que **ALGUMAS PESSOAS TINHAM QUE MORRER??? POR QUE O TEMPO TINHA QUE PASSAR??? POR QUÊ???**

Caiu. Chorava. Por que algumas pessoas tinham que morrer? Por que o tempo tinha que passar? A terra era dura, a grama era dura, o céu era feio e sem estrelas. Em sua frente um grande relógio velho, de madeira podre, os ponteiros simples e rotos. Continuou prostrado no chão, não queria se levantar. Estava

cheio daqueles malditos relógios, estava cheio da vida, estava cheio do tempo. Por que algumas pessoas tinham que morrer?.. Queria o passado de volta, queria aquela época em que era... em que era... em que era o quê? feliz?

O relógio ria. Já não precisava perguntar mais nada. Como aquele som feria seus ouvidos, como se fossem fortes badaladas. Sangue escorria por seus ouvidos e por seu nariz e por sua boca, sabia que iria morrer a qualquer momento. A qualquer momento. Lágrimas de ácido desciam queimando pela sua face. O relógio ria. Já não precisava perguntar mais nada.

– Responda!

– Eu... eu... eu... não... não... sei... – a voz fraca e débil. Iria morrer.

Caiu. A terra era dura, a grama verde e fofa. Caiu. A terra era dura, a grama dura e vermelha. Suas mãos estavam empapadas de sangue. Em sua frente uma mulher nua, os cabelos talvez loiros, talvez castanhos, talvez ruivos, eram jogados para o lado com fúria pelo vento. Um vento que não sentia, mas que gelava cada parte de seu interior. Ela o olhava fixamente com seus olhos talvez verdes talvez azuis talvez castanhos. Dizia lentamente, a voz doce e suave, que mais parecia uma música:

– Tic tac tic tac tic tac tic tac tic tac tic tac tic tac tic tac tic tac tic tac tic tac...

Sentia seu coração batendo no mesmo ritmo daquelas palavras. Queria aproximar-se, mas não conseguia, como se houvesse algo invisível segurando-o, redes que não o deixavam se movimentar. Lembrou-se dos afetos perdidos, os filhos que não nasceram, as mulheres que foram embora. Enquanto aquela linda mulher nua continuava a falar lentamente, com a voz doce e suave, que mais parecia uma música:

– Tic tac tic tac tic tac tic tac tic tac tic tac tic tac tic tac tic tac tic tac tic tac...

Tinha que se aproximar! Tinha que chegar perto daquela mulher e recuperar todo o afeto perdido. Corria, corria e corria, mas não saía do lugar, pisava na mesma grama negra, na mesma grama vermelha, na mesma terra dura. Corria e corria, desesperado, enquanto escutava apenas a voz suave, repetindo constantemente tic tac tic tac tic tac tic tac tic tac tic tac tic tac tic tac e ele não saindo do lugar, não saindo do lugar, a linda mulher com cabelos talvez loiros talvez castanhos talvez ruivos e olhos profundos talvez verdes talvez azuis talvez castanhos olhando-o no mesmo lugar e repetindo com aquela mesma voz doce e suave tic tac tic tac tic tac tic tac tic tac tic tac...

Caiu. Tudo estava escuro. Mantinha os braços estendidos diante do corpo para evitar trombar em alguma coisa. Não sabia se ia pelo caminho correto, principalmente porque não sabia para onde deveria ir. Um verme caminhava por suas entranhas, devorando pouco a pouco cada pedaço de seu corpo. Sentia-se zozzo, precisava apoiar em alguma coisa, mas não percebia nada com as mãos. Ainda escutava a voz da mulher, não sabia se vinha do mundo exterior ou se eram apenas as suas próprias memórias. Tantos afetos perdidos, e ele mal sabia

quem era... Mal sabia quem é... Mal sabia quem será... Tudo estava escuro e cada passo doía, como se caminhasse sobre facas. Escutou o som de gotas pingando, mas não conseguia identificar de qual direção. Sentia sede. Sentia fome. Sentia saudade de seus pais.

Percebeu algo frio em suas mãos. Eram pedras, uma parede de pedras frias. Respirou aliviado, algo existia! As luzes se acenderam, queimando seus olhos. Estava em uma sala tão gigantesca que não conseguia enxergar as outras paredes. Apenas aquela vasta imensidão, um chão de pedras frias a se estender sem fim. Milhares de demônios habitavam a sala, segurando pedaços de corpos humanos entre seus dentes. O chão estava repleto de sangue. Não queria ser devorado.

Olhou desesperado para a parede em sua frente. Havia sete portas altas de madeira, cada uma com uma ampulheta. Ouvia os passos dos demônios se aproximando, as unhas pontiagudas se arrastando no chão. Eles estavam com fome. Eles estavam com sede. A areia escorria em cada ampulheta para a âmbula inferior, cada uma com uma velocidade diferente. Não havia mais tempo. Escolheu a porta mais próxima, abriu-a.

Viu a si mesmo de boca aberta, e um caminho de pedras amarelas que o levaria para dentro de seu próprio interior. Os demônios se aproximavam, podia quase senti-los rasgando suas costas com suas garras afiadas e sujas de sangue seco. Entrou pela passagem. Fechou a porta. Seguiu o caminho amarelo, enquanto lembrava-se constantemente daquela voz doce e suave dizendo tic tac tic tac tic tac tic tac tic tac... Por que não pudera ter filhos? Tinha certeza de que aprenderia a amá-los. Tinha certeza. Por que os afetos se perdiam? Por que algumas pessoas tinham que morrer? Por que o tempo tinha que passar? Sentia saudade de seus pais.

Seguiu o caminho amarelo, deixando marcas de sangue por onde passava. Arrastava-se, cada passo doía, seu corpo inteiro queimava, por dentro e por fora. A passagem para dentro de si mesmo era difícil e dolorosa. Talvez por que não sabia quem é, nem que era, nem quem será. Caiu no caminho dos tijolos amarelos, mas não conseguiu se levantar novamente. Seu corpo inteiro ardia. Arrastava-se, deixando aquela trilha horrível de sangue no chão, arrastar seu corpo de farrapos para dentro de si mesmo, como era doloroso. Começou a chover. As gotas eram vermelhas e ácidas, corroendo onde tocavam seu corpo. Não queria morrer. Não queria ser devorado. Finalmente, entrou por dentro de sua própria boca, por dentro de seu próprio corpo, onde não mais chovia. Finalmente.

Tudo estava escuro. Mantinha os braços retos diante do corpo para evitar trombar em alguma coisa. Não sabia se ia pelo caminho correto, principalmente porque não sabia para onde queria ir. A sala estava cheia de demônios, podia escutá-los grunhindo, podia escutá-los mastigando. Sabia que o chão por onde pisava estava sujo de sangue seco, sangue humano. “Decifra-me ou te devoro”. Não queria ser devorado. Mas não seria capaz de decifrar nada. Rezava para que nenhum demônio o percebesse caminhando lentamente pela escuridão, tateando o espaço com os seus pobres braços eretos. Rezava para que nenhum demô-

nio cheirasse aquele sangue vermelho e vivo que escorria de seu corpo por todas as suas feridas. Como poderia escapar? Como escapar daquele instante, entre o segundo que já passou e o que ficou por chegar? Encostou em um demônio. Sentiu em sua mão direita aquele corpo gélido e mole e morto. Seu coração parou. Iria morrer. Iria ser devorado. O demônio começou a mastigar vagarosamente os dedos de sua mão direita

Caiu. A terra era dura e vermelha, a grama verde e fofa. Suas mãos estavam empapadas de sangue. Em sua frente uma mulher nua, os cabelos talvez loiros, talvez castanhos, talvez ruivos, eram jogados para o lado com fúria pelo vento. Um vento que também sentia, que também brincava com seus cabelos curtos. Ela o olhava fixamente com seus olhos talvez verdes talvez azuis talvez castanhos. Dizia, com uma voz doce e suave, que mais parecia uma música:

– Tic tac tic tac tic tac tic tac tic tac tic tac tic tac tic tac tic tac tic tac...
tic...

Aproximou-se. Viu aquele corpo lindo cada vez mais próximo, admirava-o mais a cada instante. Uma felicidade intensa dominou-o, seu corpo inteiro tremia. Finalmente iria recuperar todo o afeto perdido. Finalmente. Como era linda e sensual aquela mulher de cabelos talvez loiros, talvez castanhos, talvez ruivos, com seus profundos olhos talvez verdes talvez azuis talvez castanhos talvez vermelhos talvez cinzas. Todo o afeto perdido, todo o afeto. Tantas lágrimas derramadas, tantas brigas mudas, tantos filhos que jamais chegara a ter. Beijou-a. Acariciou seus cabelos macios. Mas ainda não conseguia saber qual era a cor de seus olhos, qual era a cor de seus cabelos. Ainda escutava, com mais intensidade do que nunca, aquela voz suave e sensual dizendo tic tac tic tac tic tac tic tac tic tac tic tac tic tac tic tac tic tac tic tac... Tantos afetos perdidos. Por que os filhos tinham que não nascer? Por que as pessoas tinham que morrer? Por que o tempo tinha que passar? Sentia saudade de seus pais.

A sala era escura e estava cheia de demônios. Não tinha entrado para dentro de si mesmo? Então o que é que ainda estava fazendo ali? Por que não havia conseguido escapar? Onde estava afinal? Por que tinha que percorrer aqueles labirintos escuros, recebendo enigmas que jamais seria capaz de decifrar? Por que tinha que descobrir quem era, quem é e quem será? Por que as pessoas tinham que morrer? Por que seus filhos jamais nasceram? Por que havia todos aqueles demônios, por que aquela sala escura, se havia entrado para dentro de si mesmo? Não deveria estar seguro? Não era seguro dentro de si mesmo?

Um grande relógio podre em sua frente, os ponteiros tortos e velhos. Demônios estavam sentados em quase toda a sua extensão, olhando-o fixamente com o queixo apoiado na mão direita. Atrás novamente aquelas sete portas, mas agora eram todas vermelhas, sujas de sangue. Nas ampulhetas, ao invés de areia, escorria sangue pelas âmbulas, marcando a passagem final de todo o tempo. Ainda escutava a voz suave e sensual repetindo tic tac tic tac tic tac...

– Tu não és quem eras, tu não és quem serás, tu não és quem tu és! – Disse o relógio, com a voz grave e séria, que ecoava dentro de cada íntimo de seu ser.

Ficou pasmo diante da afirmação, que o atingia como uma faca. A resposta do enigma!.. Um demônio começou a devorar os dedos de sua mão direita, enquanto outro comia os seus pés. Gritou de dor, de pânico, de pavor. Mas o relógio continuou, com a voz grave e séria, calma e paciente como o tempo:

– Tu não eras quem és, tu não eras quem serás, tu não eras quem eras.

Seu corpo todo doía, ardia em chamas. Tremia em uma série de convulsões. Parecia explodir por dentro, enquanto era engolido pelos demônios do lado de fora. Não havia entrado para dentro de si mesmo? Por que aqueles demônios, afinal? Por quê? Por que aquela dor? Tic tac tic tac tic tac... E o relógio continuava a falar, com uma voz calma e paciente como o tempo, que não sabia se vinha por seus ouvidos, ou se estava presente em seu próprio interior:

– Tu não serás quem tu eras, tu não serás quem tu és, tu não serás quem tu serás.

Como as afirmações doíam. A resposta do enigma!.. Podia ver em seus olhos as chamas que o devoravam por dentro. Sentia em seu interior os dentes ácidos dos demônios que o mordiam do lado de fora. Tremia, tremia de corpo e alma, tremia naquele instante entre o segundo que já passou e o momento que ficou por chegar. Tremia enquanto perdia a si mesmo na cruel angústia do tempo. Estava sendo devorado, iria morrer. As ampulhetas com o líquido vermelho, que lentamente passava de uma âmbula para outra, para nunca mais retornar. O tempo. O tempo que forma e desforma, que ergue e derruba, que pari e mata. O tempo, nossa mãe e nosso carrasco. O tempo que nos faz carne, que nos faz sangue, que nos faz pulmão. O tempo que nos faz humanos, que nos faz animais. Nascer, crescer, reproduzir e morrer. Crescer para quê? Nascer para quê? Reproduzir para quê? Morrer, por quê? Por que tinha que morrer? Por que tinha que viver? O tempo. O tempo maldito. As ampulhetas não paravam de deixar aquele sangue grosso descer, aquele sangue vermelho como a vida, vermelho como a morte, a descer lentamente atrás do vidro, onde jamais poderia alcançar. Sentiu vontade de beber de seu próprio sangue. Sentiu vontade de comer a sua própria carne. O tempo. O tempo maldito.

Caiu. A sala era escura, mas não estava cheia de demônios. Havia apenas um demônio naquela sala, um demônio que não possuía rosto. Entrara para dentro de si mesmo, mas não conseguira se encontrar. Colocou as mãos para frente, para poder caminhar na escuridão. Andava lentamente, sentia vertigem, tudo parecia girar a cada tic, girar a cada tac, sempre aquele vórtex infinito, a longa espiral vermelha que não levava a lugar algum. Estava zozzo, mas de alguma forma parecia saber que tinha que andar, andar e andar. Andar até o infinito, andar até a morte. Nascer, crescer, reproduzir e morrer. Andar até a morte. Tantos afetos perdidos... Tantos filhos que jamais nasceram... Tanta saudade de um tempo que jamais existiu. Nascer para quê? Crescer para quê? Reproduzir para quê? Morrer, morrer por quê? Ele não sabia, ele não sabia nem

Sociedade

O sorriso podre de uma múmia morta.

Quem é você?

O sorriso podre

de uma múmia morta.

Tudo machuca. Tudo dói. Tudo te faz triste.

Tudo dói.

Tudo machuca.

Tudo te faz triste.

O sorriso podre de uma múmia morta.

Quem você é?

Pequenos movimentos em um quarto escuro.

Palavras soltas no ar.

O sorriso podre de uma múmia morta.

Tudo dói.

Tudo machuca.

Tudo te faz triste.

Você é especial? Você é alguém?

Você não sabe.

Ele é melhor do que você?

Ela é melhor do que você?

Você não sabe.

Medo.

Medo.

Ele não quer ser seu amigo?

Ela não quer ser seu amigo?

Você não sabe.

Você não sabe.

Você não sabe.

Medo.

Muito medo.

Muito medo mesmo.

Muito medo mesmo de verdade.

Você é especial? Você é alguém?

Ele é melhor do que você?

Ele quer ser seu amigo?

Ele gosta de você?

Você não sabe.

Ele quer ser seu amigo?

Ele te deseja?

Ele te adora?

Ele te ama?

Você não sabe.

Medo.

Muito medo.

Muito medo mesmo.

Muito medo mesmo de verdade.

Ela é melhor do que você?

Você é especial? Você é alguém?

Você não sabe.

Ela te deseja?

Ela te adora?

Ela te ama?

Você não sabe.

Quem é você?

você não sabe você não sabe você não sabe você não sabe você não sabe você não sabe
 sabe você não sabe você não sabe você não sabe você não sabe você não sabe você não sabe
 não sabe você não sabe você não sabe você não sabe você não sabe você não sabe
 você não sabe você não sabe você não sabe você não sabe você não sabe você não sabe
 sabe você não sabe você não sabe você não sabe você não sabe você não sabe você não sabe
 não sabe você não sabe você não sabe você não sabe você não sabe você não sabe
 você não sabe você não sabe você não sabe você não sabe você não sabe você não sabe
 sabe você não sabe você não sabe você não sabe você não sabe quem você é você
 não sabe quem você é você não sabe quem você é você e tudo explode em fúria o
 quarto escuro as paredes sujas de sangue as lembranças que se misturam com a
 realidade e a fantasia o que é real o que não é real o coração bate forte as mãos
 suadas a voz treme e falha você não sabe o que fazer você não sabe o que dizer
 você não sabe o que ouvir você não sabe o que falar você não sabe quais movi-
 mentos deveria fazer corpos rotos se arrastam em um jardim de rosas negras o
 quarto escuro as paredes sujas de sangue o sorriso podre da múmia morta a casa
 de tetos vazios no mar sem espelhos da morte ele não gosta de você ele deseja sua
 carne ela não gosta de você ela deseja sua carne ele é melhor do que você ela é
 melhor do que você todos estão te observando todos estão te julgando corpos
 rotos sujos de lama apontando seus dedos podres cada movimento é perigoso
 cada movimento é crucial cada movimento é fatal cada movimento pode
 destruir sua vida tudo dói tudo sempre dói tudo sempre doerá ele é mais especial
 do que você ela é mais especial do que você ele não te ama ela não te ama nin-
 guém te ama ninguém te quer ninguém te chama de meu bem ela deseja sua
 carne o angustiante som do silêncio silêncio as lembranças que se misturam com
 a realidade e a fantasia o que é real o que não é real você não sabe você não sabe
 você não sabe você não sabe você não sabe você não sabe quem você é você não
 sabe quem você é você ele não gosta de você ele não quer ser seu amigo ele quer

stante você não é nada você nunca será nada você não pode querer ser nada e você não tem em si todos os sonhos do mundo você tem medo você tem muito medo é tudo perigoso monstros e fantasmas em cada olho que por algum acidente resolve te olhar o sorriso podre da múmia morta em cada olho que por algum acidente resolve te olhar os corpos podres sujos de lama se arrastando no jardim de rosas negras em cada olho que por algum acidente resolve te olhar o quarto escuro com as paredes sujas de sangue em cada olho que por algum acidente resolve te olhar a casa de tetos vazios no mar sem espelhos da morte em cada olho que por algum acidente resolve te olhar você não é nada você não é ninguém você não é especial você não é nada você não pode querer ser nada você não pode ter todos os sonhos do mundo você não pode ter sonhos nenhum ninguém quer ser seu amigo ninguém gosta de você você não gosta de ninguém você não quer ser amigo de ninguém você é sujo você tem um segredo você é sujo você não é feliz você não merece ser feliz você jamais será feliz você é sujo. Você é sujo.

Quem é você?

Medo.

Ele quer ser seu amigo?

Ele gosta de você?

Você não sabe.

Ela quer ser seu amigo?

Ela gosta de você?

Você não sabe.

Ninguém fala com você.

Você é ignorado.

Medo.

Você é especial? Você é alguém? Você tem valor?

Você não sabe.

Pequenos movimentos em um quarto escuro.

Palavras soltas no ar.

Tudo dói.

Tudo te faz triste.

Você é sujo?

Você é sujo.

Você não sabe.

Cansado.

Cansado.

Cansado.

Medo.

Cansado.

Ninguém sabe o seu nome.

Qual é o seu nome?

Você não sabe.

Você não sabe quem você é.

Medo.

Solidão

Solidão.

Seu namorado se foi.

Solidão.

Você não tem valor.

Solidão.

medo a brisa gélida exalada pelo sorriso da múmia morta medo os vampiros silenciosos que bebem seu sangue e comem sua carne medo a casa de tetos vazios no mar sem espelhos da morte medo o silêncio medo do silêncio medo o jardim do nada onde os fantasmas arrastam suas correntes vazias medo o último uivo de um lobo solitário medo ela deseja sua carne

Dói.

Cansado.

Você não conhece mais seu pai.

Você não conhece mais seu namorado.

Solidão.

Dor.

Todos são estranhos.

Todos são estranhos.

Seu namorado se foi.

Seu melhor amigo se foi.

Seu pai se foi.

Solidão.

Medo.

Todos são estranhos.

Quem você é?

por que as pessoas machucam? por que as pessoas te deixam? por que as pessoas se foram e te abandonaram sozinho nesse quarto escuro as paredes sujas de sangue onde os fantasmas arrastam suas correntes sedentos por algo que você não sabe o quê? por que todos se foram? por que todos sempre se vão? por que sempre te abandonam? por que esse quarto escuro as paredes sujas de sangue esse quarto silencioso onde você pode quase escutar os movimentos de sua própria alma? por que você sempre tem que estar sozinho e as pessoas sem rosto e sem nome ferem e doem por que é tão difícil conversar por que seu corpo está preso nesse grande grude negro por que sua boca carrega pedras de espinhos por que as pessoas machucam tanto por que eles tem que te ignorar por que eles não se importam com os seus sentimentos por que eles tem que te deixar por fora da conversa triste e solitário por que é tão difícil por que as pessoas são tão insensíveis por que eles te machucam tanto por que eles são tão cruéis por que te jogaram nesse quarto escuro esse quarto escuro esse quarto escuro medo medo de tudo medo medo dos gatos sem nome que andam pela rua medo dos cachorros sem nome com seus dentes afiados medo dos pássaros sem nome que voam em rasante buscando o sangue de nossas cabeças medo dos homens sem rosto e sem nome que te julgam frio com o olhar os animais são cruéis as pessoas são cruéis os fantasmas são cruéis todos são cruéis e você está agora só nesse mundo só nesse quarto escuro só nesse ponto entre o segundo que já passou e o instante que ficou por chegar só nessa vida morta e parada e escura e silenciosa só com a múmia morta e seu sorriso podre sarcástico silêncio silêncio não há banda é tudo uma gravação só nesse mundo de pessoas sem nome só nesse mundo de pessoas sem rosto qual é o seu nome? qual é o seu rosto? você não sabe você não sabe todos são cruéis ninguém quer ser seu amigo você não tem valor seu rosto só existe no reflexo dos olhos dos outros todos machucam nesse mundo vermelho e cruel onde os fantasmas estão escondidos em cada sombra em cada esquina em cada momento prontos para dilacerar suas entranhas e quebrar seus ossos todos os gatos querem te unhar todos os cachorros querem te morder todos os pássaros querem te bicar todas as pessoas querem te ferir todos te julgam e apontam seus dedos podres a cada instante apontam seus dedos podres e riem de seus defeitos riem de suas falhas riem de sua inse-

gurança você está só nesse mundo de dedos podres as pessoas são todas cegas e cruéis cegas e cruéis e caminham sempre para a mútua destruição medo do amor o amor existe? todos se foram todos sempre se vão tudo passa tudo sempre passará nada do que foi será a vida é como uma onda de um mar negro e podre restam apenas as ervas mortas os dedos podres que apontam e julgam as doces memórias de um tempo que já se foi um tempo em que você achava que era feliz ninguém te ama ninguém te quer ninguém te chama de meu bem você está sozinho você tem medo de ficar só você tem medo de estar acompanhado você tem medo das pessoas as pessoas são cruéis e machucam as pessoas te ignoram as pessoas te odeiam você está só você odeia estar só você tem medo dos fantasmas os fantasmas aparecem quando você está só você não é ninguém você não tem rosto você não tem nome os cachorros sem nome com seus dentes afiados medo muito medo os gatos sem nome com suas unhas afiadas medo muito medo os pássaros sem nome com seus bicos afiados medo muito medo você quer ser amado você tem medo do amor você é sujo você quer ser feliz mas sempre essa tristeza presa no peito sempre essa insegurança sempre essa necessidade de provar que você é importante essa necessidade de provar que você é especial e todos te olham com desprezo todos apontam os dedos podres o quarto escuro e abafado os fantasmas que te rodeiam carregando suas correntes sujas de sangue e cantando antigas cantigas de ninar a fome que dilacera suas entranhas fome de quê? sede de quê? a gente não quer só comida a gente quer comida diversão e arte medo fome medo fome medo de quê? fome de quê? você realmente quer diversão e arte? o que você quer? de que você precisa? o que te alimenta, qual é sua comida? quem você é? os gemidos embaixo da cama os animais selvagens presos no armário o sangue congelado em suas veias os dedos podres tocando os seus cabelos o sorriso podre de uma múmia morta

Você tem fome de quê?

você está em uma casa de espelhos os reflexos que se refletem confundindo sua mente e suas memórias você não sabe se é gordo ou magro se é alto ou baixo se é

um anjo ou um demônio os reflexos se multiplicam e se dilaceram quebram como cacos de vidro cortam sua carne você bebe de seu próprio sangue você tem sede você tem sede de quê? você bebe seu próprio sangue você deseja sua carne você só existe no reflexo do olhar dos outros o olhar dos outros essa multitude de espelhos onde você é gordo magro alto baixo anjo demônio milhões de imagens milhões de reflexos que se multiplicam e se dilaceram quebram como cacos de vidro cortam sua carne e sua alma você bebe de seu próprio sangue mas não satisfaz a sua sede não satisfaz a sua angústia a sua angústia a sua angústia não satisfaz a sua fome você quer mudar você quer sair do quarto escuro você quer sair da casa de espelhos você quer espantar todos os fantasmas você quer sair do grude negro você quer arrancar as minhocas mortas que costumam sua boca você quer escapar do sorriso podre da múmia morta mas você tem medo mas você tem sono mas você tem preguiça há uma certa satisfação em não fazer nada você quer deitar no quarto escuro e dormir embalado pela antiga canção de ninar dos fantasmas você quer encostar em um reflexo e adormecer na casa de espelhos em uma distorcida e eterna imagem você quer deitar-se no colo da múmia morta você quer adormecer no jardim de rosas negras rodeado pelos corpos sujos de lama você quer dormir na casa de tetos vazios no mar sem espelhos da morte você tem sono você precisa dormir você é fraco demais para mudar você tem vergonha o que os outros vão pensar se eu mudar? todos já conhecem esse seu ser patético todos já conhecem já estão acostumados e riem com seus dentes rotos apontando os dedos podres na direção de sua carne nua e crua o que vão pensar se eu mudar? você tem vergonha mudar é ridículo mudar é errado você tem vergonha você tem medo você tem sono você é fraco demais para mudar

ENTÃO VOCÊ NÃO MUDA!!!

então você não muda você não pode mudar você não consegue mudar quem
você é você não sabe quem você é você não sabe quem você é você é você é
você é você é você é você é você é você é você é você é você é você é
você é você é você é você é você é você é você é você é você é você é
você é você não sabe o seu valor você não sabe o seu nome você não sabe o seu
rostro você é apenas um reflexo no olhar dos outros você é fraco você é medroso
você não tem coragem de mudar você não existe silêncio não há banda você não
existe você não é ninguém quer ser seu amigo ninguém te ama ninguém te quer
ninguém te chama de meu bem o sorriso morto da múmia podre o quarto
escuro sujo de sangue onde os reflexos dos espelhos se refletem para você ad-
ormecer e perder a si mesmo você não é ninguém você é apenas um reflexo no
olhar dos outros seu melhor amigo se foi seu namorado se foi seu pai se foi você
se foi você não tem ninguém você não tem nem a si mesmo você se esqueceu de
você você não sabe quem você é você

SILÊNCIO!!!

Dor

Sono

Muito sono

Quem é você?

adormecer no quarto escuro e soltar-se no conforto da inconsciência adormecer fechar os olhos e deixar o mundo sumir sumir dentro de um mar negro embalado pelo gemido e pela canção de ninar dos fantasmas sumir e esquecer a vontade de mudar sumir e esquecer aquela vontade de ser feliz que de alguma forma continua batendo forte no peito sumir e esquecer as lembranças dos sonhos futuros sumir e esquecer o desprezo e o abandono sumir sumir para dentro de si mesmo, sumir no sorriso podre da múmia morta sumir sumir sumir sumir em uma folha qualquer eu desenho um sol amarelo sumir que descolorirá sumir sumir sumir você não precisa mais lutar sumir sumir sumir você pode dormir sumir sumir sumir e com cinco ou seis retas é fácil fazer um castelo sumir sumir sumir você pode adormecer sumir sumir sumir que descolorirá sumir sumir sumir sumir você não precisa mais lutar sumir o mundo some dentro do mar negro sumir embalado pelo gemido angustiado e pela canção de ninar dos fantasmas sumir sumir esquecer aquela vontade de ser feliz sumir que de alguma forma continua batendo forte no peito sumir esquecer a lembrança dos sonhos futuros sumir você não precisa mais saber quem você é sumir sumir sumir com o sangue frio escorrendo por suas entranhas, você pode simplesmente fechar os olhos e adormecer sumir sumir adormecer sumir sumir para dentro de si mesmo sumir sumir no sorriso podre da múmia morta sumir sumir sumir sumir sumir sumir...

sumir

silêncio

sumir

quem é você

seu pai não tem rosto você olha para seu pai e ele lhe é estranho seus amigos não tem rosto você olha para seus amigos e eles são estranhos seu namorado não tem rosto você olha para seu namorado e ele lhe é estranho são todos um reflexo que chega em seus olhos de algo que você não sabe muito bem o que é e eles movem e se alteram e reagem como eles vão reagir? como eles vão reagir a cada movimento de seu corpo a cada palavra que você ousar soltar no ar? você não sabe você não sabe e é tudo perigoso é tudo perigoso você se arrasta nesse quarto escuro seus dedos sangram a imagem turva de seu pai sorri a imagem podre de seu namorado estende-lhe a mão você sabe que ele quer fazer-te carne e lamber seus seios com sua língua rota as imagens vazias de seus amigos seguram câmeras de tirar fotos fotos que registrarão imagens de imagens que jamais serão novamente observadas exceto por algum acidente que levará olhos a uma direção equívoca que eles não procuravam e que agora não podem mais evitar imagens de imagens de um tempo em que você achou que era feliz mas agora eles são novamente estranhos sem rosto sem nome e indiferentes você vive em um mundo de pessoas sem rosto sem nome e sem forma um grande mundo das pessoas sem nome que se arrastam pela vida como lagartas procurando apenas comer e se reproduzir o homem sem rosto de terno preto e óculos escuros aponta seu dedo podre você é sujo você não é sujo você não é sujo todos somos sujos masturbando em nossos sonhos e lembranças a múmia morta quer te abraçar com seus laços frios e você se lembra que se esqueceu do rosto vazio de seu pai você se lembra que se esqueceu do rosto vazio de seu namorado tudo é uma grande ilusão na casa de espelhos quebrados que te deixam gordo e magro, exceto naquele ponto onde o espelho rachou e nada mais pode refletir somos todos imagens de imagens que se registram em algum cérebro vazio de alguma lagarta procurando comida e reprodução o silêncio no grande mundo das pessoas sem nome a solidão no grande mundo das pessoas sem nome a dor no grande mundo das pessoas sem nome o prazer vazio o sorriso roto as múmias mortas no quarto vazio as paredes sujas de sangue os fantasmas que arrastam suas correntes podres sem saber por quê a casa de tetos vazios no mar sem espelhos da morte seu pai é a imagem de uma imagem sem rosto seus amigos são a imagem de uma imagem sem rosto seu namorado é a imagem de uma imagem sem rosto o espelho não reflete no ponto em que está rachado a falta de sentido da vida aparece quando estamos sós os fantasmas aparecem quando estamos sós sós só sos por que te abandonam? sos por que te deixam? sos por que não te chamam de meu bem? porque não têm rosto porque não têm nome porque não têm forma porque são estranhos e só querem te julgar e te contaminar com seus

dedos podres te chamar de sujo observar e condenar cada um de seus movimentos cada uma de suas palavras seu pai não tem rosto seu pai não tem nome seu pai não tem forma o espelho não reflete no ponto em que está rachado porque só querem julgar e te condenar e te fazer carne lamber seus seios e beber de seu sangue e engolir o seu rosto e destruir os espelhos da casa de espelhos onde os reflexos se refletem e te fazem humano você está só só só

sos

Seja bem-vindo ao grande mundo das pessoas sem nome!

são todos estranhos e te machucam com suas garras afiadas e indiferentes te machucam com o silêncio te machucam ao te ignorar
seria melhor ser odiado seria melhor ser desprezado seria melhor ser maltratado
pelo menos você seria alguém pelo menos você seria alguém mas não há
nada pior do que ser ignorado não há nada pior do que não ser ninguém não
há nada pior do que não ser ninguém não há nada pior do que não exi-
stir você quer ter um rosto e um nome você quer ter uma forma você quer
ser importante nesse breve suspiro de vida você quer ser alguém nesse breve mo-
mento que temos antes de abraçar o mistério da morte você quer ser al-
guém você quer existir mas você recebe apenas o silêncio

Silêncio.

Silêncio.

Não há banda. É tudo uma gravação.

Silêncio.

O último uivo de um lobo solitário.

A casa de tetos vazios

no mar sem espelhos da morte.

O quarto escuro, as paredes sujas de sangue.

Os fantasmas arrastando suas correntes

em cada olho que resolve te olhar.

Silêncio.

Vagueio
Pela rua escura.
Pergunto às sombras
Quem sou.
Mas elas me respondem apenas
Com o seu silêncio sarcástico.
Atiro-me no prazer
Buscando um sentido
Mas encontro apenas um precipício
De dor.
Sou carregado por mil vampiros
Às portas de uma igreja
Onde imploro por meu nome.
O mesmo silêncio sarcástico,
A mesma angústia,
O mesmo vazio.
Viro as costas
E volto às ruas e sarjetas gélidas
Da cidade.
Lindas prostitutas passam por mim
Mas nenhuma que saiba o meu nome.
Mesmo que soubessem,
Que saberiam?
Um nome não serve para nada.
Arrastando-me na escuridão
Vejo a placa da rua onde me encontro.
E leio, desesperado,
À procura de minha identidade.
Porém, descubro pasmo,
Que a rua possuía o meu nome.
Sentei-me na calçada,
E chorei.

Quem você é?

私

O Grande
Livro das
Pessoas
sem
Nome

Leandro Soriano Marcolino

1^a Edição